

Perceções de Treinadores e Coordenadores Técnicos acerca da tomada de decisão sobre as transições entre escalões etários competitivos existentes ao longo da formação do jogador de futebol masculino

Dissertação apresentada com vista à obtenção do 2º ciclo em Treino Desportivo, especialização em Treino de Alto Rendimento, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, na redação dada pelo Decreto-Lei nº 65/2018 de 16 de agosto.

Orientador: Professora Doutora Patrícia Coutinho

Coorientador: Professor Doutor Júlio Garganta

João Miguel Gonçalves Conduto

Porto, 2023

FICHA DE CATALOGAÇÃO

Conduto, J. M. G. (2023). *Perceções de Treinadores e Coordenadores Técnicos acerca da tomada de decisão sobre as transições entre escalões etários competitivos existentes ao longo da formação do jogador de futebol masculino*. Porto: J. Conduto. Dissertação de Mestrado em Treino Desportivo – Treino de Alto Rendimento, apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: TRANSIÇÃO, ESCALÕES ETÁRIOS, DESENVOLVIMENTO DO PRATICANTE DESPORTIVO, TREINADORES, FUTEBOL.

Dedicatória

À minha mãe, o Homem que sou hoje, a ela o devo!

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação representa o término de uma etapa formativa do meu percurso académico e o culminar de todo o esforço realizado ao longo dos últimos oito anos da minha vida com o objetivo de desenvolver continuamente competências para que a minha intervenção profissional seja a mais adequada às exigências emergentes.

À Professora Doutora Patrícia Coutinho, pela orientação, auxílio, dedicação, confiança e muita paciência ao longo deste período de trabalho e por acreditar sempre no projeto, sobretudo quando tudo era colocado em causa. O meu sincero obrigado!

Ao Professor Doutor Júlio Garganta pelo apoio neste projeto e por ser o grande motivador da minha ingressão na FADEUP com a certeza de ser a melhor casa para continuar o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

A todos os professores da FADEUP, sobretudo ao professor José Soares, à professora Isabel Mesquita, ao professor Nuno Corte Real, ao professor José Guilherme, que me deram o privilégio de consigo aprender e sobretudo desenvolver o meu pensamento crítico, colocando recorrentemente tudo em causa.

A todos os treinadores e coordenadores técnicos que demonstraram interesse e disponibilidade para participar neste estudo com o objetivo de desenvolver novo conhecimento científico.

À Dr. Patrícia Martins e à Dr. Carla Mendes pelo auxílio incansável no domínio bibliográfico.

Aos meus colegas João Clemente e Tomás Zylberberg pelas horas contínuas de estudo, trabalho e apoio ao longo do primeiro ano do curso.

Ao meu amigo André Ferreira pela amizade, pela parceria técnica e pelas longas discussões sobre futebol até de madrugada.

Aos meus amigos Sara e Francisco pelo apoio que sempre me deram e pelo acolhimento sempre que foi necessário.

À minha madrinha Carolina por se preocupar sempre comigo e transmitir-me apoio sempre que necessário.

Ao meu irmão Ricardo pela forte amizade, pelo acompanhamento e pela paciência nas horas mais difíceis deste projeto.

Ao meu irmão Duarte por acreditar em mim tanto como eu e dar tudo pela minha causa.

À minha mãe, por TUDO, todo AMOR e DEDICAÇÃO ao longo de toda a minha vida. MUITO OBRIGADO!

Índice Geral

Índice de Quadros	IX
RESUMO.....	XI
ABSTRACT	XIII
Lista de abreviaturas	XV
I. Introdução.....	1
1.1. Justificação e pertinência do estudo	3
1.2. Estrutura da dissertação	4
II. Revisão de literatura	5
2.1. As transições dentro da carreira desportiva	13
2.2. As transições no contexto específico da modalidade de Futebol	15
III. Objetivos do estudo	25
3.1. Objetivo geral	27
3.2. Objetivo específico	27
IV. Metodologia	29
4.1. Delineamento Metodológico do Estudo.....	31
4.2. Participantes	32
4.3. Recolha de dados	36
4.4. Análise dos dados	39
4.5. Credibilidade dos dados	42
V. Resultados	45
5.1. Da conceção sobre o talento desportivo ao projeto de formação do jogador de futebol masculino.....	47
5.1.1. Sobre as transições verticais e horizontais dos jogadores... ..	54
5.1.2. Razões de ordem global para transitar antecipadamente um jogador entre escalões etários	57
5.2. A transição de jogadores no futebol de base	62
5.2.1. A identificação e avaliação de jogadores como trampolim para aferir a transição entre escalões	64
5.2.2. Tomada de decisão sobre a transição antecipada do jogador	68

5.2.3. Gestão da transição antecipada do jogador	69
5.2.3.1. Comunicação da transição antecipada ao jogador	74
5.3. Do futebol de base ao futebol especializado: nuances diferenciadas na transição dos jogadores	75
5.3.1. Identificação e avaliação de jogadores: maior objetividade dentro da subjetividade	78
5.3.2. Tomada de decisão sobre a transição antecipada do jogador: a importância de um sistema de comunicação eficiente entre as estruturas técnicas e coordenação.....	85
5.3.3. Gestão da transição antecipada do jogador	88
5.3.3.1. Comunicação da transição ao jogador	95
VI. Discussão	99
6.1. O projeto de formação do jogador de futebol masculino	101
6.2. Razões de ordem global para transitar antecipadamente um jogador entre escalões etários	104
6.3. As transições verticais e horizontais de jogadores	106
6.4. A identificação e avaliação de jogadores para aferir a transição entre escalões etários	110
6.5. Gestão do processo de transição antecipada do jogador	116
VII. Considerações finais	121
Referências Bibliográficas	129

Índice de Quadros

Quadro 1. Caracterização dos treinadores e coordenadores técnicos entrevistados	34
Quadro 2. Exemplo de extrato de dados e respetivo código de estudo	40
Quadro 3. Temas e subtemas resultantes da Análise Temática	41

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender as percepções de treinadores e coordenadores técnicos que integram a estrutura de um clube de referência na formação de jogadores masculinos de futebol em Portugal acerca do processo de transição do jogador entre escalões etários competitivos compreendidos entre os sub12 e a equipa sénior B. Participaram no estudo oito treinadores e dois coordenadores técnicos. Recorreu-se ao uso de entrevistas semiestruturadas que procuraram: (1) compreender quais as transições existentes entre escalões etários competitivos ao longo da carreira desportiva do jogador, (2) identificar a possibilidade de ocorrência de transições antecipadas de jogadores entre escalões etários competitivos, (3) compreender as razões que as sustentam e a identificação de jogadores com esse intuito, e (4) compreender como os agentes em causa (treinadores e coordenadores técnicos) efetuam a gestão de todo o processo de transição. Os resultados demonstraram a existência de transições entre escalões etários competitivos de sentido vertical e horizontal, sendo que verticalmente surgem identificadas cinco tipologias diferentes de situações transicionais antecipadas entre escalões etários competitivos que podem ser de sentido ascendente ou descendente, enquanto as transições horizontais contemplam a saída de jogadores para outros clubes. As razões que sustentam a decisão em transitar antecipadamente jogadores entre escalões etários competitivos passam por dar resposta à necessidade de os integrar no contexto mais adequado ao seu desenvolvimento (caso apresentem muito rendimento no seu escalão etário cronológico) e pela sua integração em diferentes escalões etários fomentando a criação de uma identidade transversal a toda a estrutura de formação. Os jogadores que transitam antecipadamente entre escalões etários competitivos são identificados como talentos que apresentam já bastante rendimento para o escalão etário onde competem. A gestão do processo de transição é adequada às necessidades e individualidades de cada jogador, pelo que não existe uma norma e um período estabelecido para o jogador integrar o escalão etário acima.

PALAVRAS-CHAVE: TRANSIÇÃO, ESCALÕES ETÁRIOS, DESENVOLVIMENTO DO PRATICANTE DESPORTIVO, TREINADORES, FUTEBOL.

ABSTRACT

This study aimed to understand the perceptions of coaches and technical coordinators who are part of the structure of a reference club in the formation of male football players in Portugal about the process of transition of the player between competitive age groups between the under-12 and the senior team B. Eight coaches and two technical coordinators participated in the study. We used semi-structured interviews that sought: (1) to understand the transitions between competitive age groups throughout the player's athletic career, (2) identify the possibility of early player transitions between competitive age groups, (3) understand the reasons that support them and the identification of players for this purpose, and (4) understand how the agents concerned (coaches and technical coordinators) manage the entire transition process. The results showed the existence of transitions between competitive age groups of vertical and horizontal direction. Vertically five different typologies of earlier transitional situations between competitive age groups that can be playing up or playing down were identified, while the horizontal transitions contemplate the de-selection of players to other clubs. The reasons that support the decision to move players in early transitions between competitive age groups are to respond to the need to integrate them in the most appropriate environment for their development (if they have shown a lot of performance in their chronological age group) and for their integration in different age groups, fostering the creation of a common identity to all of the youth formation structure. Players who move early between competitive age groups are identified as talents that already have shown enough performance for the age group where they compete. The management of the transition process is appropriate to the needs and individualities of each player, so there is no standard and a period established for the player to integrate the age group above.

KEYWORDS: TRANSITION, AGE GROUP, ATHLETE DEVELOPMENT, COACHES, FOOTBALL.

Lista de abreviaturas

AT – Análise Temática

CMJ – *counter movement jump*

EFB – Estágio de futebol de base

EFE – Estágio de futebol especializado

FA - *Football Association*

FCM - *Four Corner Model*

FDJ – Fase de desenvolvimento jovem

FFD – Fase fundamental de desenvolvimento

FPF – Federação Portuguesa de Futebol

MTCD – Modelo de Transição de Carreira Desportiva

TJS – Transição júnior-sénior

I. Introdução

1.1. Justificação e pertinência do estudo

O conceito de transição aplicada ao Desporto encontra-se na literatura integrado na temática do desenvolvimento da carreira desportiva do praticante (Stambulova et al., 2020). O termo «carreira desportiva» é definido por Alfermann e Stambulova (2007) para identificar um período plurianual, durante o qual um indivíduo pratica voluntariamente uma atividade desportiva com cariz competitivo, com o objetivo de alcançar o seu auge de performance num ou mais desportos. A identificação de períodos plurianuais parte da conceção da carreira desportiva composta por vários estágios de desenvolvimento segundo modelos descritivos de carreira (Bloom, 1985; Côté, 1999; Stambulova, 1994; Wylleman & Lavallee, 2004) entre os quais se evidenciam “transições” (Alfermann & Stambulova, 2007; Stambulova, 1994).

A carreira desportiva de um jogador de futebol é atravessa vários estágios e transições entre os mesmos, sendo a transição do estágio júnior para o estágio sénior a mais estudada na literatura (Finn & McKenna, 2010; Morris et al., 2016a; Morris et al., 2014, 2016b; Røynesdal et al., 2018; Swainston et al., 2020). Contudo, o modelo competitivo do futebol de formação masculino vigente assenta em patamares competitivos que se dividem em escalões etários com intervalos de um ou dois anos. Assim sendo, ao longo da carreira desportiva do jogador ocorrem “macro” transições entre estágios de desenvolvimento, mas também transições de menor magnitude entre escalões etários competitivos. Pese embora tal desiderato, a verdade é que o conhecimento teórico sobre as transições entre escalões etários competitivos ao longo da carreira de um praticante/jogador revela-se parco até à data e não acompanha a realidade que se observa no domínio da prática.

Nesse sentido, o presente estudo de caso procura compreender as perceções de treinadores e coordenadores técnicos de um clube de futebol de referência em Portugal sobre as transições existentes entre escalões etários competitivos no decorrer da formação do jogador de futebol masculino.

1.2. Estrutura da dissertação

A presente dissertação foi elaborada segundo as normas e orientações para a redação e a apresentações de dissertações da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP, 2009). A dissertação apresenta-se organizada em sete capítulos. O capítulo I contempla a introdução geral na qual se encontra a justificação e pertinência do estudo, assim como a estrutura da dissertação. O capítulo II desenvolve a revisão de literatura apresentando enquadramento teórico para a compreensão do problema de estudo e as lacunas associadas que direcionam para esta investigação. O capítulo III apresenta os objetivos gerais e específicos do estudo. O capítulo IV apresenta o delineamento metodológico que norteou a investigação, a importância de recurso ao paradigma interpretativo e metodologia qualitativa através de entrevista semiestruturada como instrumento de recolha de dados, os cuidados a ter com a sua construção, validação e aplicação, assim como o processo de Análise Temática utilizado. O capítulo V contempla os resultados do estudo apresentados em temas e subtemas definidos pelo procedimento de análise e sustentados na apresentação de dados transcritos. O capítulo VI desenvolve a discussão dos resultados através da problematização do objeto de estudo com literatura científica abrangente aos temas e subtemas apresentados. Por fim, o capítulo VII remete as considerações finais, as quais englobam a sinopse dos principais resultados evidenciando os conhecimentos mais relevantes, as limitações metodológicas do presente estudo, sugestões sobre implicações no domínio prático e perspectivas investigações futuras.

II. Revisão de literatura

A primeira referência conceptual do termo “transição” encontrado na literatura surge do trabalho de Schlossberg (1981), na área de Psicologia de Aconselhamento, não associada ao desporto. Neste contexto, a autora desenvolve o modelo de «adaptação humana à transição», entendendo que a «transição é um evento ou não evento que resulta de pressupostos sobre o individuo em si mesmo e o mundo, e, portanto, requer uma mudança correspondente no comportamento e relações de cada um».

Este modelo procura atribuir importância à forma como o individuo percebe a ocorrência de uma mudança, tal como um evento (e.g., um novo desafio profissional) ou um não evento (e.g., quando uma promoção profissional esperada não ocorreu), e também como esta impacta particularmente a sua vida, criando uma necessidade de adaptação (Schlossberg, 1981).

A adaptação à transição é afetada por três fatores: (1) as características específicas da transição (a situação); (2) as características contextuais do pré e pós transição (o suporte); (3): as características pessoais do individuo (Alfermann & Stambulova, 2007; Schlossberg, 1981). Posteriormente, o respetivo modelo foi desenvolvido com a inclusão de um quarto fator, i.e., (4) as estratégias, que influencia a capacidade do individuo lidar com a transição (Alfermann & Stambulova, 2007; Schlossberg, 1984).

O fator *situação* é o «evento ou não evento» que causa a ocorrência da transição e a perceção com que o individuo entende a mesma. Entenda-se como exemplo de um evento a graduação académica, uma nova oportunidade profissional, o casamento, enquanto o não evento se refere a eventos que não surgiram, como, por exemplo, uma promoção profissional que não ocorreu quando esperado, e as alterações que ocorrem da mesma (ex: ganhos vs perdas, timing, duração) (Schlossberg, 1981). O fator *individuo*, corresponde às características individuais do mesmo, como, por exemplo, o sexo e orientação sexual, a idade, o estado de saúde, o estatuto sócio económico e as suas experiências prévias com uma transição de natureza similar (Schlossberg, 1981). O fator *suporte* compreende o apoio existente que auxilia o processo de transição, o qual pode ser de natureza familiar, profissional ou social

(Schlossberg, 1981). O fator *estratégias* relaciona-se com as ações e adaptações que o indivíduo executa para ter sucesso na dita transição, como, por exemplo, a procura de informação, ação ou inibição de ação, gestão de recursos materiais ou temporais (Alfermann & Stambulova, 2007; Schlossberg, 1984). O processo e o resultado de uma transição encontram-se, assim, dependente da interação destes quatro fatores, sendo as estratégias consideradas o fator chave enquanto os outros fatores são considerados fatores influenciadores (Alfermann & Stambulova, 2007).

O conceito de transição aplicado ao contexto desportivo surgiu aquando da realização de estudos empíricos sobre as transições de carreira desportiva para o pós-carreira (Baillie & Danish, 1992; Sinclair & Orlick, 1994; Swain, 1991; Werthner & Orlick, 1986). Estes autores partiram do entendimento conceptual de «transição» do trabalho desenvolvido por Schlossberg (1981, 1984), para estudar o processo de término de carreira desportiva de praticantes de elite e suas experiências adaptativas à aposentação.

Taylor e Ogilvie (1994) resumiram o desenvolvimento dos estudos empíricos sobre o processo de transição de carreira para o pós-carreira desportiva e conceptualizaram um modelo de adaptação a este processo. Segundo esse modelo (Taylor & Ogilvie, 1994), a qualidade da aposentação do praticante depende de três fatores: (1) as causas que conduziram à aposentação; (2) as adaptações à mudança; e 3) os recursos que o praticante dispõe para se adaptar à mudança. À semelhança do modelo de Schlossberg (1981, 1984), a qualidade de adaptação à mudança, depende da interação desses três fatores.

Dos primeiros estudos empíricos ao Modelo de Transição de Carreira Desportiva

Tendo como base a investigação empírica sobre o desenvolvimento da carreira desportiva no contexto russo, Stambulova (1994) desenvolve dois

modelos teóricos descritivos sobre a carreira desportiva: (1) o modelo descritivo sintético; e (2) o modelo descritivo analítico. O modelo descritivo sintético procura explicar as características da carreira desportiva (ex: duração, nível de especialização, o nível de sucesso) enquanto o modelo descritivo analítico procura analisar o curso temporal da carreira desportiva expressa em diferentes estágios aos quais são associados períodos (iniciação, especialização, rendimento e aposentação), o nível de profissionalização (desporto de massas, amador ou profissional) e as faixas etárias compreendidas (Stambulova, 1994). O termo «carreira desportiva» é, então, definido por Stambulova (1994) como um período plurianual, durante o qual um indivíduo pratica voluntariamente uma atividade desportiva com cariz competitivo, com o objetivo de alcançar o seu pico de performance num ou mais desportos (Alfermann & Stambulova, 2007).

Outros autores (Bloom, 1985; Salmela, 1994; Wylleman & Lavallee, 2004) apresentaram modelos descritivos de carreira semelhantes ao modelo de Stambulova (1994), nos quais identificam que a carreira desportiva é composta por vários estágios que compreendem períodos desde a iniciação, continuação da participação competitiva de forma organizada e estruturada durante períodos de desenvolvimento e alto-rendimento, até ao término da prática por decisão voluntária ou involuntária à vontade do praticante (Stambulova, 1994; Wylleman & Lavallee, 2004). Porém, o estudo de Stambulova (1994) apresentou-se pioneiro porquanto considerou a conceptualização da existência de «transições» entre os vários estágios de carreira desportiva.

Deste modo, Stambulova (1994) considera a existência de transições preditas entre cada estágio da carreira desportiva, apresentando, a existência de sete transições no domínio de uma carreira desportiva de elite, nomeadamente: 1) o início da especialização desportiva, 2) a transição para o treino intensivo num determinado desporto; 3) a transição da prática de desporto recreativo para o desporto de alto rendimento; (4) a transição do desporto jovem para o desporto adulto; 5) a transição do desporto amador para o desporto profissional; 6) a transição do pico da carreira para término da carreira; e, finalmente, 7) o término da carreira (Stambulova, 1994).

Os resultados do estudo de Stambulova (1994) apresentam uma associação entre as transições e dificuldades de várias ordens (exemplo: domínio das habilidades técnicas, desenvolvimento físico, exigência competitiva, entre outras), que devem ser identificadas. O estudo destacou de forma recorrente “os medos”, os novos desafios, as lesões, a [falta de] apoio familiar, a pressão do treinador, como fatores de dificuldade influenciadores a que cada transição é sujeita. Devido a estas dificuldades associadas, as transições são consideradas pela investigadora como “crises”, onde emergem novas exigências a cada estágio de carreira, associadas à prática desportiva, às competições, às necessidades comunicativas, ao próprio estilo de vida do praticante, com as quais o respetivo tem de lidar para continuar a ter sucesso nas transições entre estágios (Alfermann & Stambulova, 2007; Stambulova, 1994). Tendo em consideração estes resultados, a investigadora aponta a necessidade de criação de um sistema de apoio ao praticante em cada estágio da carreira desportiva de forma a dar resposta às dificuldades e problemas detetados (Stambulova, 1994).

Posteriormente, o desenvolvimento da investigação sobre as transições na carreira desportiva conduziu à conceptualização da «transição» como um processo de mudança que ocorre ao longo do tempo ao invés de um acontecimento isolado (Wylleman et al., 1999). Esta conceptualização e as necessidades evidenciadas no seu estudo anterior (Stambulova, 1994), levou a que Stambulova (2003) produzisse «o Modelo de Transição de Carreira Desportiva» (MTCD), que se veio a desenvolver ao longo do tempo (Stambulova, 2016) o qual descreve e explica o processo de transição através da interação de vários fatores que podem resultar em três vias de transição diferentes.

Segundo o MTCD (Stambulova, 2003, 2016), o processo de transição é definido pela forma como o praticante lida perante um conjunto de exigências que surgem associadas à transição, através de recursos internos (exemplo: características pessoais, autoconhecimento, habilidades, personalidade) e/ou externos (exemplo: apoio social ou económico) de que dispõe e do conflito que pode gerar com a emergência de várias barreiras (exemplo: falta de conhecimento, conflitos interpessoais, ausência de condições materiais,

ausência de apoio social e económico) (Alfermann & Stambulova, 2007; Stambulova, 2003, 2016) .

A capacidade de o praticante desportivo lidar com o equilíbrio entre as exigências associadas à transição, os recursos e barreiras emergentes, sugere que ocorra uma transição bem-sucedida ou uma transição de crise, a qual pode requer a necessidade de uma intervenção externa e tornar-se bem-sucedida tardiamente ou ditar-se a ocorrência de uma transição falhada (Alfermann & Stambulova, 2007; Stambulova, 2003, 2016; Stambulova & Samuel, 2019). As transições bem-sucedidas compreendem a superação de exigências associadas à transição de uma forma favorável e a continuação do percurso da carreira desportiva. A necessidade de lidar com exigências associadas às transições pode aumentar o nível de stress vivenciado pelos praticantes no seu percurso desportivo e a probabilidade de resultar numa transição de crise. Assim, as transições de crise resultam da incapacidade do praticante em lidar com as exigências associadas à transição, facto que pode resultar de recursos insuficientes e/ou o impacto excessivo de barreiras. Caracterizam-se recorrentemente pela existência de perturbações na autoestima, desconforto emocional, desorientação para tomar decisões e comportamento, sendo indicadores de uma necessidade de intervenção externa (exemplo: acompanhamento psicológico). Em caso de intervenção externa eficaz, a transição de crise pode resultar em transição bem-sucedida tardia. Em casos mais graves (exemplo: abuso de substâncias, overtraining), a incapacidade de lidar com as exigências da transição conduzem ao abandono da prática, ocorrendo uma transição falhada (Alfermann & Stambulova, 2007; Stambulova, 2003, 2016; Stambulova & Samuel, 2019).

Para além do seu resultado, a taxonomia das transições de carreira desportiva é baseada em mais dois fatores: (1) o domínio da vida com a qual se relaciona; (2) a preditabilidade das transições (Stambulova, 2017). No que concerne ao domínio da vida na qual ocorrem, as transições de carreira estão classificadas como atléticas (e.g., transições entre estágios/fases que compõem a carreira desportiva) (Stambulova, 1994, 2003, 2016), não atléticas (outras esferas da vida) (Wylleman & Lavallee, 2004) e as transições relativas à carreira

dual (transições entre o desporto e a educação) (Stambulova & Wylleman, 2015). O modelo holístico de carreira atlética (Wylleman & Lavallee, 2004; Wylleman et al., 2013) sugere que existe uma interação entre as transições atléticas e transições não atléticas (exemplo: transições da puberdade para a vida adulta, do ensino secundário para o ensino superior ou para a vida profissional) que influenciam o desenvolvimento do praticante e originam mudanças nos domínios psicológico, psicossocial e académico, podendo resultar na criação de novas identidades (Franck, 2018; Gledhill & Harwood, 2015).

No que concerne à predictabilidade, as transições estão classificadas como normativas, não normativas e quasi-normativas. As transições normativas são consideradas previsíveis ao longo da carreira desportiva, pelo qual se podem prepará-las antecipadamente (exemplo: transição entre o estágio de iniciação à prática desportiva e o estágio de especialização) (Alfermann & Stambulova, 2007; Stambulova, 2003, 2017; Stambulova & Samuel, 2019). As transições não normativas são consideradas menos previsíveis (exemplo: lesões, *overtraining*, mudança de equipa e/ou clube), pelo que não são passíveis de se prepararem com antecedência, podendo mais facilmente resultar em transições de crise (Alfermann & Stambulova, 2007; Stambulova, 2003, 2017; Stambulova & Samuel, 2019). As transições quasi-normativas surgem baseadas num conhecimento ou estudo prévio (Stambulova, 2016), nos quais se podem considerar transições previsíveis para determinados grupos de praticantes que devem ser planeadas e preparadas antecipadamente, como, por exemplo, praticantes jovens de elite que transitem da sua residência para centros de alto rendimento ou praticantes que transitem entre diferentes contextos culturais (Stambulova & Samuel, 2019).

No que concerne à concetualização deste tema, ou seja, das transições existentes no domínio desportivo, Stambulova e Samuel (2019) desenvolveram recentemente uma revisão narrativa na qual sugerem que este tema de estudo se encontra, assim, segmentado em três concetualizações, nomeadamente: 1) a transição da carreira para o pós-carreira; 2) a definição de transições entre estágios ao longo da carreira desportiva associado às exigências que os praticantes têm de lidar para continuar a ter sucesso no desporto (ou noutras

esferas da vida); e 3) a caracterização da carreira desportiva pelo aparecimento de vários tipos de mudanças de natureza transacional.

2.1. As transições dentro da carreira desportiva

Segundo a literatura científica, a maior transição ocorrida dentro da carreira desportiva refere-se à transição entre os estágios júnior e sénior (TJS) (Stambulova & Samuel, 2019). A sua conceptualização parte dos estudos de Stambulova (1994, 2003, 2016) e caracteriza-se pela progressão de competições jovens para competições de nível sénior, em praticantes individuais, e, pela integração de praticantes em treino e suscetíveis de competir em equipas seniores, nos desportos coletivos (Stambulova, 1994). As exigentes condições desportivas e o impacto social a que o desporto sénior é sujeito, origina uma maior necessidade aos praticantes sujeitos a estas transições em dar resposta às exigências psicológicas, psicossociais, académicas e financeiras emergentes (Franck et al., 2018; Franck et al., 2016; Wylleman & Rosier, 2016). Deste modo, esta transição despertou o interesse dos investigadores pela sua magnitude e por ser uma fase que poderá condicionar o acesso a níveis de rendimento superiores (Stambulova, 1994, 2003, 2016).

No que concerne às exigências associadas, a TJS evidencia-se pelo desenvolvimento de um maior desafio físico e mental para os praticantes (Bruner et al., 2008), o que pode promover ansiedade e incerteza em relação às suas capacidades, níveis de performance e interação social com os praticantes seniores (Calvo et al., 2009). Segundo a investigação da TJS, de forma a dar resposta a estas exigências, a providência de apoio social de cariz motivacional, assim como uma definição ajustada das expetativas do praticante, tornam-se elementos facilitadores do desenvolvimento do praticante, existindo uma maior possibilidade deste experienciar uma transição positiva (Bruner et al., 2008; Pummell, 2008). Contudo, caso o apoio social providenciado tenha como foco a performance, resultados desportivos e a pressão em alcançar o sucesso,

tornam-se barreiras causando dificuldades acrescidas ao praticante. (Bruner et al., 2008; Pummell, 2008).

No que concerne à sua transposição com sucesso, a investigação sobre a TJS aponta que apenas 20% a 30% de praticantes consegue lidar eficazmente com a mesma, sendo que a maioria termina em situação de *dropout* ou a praticar desporto a nível recreacional (Franck, 2018). Desse modo, a TJS é considerada decisiva para os praticantes que procuram atingir o alto rendimento e uma das mais desafiadoras dentro da carreira desportiva (Stambulova & Wylleman, 2014).

A TJS poderá durar entre vários meses a alguns anos pelo que pode ser descrita em várias fases dentro de si mesma (Pehrson et al., 2017; Stambulova et al., 2017). Os investigadores (Stambulova et al., 2017) criaram um modelo empírico compreendendo a TJS em quatro fases desportivas (preparação, orientação, adaptação e estabilização), nos quais os praticantes participantes no estudo partilharam as suas experiências e apontaram diferentes exigências, barreiras, recursos, estratégias e resultados sobre fase período. Pehrson et al. (2017) validaram o modelo empírico com praticantes e treinadores profissionais, no qual concluíram que o modelo considerado adequado e útil, aponta variabilidade e não linearidade nas trajetórias de TJS dos vários praticantes.

Outros estudos (Henriksen et al., 2010a, 2010b, 2011) abordaram a TJS através de uma perspetiva holística ecológica com foco no contexto como facilitador ou entrave à transição. Vários estudos referiram como fatores de sucesso na TJS os recursos pessoais do praticante, contextos favoráveis de trabalho com assistência profissional e boas relações com treinadores, colegas e familiares (Franck, 2018; Gledhill & Harwood, 2015; Henriksen & Stambulova, 2017; Morris et al., 2014). A literatura destaca, ainda, o benefício de os praticantes construírem identidades múltiplas noutras esferas da vida para além da esfera atlética e o seu reconhecimento por treinadores, colegas e familiares (Franck, 2018; Gledhill & Harwood, 2015).

2.2. As transições no contexto específico da modalidade de Futebol

No seguimento da TJS como a transição mais decisiva e desafiadora dentro da carreira desportiva do praticante (Stambulova & Wylleman, 2014), diversos estudos, no âmbito do futebol, procuraram compreender os processos de transição do estágio de futebol jovem para o futebol profissional (Finn & McKenna, 2010; Morris et al., 2016a; Morris et al., 2014, 2016b; Relvas, 2010; Richardson et al., 2012; Røynesdal et al., 2018; Swainston et al., 2020). Estes estudos procuraram compreender qual a perceção dos treinadores (Finn & McKenna, 2010; Morris et al., 2014; Røynesdal et al., 2018), de elementos de staff e pais de praticantes (Morris et al., 2016b) dos jogadores (Morris et al., 2016a; Morris et al., 2014; Richardson et al., 2012; Swainston et al., 2020) em relação ao processo de transição entre os estágios. A investigação caracteriza a TJS no futebol, de um modo geral, por um aumento de exigências físicas e técnicas no padrão de jogo e um aumento de exigências psicológicas associadas ao autocontrolo do praticante (Finn & McKenna, 2010; Morris et al., 2016a; Morris et al., 2016b; Relvas, 2010).

Por exemplo, estudos realizados no contexto do futebol no Reino Unido procuraram compreender a perceção de treinadores (Finn & McKenna, 2010; Røynesdal et al., 2018), elementos de staff técnico e pais de praticantes (Morris et al., 2016b) acerca das exigências, barreiras, recursos e estratégias de adaptação do jogador que influenciavam a TJS. Todos os estudos foram conduzidos com recurso a entrevistas semiestruturadas e apresentaram resultados semelhantes. Concretamente, os praticantes experienciam um período de adaptação à prática e contexto cultural do futebol sénior, no qual surgem um conjunto de exigências que se pretendem ultrapassadas, através do desenvolvimento de competências individuais em cada praticante e os recursos que dispõem para as enfrentar.

No que concerne ao período de adaptação, os participantes dos estudos mencionados anteriormente enfatizam a importância integração do praticante num contexto de prática que se caracteriza pela exigência física (exemplo: jogo

mais rápido, adversários mais fortes), técnica, tática, o que exige o desenvolvimento dessas capacidades de forma a dar resposta às adversidades da prática (Morris et al., 2016b). A estas acrescenta-se o ambiente cultural da equipa sénior que se caracteriza pela cultura exacerbada de vitória onde o erro não é tolerável, ao invés do contexto de desenvolvimento do qual transitam, pelo que a ocorrência de um baixo nível de performance, cria nos praticantes um nível de pressão acrescido, originado de ambos pares e adversários (Finn & McKenna, 2010; Morris et al., 2016b; Røynesdal et al., 2018).

Relativamente às competências individuais, os estudos (Morris et al., 2016b; Røynesdal et al., 2018) focam a necessidade do praticante desenvolver o seu conhecimento em relação à complexidade do processo de transição e ao stress associado, considerando que este se encontra melhor preparado para se adaptar à TJS caso entenda as exigências que vão surgir. Focam, ainda, a necessidade do praticante desenvolver conhecimento sobre os seus próprios atributos físicos e mentais, a forma como estes impactam a sua performance, o nível de competitividade dos praticantes seniores que vão enfrentar e o que precisam de atingir para ter sucesso, bem como os princípios, ideias e as funções que lhes são requisitadas pelo treinador (exemplo: jogar noutra posição, cumprir princípios de ideia de jogo).

Outras características individuais referidas como importantes são as competências de cariz psicológico, o foco em atingir o sucesso e a resiliência no trabalho de forma a alcançar no patamar sénior o mesmo sucesso que alcançaram no patamar júnior, assim como a capacidade de controlar as emoções perante a adversidade e refletir sobre as adversidades que surgem ao longo do processo (Finn & McKenna, 2010; Morris et al., 2016b; Røynesdal et al., 2018).

O apoio social de cariz informacional e motivacional de colegas, treinadores, elementos de staff, familiares e amigos também são destacados como fatores facilitadores do processo de transição (Finn & McKenna, 2010; Morris et al., 2016b; Røynesdal et al., 2018). Através desse apoio, treinadores e colegas podem transmitir aos praticantes suporte informacional de ordem técnica

e/ou tática, que lhes vai permitir conhecer algumas exigências que lhes são feitas na prática e estar mais próximo de obter sucesso a enfrentá-las. O apoio motivacional tem comumente maior origem em familiares e amigos, podendo também ser fornecido por elementos do staff técnico, psicólogos ou fisioterapeutas (Finn & McKenna, 2010; Morris et al., 2016b; Røynesdal et al., 2018).

Outra percepção importante disponibilizada pelo estudo de Morris e colaboradores (2016b) é a importância do desenvolvimento de capacidades gerado pela experiência de transições ocorridas entre escalões etários jovens. De acordo com esta percepção, caso os praticantes tenham em consideração a importância das experiências vividas em transições transatas, o conhecimento que detêm sobre o processo de transição (as exigências, barreiras e recursos associados), as habilidades e técnicas que obtiveram ao longo das transições na sua carreira jovem, permitir-lhes-á compreender que tipo de estratégias poderão auxiliar a sua transição para o futebol sénior.

Segundo estudos realizados com foco na compreensão da percepção dos praticantes sobre a sua TJS (Morris et al., 2016a; Swainston et al., 2020), os resultados apresentaram-se concomitantes com os estudos citados anteriormente. Os praticantes também referem a existência de um período de adaptação ao futebol sénior, o qual caracterizam como mais exigente do ponto de vista físico e tático, o que lhes requer a necessidade de desenvolverem a componente física, a capacidade de tomada de decisão e procurarem compreender o que o treinador lhes exige para executar a sua função no jogo (Swainston et al., 2020). Os praticantes apontam, ainda, a importância da integração na dinâmica social, o sentimento de pertença, suporte organizacional e capacidade psicológica de lidarem com as exigências da equipa sénior de forma obter uma integração positiva (Morris et al., 2016a; Swainston et al., 2020).

Das “macro” às “micro” transições existentes na carreira desportiva do jogador: um imperativo a explorar

A percepção sobre o desenvolvimento de capacidades para lidar com períodos de adaptação da TJS, originado ao longo de transições entre escalões etários anteriores, segundo Morris e colaboradores (2016b), sugere a existência de transições entre escalões etários anteriores à TJS e a sua importância para os praticantes lidarem com uma transição de maior magnitude (entre estágios). Porém, esta área de estudo encontra-se, ainda, pouco explorada, pelo que, no melhor do nosso conhecimento, a informação é parca ou mesmo inexistente a este nível.

Os vários estudos analisados (Finn & McKenna, 2010; Morris et al., 2016b; Røynesdal et al., 2018) procuraram entender o impacto da TJS no jogador de futebol e as adaptações necessárias à sua transição para o desporto sénior, incluindo o apoio social de treinadores e de elementos do staff técnico. Contudo, os mesmos estudos não abordam a importância de considerar o momento adequado para a ocorrência da transição de jogadores entre escalões etários competitivos, nem as variáveis que podem determinar essa transição, nem como é ponderada a sua gestão. Não temos conhecimento de nenhum estudo nesta temática em específico no contexto do Futebol.

Em boa verdade, sabemos que o modelo competitivo do futebol praticado por jovens vigente em Portugal, na atualidade, assenta no escalonamento em função da idade cronológica do jogador, pelo que a cada época desportiva estamos perante uma “micro-transição” entre escalões etários competitivos na formação (Côté, 1999; Stambulova, 1994; Wylleman & Lavalée, 2004).

Sabemos, também, que alguns jogadores vão, ao longo da sua formação, vivenciando momentos de treino e competição integrados em contextos de escalões etários superiores, aos quais podem surgir associados benefícios ou malefícios que impactem o seu desenvolvimento. Nesse sentido, a ocorrência de jogadores de futebol a «competir acima» do seu escalão etário competitivo,

tendo em consideração a sua idade cronológica, é já um fenómeno empírico considerado pela investigação científica (Goldman et al., 2021; Kelly et al., 2020a).

Kelly et al. (2020) conduziram uma investigação multidisciplinar alinhada segundo o *Four Corner Model* (FCM) da *Football Association* (FA), onde procuraram examinar que fatores diferenciavam jogadores de futebol que competiam acima da sua idade cronológica em relação aos seus pares que não o faziam. O estudo realizou-se com a participação de noventa e oito jogadores de uma academia de um clube de futebol profissional inglês, categorizados na fase fundamental de desenvolvimento (FFD, com idades entre os sub9 e os sub11) e na fase de desenvolvimento jovem (FDJ, com idades entre os sub12 e os sub16) (Kelly et al., 2020). Ao longo de uma época desportiva foram recolhidos dados através da avaliação de competências tático-técnicas, físicas, psicológicas e sociais, segmentadas em vários fatores.

Os resultados do estudo apresentam várias diferenças estatisticamente significativas entre grupos de jogadores que «competem acima» quando em comparação com grupos de jogadores que não o fazem, nos escalões que compõem a FFD e nos escalões que compõem a FDJ (Kelly et al., 2020). No que diz respeito às diferenças tático-técnicas, dentro dos escalões etários que compõem a FFD, os jogadores que «competem acima» apresentam maior sucesso em número de passes completos, maior execução de passes longos e maior perceção cognitiva. Já dentro dos escalões etários que compõem FDJ, os jogadores que «competem acima» apresentam maior número de contactos com a bola.

No que diz respeito às diferenças físicas, não se evidenciaram diferenças nos escalões etários que compõem a FFD, mas dentro da FDJ, os jogadores com «competem acima» apresentam maior índice percentual na altura adulta estimada, maior altura de salto no *counter movement jump* (CMJ) e maior velocidade de sprints de 10 e 30 metros, portanto diferenças consideráveis nas suas capacidades físicas (Kelly et al., 2020).

No que diz respeito às diferenças psicológicas, não se evidenciaram diferenças significantes na comparação de entre grupos de jogadores em nenhuma das fases (Kelly et al., 2020). No que diz respeito às diferenças sociais, dentro da FFD, os jogadores que «competem acima» apresentam maior número de horas de prática no futebol e noutros desportos, face aos jogadores que não o fazem, já dentro da FDJ, os jogadores que «competem acima» apresentam maior número de horas de prática guiada no futebol, face aos jogadores que não o fazem (Kelly et al., 2020).

O FCM utilizado por Kelly e colaboradores (2020) para guiar o seu estudo é um modelo aplicado à prática preconizado pela FA com o objetivo de promover o desenvolvimento holístico e a avaliação do jogador de futebol inglês ao longo da sua formação, assente em quatro fatores: (a) técnico/tático, (b) físico, (c) psicológico e (d) social (The Football Association, 2014, 2020). A conceção de um desenvolvimento desportivo multidisciplinar, à semelhança da filosofia do FCM, promoveu um incremento de investigação científica sobre o desenvolvimento desportivo holístico do jogador de futebol, apresentando evidências sobre a importância do desenvolvimento de vários fatores com vista ao alcance da especialização (Kelly et al., 2020a; Sarmiento et al., 2018).

Por outro lado, Goldman e colaboradores (2021) conduziram um estudo no qual investigaram as perceções de dezassete praticantes de futebol de quatro clubes do Canadá, com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos, com recurso a entrevistas, em relação à sua prática em «competir acima» do seu escalão etário e como esta impactou as suas competências desportivas e o seu desenvolvimento psicossocial. Os resultados do estudo demonstram que os praticantes percebem a sua prática em «competir acima» caracterizada por um equilíbrio entre desafios e desenvolvimento.

No estudo de Goldman e colaboradores (2021), no que concerne aos desafios desportivos enfrentados, os praticantes indicaram maiores dificuldades a nível físico, evidenciando que quando competiam acima do seu escalão etário enfrentavam adversários «mais fortes, mais rápidos e com mais competências específicas da modalidade». Tal facto era percebido pelos praticantes como um

incremento de intensidade competitiva da prática, já que os seus pares com idade cronológica superior estabeleciam padrões de performance mais elevados, o que conduzia a um aumento de volumes de treino e exigia uma maior necessidade de desenvolvimento de capacidades físicas e competências específicas da modalidade. Os participantes perceberam, ainda, um aumento de erros durante a prática com pares de idade cronológica superior, resultantes das exigências supracitadas, quando em comparação com a prática com pares da mesma idade cronológica, impactando negativamente a sua confiança devido ao insucesso ou positivamente quando apresentando sucesso perante tal adversidade (Goldman et al., 2021).

Na perspetiva psicossocial, os participantes sugeriram dificuldades de integração com pares de idade cronológica superior, resultantes de diferenças sociais evidenciadas (exemplo: nível de maturidade, nível de comprometimento com a equipa, diferentes níveis e locais de estudo e residência). As dificuldades apresentadas sugeriam a falta de apoio social e desportivo intraprática, afetando a confiança e performance dos praticantes, e extra prática, sendo causa de isolamento social. Para além destas, o impacto social e desportivo do treinador também foi mencionado, sendo que os participantes entenderam que o feedback construtivo dos treinadores ajuda a promover a confiança e o respeito mútuos, ao invés de como um feedback não instrutivo em relação às falhas identificadas, ajuda a promover a falta de confiança e respeito (Goldman et al., 2021).

No que concerne ao seu desenvolvimento, os praticantes destacaram a prática de «competir acima» como uma experiência que lhes permitiu desenvolver competências específicas do futebol, assim como progressos na dimensão psicossocial e relações intraequipa. A ocorrência dessa experiência é percebida pelos participantes como um reconhecimento das suas competências por parte dos treinadores que decidem a sua promoção ao patamar seguinte, transmitindo-lhes confiança. Este fenómeno é entendido pelos participantes como um fator motivacional para continuarem a desenvolver as suas competências e as suas capacidades físicas. Relativamente à sua relação social com pares, os participantes interpretam como uma promoção no seu estatuto social o facto de se integrarem e competirem com pares de idade cronológica

superior, quando em comparação com pares da sua idade cronológica. Esta relação é entendida como promotora de confiança originando janelas de oportunidade para o desenvolvimento de competências pessoais e de intervenção para o desenvolvimento de competências interpessoais com os seus pares (Goldman et al., 2021).

De forma global, o estudo de Goldman e colaboradores (2021) demonstra que a prática de «competir acima» é percebida pelos participantes como um marco importante no seu percurso formativo. Nesse sentido, os participantes entendem que «competir acima» permite-lhes competir em níveis competitivos mais elevados com e contra pares de idade cronológica superior, possivelmente de variadas regiões com diferentes estilos de jogo associados. Os jogadores consideram que estes fatores associados vão conduzir ao desenvolvimento de competências específicas do futebol e ao desenvolvimento da sua capacidade física que lhes pode ajudar a alcançar a níveis de especialização e tornarem-se praticantes mais competitivos. Contudo, em sentido inverso, praticantes que não perseguem este objetivo, podem-se sentir desintegrados em grupos com determinada ambição (Goldman et al., 2021).

Os estudos realizados com praticantes que competem acima da sua idade cronológica apontam a existência de um aumento de exigências desportivas e sociais, mais especificamente nas suas competências tático-técnicas, físicas e psicológicas (Goldman et al., 2021; Kelly et al., 2020). Exigências desportivas deste cariz evidenciam-se, também, como referido anteriormente, presentes em transições de ordem macro, entre grandes estágios desportivos (Stambulova, 2016; Wylleman & Lavallee, 2004), nomeadamente na TJS no futebol (Finn & McKenna, 2010; Morris et al., 2016a; Morris et al., 2014, 2016b; Relvas, 2010; Røynesdal et al., 2018; Swainston et al., 2020).

Apesar de dispormos de algum conhecimento empírico sobre as transições de ordem “macro” (i.e., como acima identificado, da formação para a profissionalidade no desporto), a verdade é que este conhecimento se afigura, ainda, pouco consistente. Para além disso, tanto quanto conseguimos apurar, pouco se sabe sobre as transições de ordem “micro” na carreira do praticante

(i.e., transições entre escalões etários competitivos ao longo da carreira desportiva) e, em particular, durante a formação do praticante.

Sabemos, também, que, ao longo da formação, os jogadores que transitam antecipadamente entre escalões etários competitivos, vivenciam diversos desafios que podem (ou não) contribuir favoravelmente para o seu desenvolvimento. Por este motivo, consideramos importante perceber quais as razões que levam os treinadores/coordenadores a tomar esta decisão, de modo a compreender como é que a gestão da carreira do jogador e do seu desenvolvimento é efetuada.

III. Objetivos do estudo

3.1. Objetivo geral

Compreender as percepções de treinadores e coordenadores técnicos que integram a estrutura de um clube de referência na formação de jogadores masculinos de futebol em Portugal acerca do processo de transição do jogador entre escalões etários competitivos compreendidos entre os sub12 e a equipa sénior B, que se apresenta como sendo o último patamar anterior ao futebol sénior profissional.

3.2. Objetivo específico

Tendo em consideração o objetivo geral do estudo, foram formulados os seguintes objetivos específicos:

1. compreender quais são os grandes objetivos do projeto de formação do jogador de futebol masculino do clube em análise;
2. compreender quais as transições existentes entre escalões etários competitivos ao longo da carreira desportiva do jogador;
3. identificar a possibilidade de ocorrência de transições antecipadas de jogadores entre os escalões etários competitivos de à equipa sénior B;
4. compreender quais são os agentes responsáveis pela tomada de decisão em transitar jogadores antecipadamente entre os escalões etários competitivos,
5. compreender quais são as razões para a tomada de decisão em transitar jogadores antecipadamente entre os escalões etários competitivos;
6. compreender o método de identificação de jogadores com esse intuito;
7. compreender como os agentes em causa (treinadores e coordenadores técnicos) efetuam a gestão de todo o processo de transição;

8. compreender como os agentes em causa efetuam a comunicação de todo o processo de transição com o jogador.

IV. Metodologia

4.1. Delineamento Metodológico do Estudo

Os diversos paradigmas científicos expõem perspectivas distintas sobre a realidade, baseadas em crenças e valores de um determinado domínio do conhecimento, orientando a capacidade do indivíduo em abordar e solucionar os problemas inerentes a esse domínio e influenciar sua compreensão da realidade (Schwandt, 2015). Deste modo, para a escolha do delineamento metodológico mais adequado na investigação sobre um fenómeno desejado, é necessário que o investigador se posicione sobre a natureza da realidade e do conhecimento, através de um objeto de estudo bem delimitado e uma compreensão profunda da problemática a ser investigada.

A presente investigação encontra-se alinhada com uma abordagem qualitativa e pelo paradigma interpretativista, sustentado pelo relativismo ontológico e pelo construtivismo epistemológico (Bryman, 2016). Esta apresenta uma ontologia relativista entendendo que a realidade é múltipla e subjetiva surgindo da construção de diversas formas mentais, baseadas na experientiação do contexto social e dependentes do percepção de cada elemento que intervém no contexto, e, epistemologicamente constrói o pensamento resultante das interações entre os elementos do ambiente em que se inserem (Bryman, 2016; Mertens & Ginsberg, 2009; Weed, 2009).

O respetivo posicionamento ontológico e epistemológico, bem como a abordagem considerada, teve em consideração a possibilidade da percepção de treinadores e coordenadores técnicos em estudo poder ser influenciada pela cultura e o contexto em que se inserem. Logo uma abordagem qualitativa interpretativa vai permitir explorar, “os comos, os quandos e os porquês” da decisão e intervenção dos agentes desportivos participantes no estudo tendo em vista a melhor formação desportiva do jogador em consonância com o ambiente em que se insere (Sandelowski, 2000).

Tendo em consideração a importância do relativismo ontológico para o entendimento de uma realidade múltipla e subjetiva emergente de uma cultura e contexto específico que impacta as percepções dos elementos que a compõem,

afigura-se importante a opção da realização de um estudo de caso. A construção de um estudo de caso proporciona o estudo intensivo e imergente de uma “unidade” de estudo (Flyvbjerg, 2011), tratando-se no caso da estrutura formativa do futebol de formação de uma instituição desportiva. Permitirá compreender em profundidade, com detalhe e riqueza o contexto em estudo, a cultura inerente, bem como «fatores de desenvolvimento» que evoluem no tempo e caracterizam o caso [de estudo] quando analisado na sua totalidade (Flyvbjerg, 2011).

4.2. Participantes

Considerando que o investigador responsável pelo presente estudo de caso é elemento constituinte de uma equipa técnica de um escalão formativo de uma instituição certificada pela Federação Portuguesa de Futebol (FPF) como Entidade Formadora de 4 estrelas, considerou-se conveniente estudar as perceções dos treinadores principais e coordenadores técnicos que integram a instituição, em relação aos objetivos de investigação em causa. A seleção dos participantes foi considerada segundo o método de amostragem intencional e por conveniência (Patton, 2002). Considera-se uma amostragem por conveniência, dado que os participantes se demonstraram acessíveis, disponíveis e interessados em integrar o estudo. Considera-se amostragem intencional, dado que os agentes desportivos integrantes da estrutura de futebol da instituição, são intervenientes considerados chave no desenvolvimento dos jogadores (Bloom, 1985; Relvas et al., 2010), apresentam um perfil com características particulares desejadas em resposta às necessidades colocadas pela problemática de investigação e ao aprofundamento da compreensão do problema (Patton, 2002), dado que se perspetiva que delineiem as decisões e giram o processo de transição do jogador entre os escalões etários competitivos.

Assim, o estudo de casos com riqueza informativa proporciona uma compreensão mais aprofundada do fenómeno (Patton, 2002). Neste estudo, em particular, a amostragem não diz respeito ao número de participantes entrevistados, mas sim à qualidade dos participantes, da preparação e execução

da entrevista e à densidade das informações recolhidas sobre o seu contexto, atuação e ocorrência do fenómeno estudado, localizando-o no espaço e no tempo (Graça & Mesquita, 2002).

A consideração da instituição desportiva para este estudo de caso, aliado à sua acessibilidade, foi o critério de reconhecimento como Entidade Formadora de 4 estrelas pela FPF, na época desportiva de 2021/2022, a qual cumpriu os seguintes requisitos mínimos exigidos pelo Capítulo II, Artigo 10º, do regulamento de Certificação de Entidades Formadoras Futebol e Futsal Masculino, para a época respetiva (Federação Portuguesa de Futebol, 2019): 1) apresentou inscritos na plataforma *Score* pelo menos uma equipa de futebol masculino nos escalões de seniores, Sub19, Sub17, Sub15, Sub13, Sub11, Sub9 e Sub7), ter ou ter dito numa das 5 épocas desportivas anteriores uma equipa entre o escalão de seniores e Sub15 a disputar provas de âmbito nacional. Consideramos, portanto, que se trata de um clube de referência no contexto da formação de jogadores de futebol em Portugal, o qual possui potencial para auferir respostas ao objetivo deste estudo.

A estrutura do futebol de formação da entidade formadora está organizada em dois grandes estágios, o estágio do futebol de base (EFB) e o estágio do futebol especializado (EFE). O EFB compreende as equipas de competição de escalões etários até aos sub13 inclusive e praticam as modalidades de futebol de 7, futebol de 9 e futebol de 11, competindo nos respetivos campeonatos distritais.

O EFE compreende as equipas de competição de escalões etários desde os sub14 inclusive até à equipa sénior B, os quais praticam todos a modalidade de futebol de 11. O EFE caracteriza-se pela classificação dos escalões de sub15, sub17 e sub19 em equipas A, a competir nos campeonatos nacionais do respetivo escalão etário, e, dos escalões de sub14, sub16 e equipa B, em equipas B dos escalões de sub15, sub17 e equipa A sénior profissional, respetivamente, a competir em campeonatos distritais do respetivo escalão etário.

Inseridos na estrutura da entidade formadora considerada para estudo, procedeu-se ao processo de escolha dos participantes sob os seguintes critérios: 1) São treinadores principais das equipas de futebol a partir dos Sub12 inclusive, e/ou, coordenadores técnicos da estrutura de formação de futebol masculino; 2) têm formação UEFA específica para treinadores.

No cumprimento destes critérios, participaram no estudo dois coordenadores técnicos, responsáveis respetivamente pelas equipas do EFB, e, pelas equipas do EFE, com experiências anteriores na função de treinador; e oito treinadores de futebol, que atuam como treinadores principais nas equipas de futebol de formação do clube onde competem jogadores a partir dos 11 anos, respetivamente Sub12, Sub13 (EFB) nas modalidades de futebol 7 e 9, e, futebol 9 e 11, respetivamente; Sub14, Sub15, Sub16, Sub17, Sub19 e Equipa sénior B (EFE) (conforme Quadro 1.). O acesso à participação do treinador da Equipa sénior A no estudo não foi aceite pelas estruturas diretiva e técnica do clube, justificado pelo facto em intervir diretamente com o núcleo do futebol profissional que apresenta um acesso mais restrito. A idade dos participantes oscilou entre os 27 e os 45 anos e o tempo de experiência em execução de funções entre os 6 e os 21 anos, o que revela uma grande heterogeneidade amostral.

Quadro 1. Caracterização dos treinadores e coordenadores técnicos entrevistados

Participantes	Idade	Função	Categoria atual	Categorias em que atuou como treinador principal	Formação	Experiência como treinador/coordenador
C1	36	Coordenador técnico	_____	Todas até S17 e Seniores	UEFA B	15 anos
C2	45	Coordenador técnico	_____	Sub10, S11, S12, S13 e S15	UEFA B	21 anos
T1	45	Treinador Principal	Equipa B	Seniores	UEFA B	8 anos
T2	28	Treinador Principal	Sub-19	Todas até Sub19	UEFA B	8 anos
T3	33	Treinador Principal	Sub-17	Todas até Sub19	UEFA B	6 anos
T4	38	Treinador Principal	Sub-16	Sub10, S12, S15, S16, S17, S18, S19, S21 e Seniores	UEFA A	14 anos
T5	27	Treinador Principal	Sub-15	Sub10, S11, S12, S13 e S16	UEFA B	9 anos

T6	29	Treinador Principal	Sub-14	Sub11, S12, S13, S14	UEFA C	9 anos
T7	30	Treinador Principal	Sub-13	Sub12, S13, S17, S19, Seniores	UEFA B	10 anos
T8	43	Treinador Principal	Sub-12	Sub8, S9, S10, S11, S12	UEFA B	12 anos

Numa primeira fase, o estudo foi apresentado ao coordenador técnico do clube, focando a importância do mesmo para o possível enriquecimento futuro da visão e conceptualização do processo de formação dos jogadores e, em particular, da transição dos respetivos entre escalões etários competitivos. Posteriormente a apresentação do estudo a cada participante foi realizada de forma individualizada por contacto verbal. As aceitações de participação foram registadas via consentimento de participação assinado (ou seja, ao clube e aos treinadores/coordenadores), o qual indicou todas as fases do estudo, como se iriam processar, solicitou a permissão para gravar via áudio o diálogo de entrevista entre investigador e participante, e a posterior publicação de dados recolhidos. Foi mencionado que os dados recolhidos seriam utilizados apenas e somente para os fins do respetivo estudo e que se procederia à sua eliminação num período máximo de 5 anos após a sua análise que se estima que seja feita durante o ano 2023, com máxima extensão até ao ano 2024.

A confidencialidade e a privacidade das informações fornecidas foram garantidas através da preservação do anonimato dos participantes, com recurso à utilização de pseudónimos, facto que foi estendido a todos os membros da equipa de investigação que esteve envolvida na recolha, análise e interpretação colaborativa dos dados. Deste modo, não existe qualquer informação contextual ou de outra natureza passível de identificar os participantes. A participação dos respetivos foi voluntária e livre, pelo que foi dada a possibilidade de abandono do estudo por parte do participante a qualquer momento, sem qualquer consequência negativa atribuída. O presente estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, tendo sido atribuído o código CEFAD 5_2023.

4.3. Recolha de dados

Instrumento

Para a realização da recolha de dados deste estudo foi considerado o método de entrevistas semiestruturadas, partindo de um guião pré-elaborado e registadas com gravação áudio do diálogo. A entrevista de natureza semiestruturada considerou-se ser o método de recolha mais apropriado para o objetivo de estudo, permitindo a construção de um diálogo entre investigador e participantes de forma aberta, no qual estes últimos puderam expor as suas reflexões, experiências, perspetivas e conhecimento sobre a gestão da transição antecipada de jogadores entre escalões etários competitivos (Patton, 2002). Para além disso, este método possui versatilidade e flexibilidade que permitem ao investigador acrescentar questões improvisadas que surgiram da necessidade de obter maior compreensão sobre as conceções partilhadas pelo participante em relação à temática de estudo (Polit & Beck, 2010). Deste modo, a entrevista semiestruturada parte de um guião elaborado que conduz o diálogo entre investigador e participantes sobre os principais tópicos de estudo (Taylor, 2005), não se cingindo às perguntas previamente elaboradas, promovendo a adaptação, a reordenação e o surgimento de novas questões ao longo da discussão (Clarke & Braun, 2013).

O guião foi elaborado após uma extensa revisão de literatura voltada para os objetivos de estudo, permitindo ao investigador alargar o seu conhecimento sobre a literatura científica publicada sobre a área de investigação. As questões que formaram o guião partiram do conhecimento adquirido previamente, com o objetivo de gerar da parte do participante, respostas espontâneas e aprofundadas (Baumbusch, 2010), resultantes da reflexão sobre as suas experiências e perspetivas pessoais (Rabionet, 2011) acerca da transição antecipada do jogador de futebol masculino entre escalões etários competitivos.

O guião da entrevista semiestruturada foi elaborado com questões sobre a contextualização do estudo de caso e com questões sobre os temas principais do objetivo de estudo. As questões sobre a contextualização do estudo de caso

permitiam ao participante descrever a função dentro da estrutura do futebol de formação da instituição e dar a sua percepção sobre o que entende ser a visão da instituição em relação ao processo formativo dos seus jogadores de futebol masculino. As questões sobre os temas principais do objetivo de estudo, foram apresentadas para fomentar que o participante apresentasse uma reflexão sobre «o quê, o como, o quando, o onde e o porquê» da transição antecipada entre escalões etários competitivos do jogador de futebol masculino (Turner III, 2010).

Ao realizar a entrevista, o investigador adotou uma postura flexível, alterando a ordem das perguntas sempre que se justificou (Turner III, 2010), favorecendo o diálogo entre investigador e participante, no qual surgiram perspetivas importantes, que não se encontravam expressas no guião, criando a necessidade de colocar perguntas espontâneas com base na resposta do participante e no contexto da entrevista, de forma a aprofundar a reflexão do participante ou em alguns casos, a impedir a sua divagação (Clarke & Braun, 2013; Turner III, 2010).

A validação da entrevista foi sujeita à apreciação da orientadora da investigação, tendo em conta a sua experiência de estudos de natureza qualitativa (Rubin & Rubin, 2011). A orientadora apresentou sugestões de conteúdo e formatação nas perguntas, de forma a alinhar a lógica das questões numa linha de reflexão geral em direção a uma linha de reflexão aprofundada sobre objetivo de estudo (Rubin & Rubin, 2011).

O guião da entrevista foi testado ainda numa entrevista piloto a um ex-coordenador que exerceu funções na estrutura de formação de futebol masculino da instituição em estudo, que detém um conhecimento profundo sobre contexto e a sua relação com o objeto de estudo e que cumpre os critérios de inclusão dos participantes (Thomas et al., 2015). Esta etapa permitiu ao investigador conservar o conhecimento do guião da entrevista pré-elaborado e adaptar a sua realização de perguntas com vista à obtenção de um diálogo mais fluído e que vá ao encontro de uma discussão mais concreta e adequada ao objetivo de estudo (Malmqvist et al., 2019).

Procedimentos de recolha

As entrevistas foram atempadamente agendadas em concordância com a disponibilidade dos participantes. A realização das entrevistas ocorreu em sala fechada, num diálogo frente a frente entre investigador e participante, com gravação áudio. A mesma foi precedida de uma reintrodução verbal ao objeto de estudo e à disponibilização de consentimento de participação por escrito, o qual informava sobre a política de confidencialidade. Todas as questões surgidas sobre o tema de estudo, política de confidencialidade ou outros, foram apreciadas e esclarecidas.

O diálogo da entrevista ocorreu num clima de recetividade e confiança, promovido também pelo facto de o investigador e os participantes serem profissionais homónimos da mesma instituição. Quando ocorreu alguma divagação por parte do participante, o investigador procurou reconduzir o diálogo para o foco da pergunta, de forma a clarificar a compreensão da mesma ao participante (Clarke & Braun, 2013).

Procurou-se que a entrevista fosse dirigida pelo guião pré-elaborado, criando um padrão de semelhança entre as entrevistas realizadas aos vários participantes. Porém o alinhamento das questões foi alterado e adaptado consoante as respostas dos participantes, de forma a alinhar as suas reflexões à temática das questões, assim como o surgimento e realização de novas questões de modo a encorajar uma reflexão mais aprofundada das suas perceções (Turner III, 2010). Durante a entrevista procurou-se, ainda, obter uma maior clarificação das respostas dos participantes, de forma que detalhassem a sua perspetiva com recurso a exemplos práticos (Patton, 2002).

A gravação das entrevistas via áudio foi transcrita *verbatim*, reproduzindo com exatidão, o discurso dos participantes, de forma a preservar sua a fiabilidade. Atribuiu-se pseudónimos a cada participante, como exemplificado no Quadro 1, para assegurar a confidencialidade do processo de análise dos dados recolhidos via entrevistas. A transcrição foi posteriormente partilhada com os participantes para que os mesmos confirmassem a veracidade das suas palavras e autorizassem a sua análise.

4.4. Análise dos dados

A análise dos dados das entrevistas transcritas foi sujeita a um procedimento de Análise Temática (AT). Este procedimento permite identificar e analisar padrões (temas) em dados qualitativos (Braun & Clarke, 2006). A utilização da AT foi orientada pelo posicionamento teórico e epistemológico do estudo. No presente estudo partiu-se de uma pré-concetualização de possíveis temas que associados à codificação e análise interpretativa dos dados permitiu a utilização de uma análise indutiva (Patton, 2002).

A utilização da AT no presente estudo justifica-se pela coadunação dos propósitos desta investigação, destacados por Clarke e Braun (2013): a AT pode proporcionar informações complexas de dados detalhadamente; pode ser utilizada para analisar diferentes tipos de dados, que no presente caso são transcrições de entrevistas; funciona com diferentes conjuntos de dados; fornece análise baseadas em dados e teoria; permite que seja abordada em diferentes perspetivas teóricas e epistemológicas.

A primeira fase de análise incidiu na imersão e familiarização dos dados recolhidos, através da audição das gravações das entrevistas e das suas transcrições que permitiram uma conceção inicial dos possíveis temas a abordar. Segundo Riessman (1993), o processo de transcrição é uma primeira etapa importante para familiarização sobre os dados. É um processo fundamental de análise de dados para uma metodologia qualitativa interpretativa, através do qual o participante interioriza a informação proveniente dos dados quando da sua transcrição (Bird, 2005).

Após a conclusão do processo de transcrição, criou-se numa primeira fase, um documento *Excel* onde se introduziu os possíveis temas concetualizados pela primeira interpretação dos dados e considerados mais relevantes tendo em consideração o objeto de estudo. Posteriormente procedeu-se à leitura exaustiva das transcrições de entrevistas, através das quais se categorizou variados excertos e se codificou a sua categorização em diferentes subtemas e extração para o local atribuído na respetiva planilha. O processo de

codificação permite organizar os dados em diferentes subtemas, baseados nos padrões repetidos nas entrevistas (Tuckett, 2005). Os dados codificados foram organizados para revelar padrões no conteúdo semântico das entrevistas e para interpretar os dados dos padrões descobertos (Patton, 2002). Codificou-se o máximo de potenciais padrões e o maior número de extrações de excertos possíveis. É relevante salientar que os dados codificados diferem dos temas que são unidades de análise mais alargada (conforme Quadro 2.)

Quadro 2. Exemplo de extrato de dados e respetivo código de estudo

<i>Extrato de Dados</i>	<i>Código</i>
<i>Temos atletas no escalão de sub13 que por jogarem futebol 9, pelo nível dos colegas, apresentam um rendimento muito acima e nós queremos-lo desafiar, queremos-lo dar um contexto mais complicado para ver de que forma é que ele responde e ganhar outro tipo de ferramentas para o seu desenvolvimento.</i>	Conjugação entre desenvolvimento e rendimento

Prosseguiu-se com compreensão dos diferentes códigos através da análise interpretativa dos dados, onde, partindo da descoberta de padrões no conteúdo semântico, se estabeleceu uma relação entre códigos, subtemas e temas (conforme Quadro 3). Neste processo, alguns códigos diferentes confluíram num mesmo subtema. Os subtemas não considerados, não foram abordados na secção seguinte desta dissertação (i.e., resultados do estudo).

Nesse sentido, o documento Excel contemplou o resumo de todos temas em diferentes planilhas, segmentados em subtemas e as respetivas entradas de todos os extratos de dados codificados. As categorias foram interpretadas levando em consideração os critérios de homogeneidade interna, verificando se os dados de uma determinada categoria são coerentes de forma significativa, e,

os critérios de heterogeneidade externa, verificando se surgem dados totalmente distintos dentro uma categoria (Patton, 2002).

Quadro 3. Temas e subtemas resultantes da Análise Temática

TEMAS	SUBTEMAS
1. Da concepção sobre o talento desportivo ao projeto de formação do jogador de futebol masculino	Sobre as transições verticais e horizontais dos jogadores Razões de ordem global para transitar antecipadamente um jogador entre escalões etários
2. A transição de jogadores no futebol de base	A identificação e avaliação de jogadores como trampolim para aferir a transição entre escalões Tomada de decisão sobre a transição antecipada do jogador Gestão da transição antecipada do jogador Comunicação da transição antecipada ao jogador
3. Do futebol de base ao futebol especializado: nuances diferenciadas na transição de jogadores	Identificação e avaliação de jogadores: maior objetividade dentro da subjetividade Tomada de decisão sobre a transição antecipada do jogador: a importância de um sistema de comunicação eficiente entre as estruturas técnicas e coordenação

	Gestão da transição antecipada do jogador
	Comunicação da transição ao jogador

Os temas e subtemas apresentados foram descritos de forma concisa, coerente e lógica nos resultados deste estudo. A descrição dos resultados foi devidamente evidenciada por extratos de dados que apresentam a narrativa do participante, espelham padrões existentes e são demonstrativos do fenómeno aduzido (Boyatzis, 1998).

4.5. Credibilidade dos dados

No que concerne à credibilidade dos dados, vários passos foram adotados tendo em vista a fiabilidade e credibilidade na recolha de dados.

A realização de entrevistas piloto permitiu ao investigador desenvolver a sua experiência e maior segurança na abordagem de utilização do guião pré-elaborado durante a entrevista, assim como a capacidade em adaptar o guião durante as entrevistas (Thomas et al., 2015).

A relação de proximidade entre investigador e os diversos participantes, enquanto elementos da estrutura da mesma instituição, assim como a semelhante partilha de funções enquanto treinadores, promoveu a afinidade de diálogo. No entanto, a posição de entrevistador como investigador, em congruência com o seu estudo aprofundado da temática, exigiu-lhe que adotasse uma posição imparcial aquando da sua recolha e tratamento dos dados, fomentando através do diálogo o aprofundamento e clarificação das perceções em debate, nunca tomando uma posição opinativa sobre as mesmas.

Após a transcrição *verbatim* das entrevistas, as respetivas foram partilhadas com os participantes via documento escrito, de modo a confirmar a

veracidade das suas afirmações (Cohen et al., 1980) e, caso fosse do seu interesse, permitir a alteração dos dados que não se encontrem de acordo com a reflexão que pretendiam transmitir. Todos os participantes concordaram com a veracidade dos documentos apresentados.

A revisão e análise das transcrições, categorias, subtemas e temas definidos foram realizadas pelo investigador e pelos orientadores de pesquisa. Este processo conduziu uma observação detalhada e refletida sobre os dados recolhidos, diminuindo o enviesamento na interpretação dos dados, permitindo ao investigador verificar tópicos que emergiram como redundantes e adaptando a sua exposição. Deste modo a construção de conhecimento parte de interpretação com maior validade, assegurando uma maior fiabilidade dos dados.

V. Resultados

Os resultados encontram-se organizados em três grandes temas, nomeadamente, um primeiro tema intitulado “Da conceção sobre o talento desportivo ao projeto de formação do jogador de futebol masculino”, um segundo tema designado “A transição de jogadores no futebol de base”; e o último tema intitulado “Do futebol de base ao futebol especializado: nuances diferenciadas na transição de jogadores”.

O tema “Da conceção sobre o talento desportivo ao projeto de formação do jogador de futebol masculino” aborda como subtemas: sobre as transições verticais e horizontais de jogadores; Razões de ordem global para transitar antecipadamente um jogador entre escalões etários.

O tema “As transições no futebol de base” aborda a ocorrência de transições antecipadas de jogadores neste estágio de formação desportiva, assim como sua identificação e avaliação para aferir a transição. Tratam-se também os subtemas: a tomada de decisão sobre a transição antecipada do jogador, a gestão da transição antecipada do jogador; e, a comunicação da transição antecipada ao jogador.

O tema “Do futebol de base ao futebol especializado: nuances diferenciadas na transição de jogadores” aborda a ocorrência de transições antecipadas de jogadores no futebol especializado, a identificação e avaliação para aferir a transição do jogador e as diferenças em relação ao futebol de base. Tratam-se também os subtemas: a tomada de decisão sobre a transição antecipada do jogador: a importância da comunicação entre coordenação e estruturas técnicas, a gestão da transição antecipada do jogador; e, a comunicação da transição antecipada ao jogador.

5.1. Da conceção sobre o talento desportivo ao projeto de formação do jogador de futebol masculino

No presente estudo, os participantes forneceram a sua perceção sobre o que entendem ser a visão do clube no que concerne ao projeto de formação para

os jogadores de futebol masculino, ocorrido no âmbito do seu contexto de atuação.

Segundo a perspetiva dos coordenadores, o clube ambiciona ter praticantes que apresentem potencial para realizar o seu percurso formativo dentro do clube com o objetivo de chegarem ao futebol sénior profissional do clube e, porventura, virem a dar mais valias financeiras:

“A visão do clube passa por ter atletas de potencial que façam o seu percurso dentro do clube (...) para chegarem à equipa A, para chegarem ao futebol profissional e quiçá que haja retorno financeiro por parte do clube.” – C1

Esta é uma perceção que parece ser partilhada pela grande parte dos participantes, particularmente pelos treinadores, já que apresentam perceções semelhantes sobre os objetivos do clube onde se encontram inseridos:

“A visão do clube é olhar para os escalões, tentar trazer talento, quanto mais novos melhor, para fazerem a formação toda dentro do clube e depois serem aposta na equipa A.” – T2.

“Em termos de objetivos, o clube quer potenciar jogadores para estarem a competir nos campeonatos nacionais, para serem uma possível base de suporte e de apoio à equipa principal.” – T4.

“A perspetiva do clube, para os jogadores [de formação] que tem neste momento ... é fazer com que eles cheguem à equipa sénior e que com isso tirar algum rendimento desportivo e proveito económico.” – T5.

Porém, para além deste objetivo “macro”, vários participantes indicam outras perspetivas que entendem pertencer à visão do clube, nomeadamente perspetivas de desenvolvimento, perspetivas de potenciação do talento e perspetivas de rendimento.

No que concerne ao desenvolvimento dos jogadores da formação, esta constitui uma premissa que vários participantes identificam como uma componente importante da visão do clube. Na sua maioria, os treinadores referem que um bom trabalho realizado pela estrutura de formação reflete-se no desenvolvimento harmonioso dos praticantes que integram essas escalões:

“Um bom trabalho na formação, passa por desenvolver os atletas que cá temos. (...) Até ao escalão de sub14, o mais importante deve ser formar para o futuro. Preocuparmo-nos única e exclusivamente com o desenvolvimento de todos os atletas.” – T6

Os coordenadores expressam uma perceção direcionada para o desenvolvimento dos jogadores focado na compreensão das suas etapas de desenvolvimento desportivo e no seu impacto no desenvolvimento humano.

“Estamos a trabalhar com crianças desde tenras idades e temos de perceber que existem patamares de evolução, etapas de desenvolvimento dentro do que é o funcionamento e o desenvolvimento humano.” – C2.

O Treinador 4 apresenta uma ideia ainda mais clara e incisiva sobre as capacidades que devem ser trabalhadas para que o jogador se possa desenvolver o melhor possível durante essa fase de formação. Na opinião do mesmo é importante que uma perceção holística do desenvolvimento e que as dimensões técnica, tática, física e psicológica sejam trabalhadas:

“O clube quer potenciar e desenvolver as capacidades dos atletas nas dimensões física, mental, técnica e tática, para que eles possam melhorar e conseguirem ser competitivos ao nível nacional.” – T4.

O mesmo treinador refere que existe a partilha de documentação técnica por parte da coordenação, porém é o único a indicar que existe um modelo de

formação criado pelo clube que orienta as questões de desenvolvimento e formação de jogadores e que é comunicado aos treinadores para ser seguido:

“Há um modelo de formação que o clube construiu, onde essas questões estão especificadas, são comunicadas aos treinadores, são passadas a todas as equipas técnicas, para serem consequentemente seguidas.” – T4.

Porém, o Treinador 5 refere que não existe nenhum programa ou bateria de exercícios destinado ao promover o desenvolvimento dos jogadores:

“Não temos nenhum programa, nenhuma bateria de exercícios, nenhuma componente definida e fechada para o desenvolvimento dos mesmos.” – T5.

No que diz respeito à potenciação de talento, os treinadores referem que lhes é comunicado pela coordenação quais os jogadores referência para ser potenciados:

“Sabemos quais é que são os jogadores que a coordenação e que o clube quer projetar. Como é obvio queremos projetar todos, mas sabemos aqueles que estão identificados com maior [probabilidade]. Os miúdos têm contrato de formação, sabemos os miúdos que querem ser potencializados para chegar e que tem mais facilidade em chegar à equipa principal, e que estão identificados e sinalizados para que sejam jogadores referência dentro do clube. – T5.

“Naquilo que nos é transmitido, não há um feedback digamos assim, onde estes jogadores de primeiro ano tenham de ser mais potenciados que os jogadores de segundo ano. Todos que sejam jogadores com capacidade para poder chegar ao contexto profissional, aí sim há ideia de os potenciar. Não é a questão de potenciar aqueles que são mais novos, porque esses é que nos vão dar garantias de chegar lá acima, isso não acontece.” – T3.

Estas ideias sugerem, então, que os jogadores não são todos vistos da mesma forma e que existe uma diferença entre os jogadores que se querem ver potenciados para alcançar o patamar sénior.

Aliada à perspetiva do desenvolvimento, surge por parte de alguns treinadores a perceção de que o recrutamento é muito importante para se conseguir desenvolver e potenciar o talento.

“A visão do clube é olhar para os escalões, tentar trazer talento, quanto mais novos [eles chegarem ao clube] melhor, para fazerem a formação toda dentro do clube.” – T2

O Treinador 2 refere mesmo que quanto mais cedo o recrutamento de jogadores em tenras idades for realizado, mais próximos estão de ter maior margem de desenvolvimento e potenciação desse talento, devido à qualidade dos recursos humanos técnicos do clube:

“Acho que quanto mais cedo, e temos de ver a qualidade dos nossos treinadores, quanto mais cedo tivermos cá os jogadores, conseguir ter um plano de desenvolvimento para os jogadores e não apenas para o rendimento, conseguimos ter equipas mais competentes. – T2.

Tendo em conta esta linha de visão, o Treinador 2 entende que se estão a dar passos nesse sentido, com a criação de um departamento de *scouting* para fazer recrutamento de jogadores na modalidade de futebol 7 para que os jogadores sejam recrutados em idades tenras e façam toda a sua formação dentro do clube:

“No entanto, o que estamos agora a tentar criar com o departamento de *scouting*, é que os jogadores entrem no futebol 7 e depois façam toda a sua formação cá.” – T2.

Porém, apesar da perspetiva de desenvolvimento surgir bem vincada na perceção que os participantes apresentam sobre a visão do clube, muitos dos participantes indicam também que a perspetiva do rendimento se encontra

presente e que pode em alguns casos impactar negativamente o desenvolvimento dos jogadores:

“(...) quando chega às fases finais, julgo que existe uma visão dentro do clube de procurar ganhar, se calhar o fator rendimento sobrepõe-se ao fator de desenvolvimento dos atletas.” – T6.

“Mas depois os resultados vão criando uma neblina nessa visão e depois começamos aqui a entrar naquilo que é só o rendimento e esquecemos um bocadinho o que é o desenvolvimento.” – T2.

Segundo alguns dos treinadores, o ideal seria existir um equilíbrio entre o desenvolvimento e o rendimento, porquanto consideram para que o rendimento seja alcançado, os jogadores têm de ser desenvolvidos:

“Procura-se equilibrar as duas coisas, tirar rendimento, mas ao mesmo tempo só se consegue tirar rendimento se eles conseguirem ser desenvolvidos.” – T5.

Os coordenadores corroboram esta ideia, reforçando que o que é sempre transmitido por parte da coordenação aos treinadores é que o «ganhar» é sempre consequência do trabalho e que a prioridade é o desenvolvimento dos jogadores e não o contrário:

“O ganhar, nós referimos sempre isto e reforçamos muito, queremos ganhar, mas queremos ganhar como consequência de todo o trabalho que é desenvolvido aqui na base. (...) Vamos sempre ter em atenção o que é etapa de desenvolvimento e depois sim, tentar ganhar um título.” – C2.

No entanto, alguns treinadores, tanto em etapas de futebol 7 como etapas de futebol 11, consideram que é importante é o rendimento imediato e que esta se pode sobrepor ao desenvolvimento dos praticantes:

“Acho que o clube se preocupa no imediato, no rendimento. (...) Temos uma opinião consoante aquilo que o atleta rende naquele momento, essa é a minha opinião.” – T7.

“Nas equipas [de futebol 11] de [campeonato] nacional olhamos sempre ao rendimento, infelizmente, não olhamos a esse plano de desenvolvimento. (...) Eu não sei se a ideia do clube é assim tão clara para todos, mas o hábito tem sido olharmos ao rendimento e tentarmos ir buscar sempre os melhores jogadores e em todos os anos vamos buscar muitos jogadores.” – T2.

A coordenação apresenta, ainda, uma vertente da visão do clube que merece importância, nomeadamente a perspetiva de integração social. Para a coordenação, o clube não está apenas a formar jogadores de futebol numa vertente pura e somente desportiva, está também a formar civicamente cidadãos para que estes se tornem uteis para a sociedade, caso não atinjam a excelência desportiva:

“Queremos formar jogadores, mas não queremos formar jogadores somente a pensar no que é o jogo de futebol. Queremos jogar com isso e formar jogadores, formar atletas de forma que quem não consiga atingir o patamar de excelência, que consiga chegar aos patamares mais altos ligados ao futebol (...) mas também para quem não o consegue, consiga ter sempre uma visão que este não é o primeiro objetivo, será sempre o complemento à sua vida académica, à sua vida familiar, porque isso será o futuro dele. (...) E consiga sair daqui com uma bagagem que lhe permita ser uma pessoa útil para a sociedade.” – C2.

Esta ideia vê-se claramente aplicada na prática quando observamos a estrutura do próprio clube. Em particular existem vários treinadores da estrutura de formação que foram antigos jogadores do clube e que não atingiram a excelência desportiva, mas formaram-se academicamente na área do desporto, vindo a integrar posteriormente o clube em novas funções:

“Poderá ser algo como nós temos aqui na estrutura, ex-jogadores que trabalharam já connosco em anos anteriores, que não conseguiram singrar a nível do futebol, a nível profissional, mas enveredaram o seu caminho pela via académica, conseguiram ser licenciados, conseguiram tirar os seus mestrados e neste momento enveredaram pelo caminho do treino, estão aqui a trabalhar connosco, são treinadores dentro do clube, são coordenadores dentro do clube, ou seja, toda esta nossa visão, está relacionada com uma visão a nível do que é a nossa sociedade e o que é que nós pensamos que deverá ser a formação dum jovem atleta.
– C2.

5.1.1. Sobre as transições verticais e horizontais dos jogadores

Tendo em conta as perspetivas do clube que os participantes referem, o desenvolvimento de jogadores de futebol masculino a longo prazo surge de forma evidente, assim como a existência de transições de jogadores entre escalões etários durante toda a sua formação com o objetivo de que estes atinjam o futebol profissional.

Nesse sentido, os coordenadores destacam a existência de protocolos de transição vertical e horizontal, os quais determinam o modelo de transição interna de jogadores entre escalões etários, bem como o modelo de transição externa de jogadores que saem para outros clubes, respetivamente:

“O protocolo de transição vertical refere-se à subida dos atletas, quando sobem de escalão em escalão até chegar ao futebol sénior, ao futebol profissional. E a transição horizontal acontece quando os jogadores não têm essa possibilidade de subir dentro da estrutura e tem de sair da dela, por uma ou outra razão como eu disse anteriormente. E essa é a transição horizontal, é quando eles não têm capacidade para continuar a caminhada que nós achamos normal até chegar à nossa equipa A e ao futebol sénior, mas que têm de sair e como é que nós acompanhamos essas saídas.” – C1.

A existência de um protocolo de transição vertical que modela a ocorrência de transições entre escalões etários ao longo da formação do jogador sugere a existência de uma identidade transversal que se estende a toda a estrutura técnica, de forma que todos os elementos da estrutura da formação do clube se encontrem em consonância com a visão do clube já referida, assim como com todo o processo de transição vertical. A criação dessa identidade transversal assenta numa comunicação, numa partilha de ideias e conhecimentos e numa partilha de documentação técnica que vai ligar todos os elementos da estrutura de formação, segundo a perspetiva da coordenação:

“Existe uma transversalidade na comunicação, na documentação técnica, que se passa a toda a estrutura. Toda a estrutura tem de saber tudo. (...) Nós temos de meter as pessoas próximas umas das outras para partilharem ideias e partilharem conhecimentos.

Referem, ainda, a importância da reflexão conjunta destes assuntos entre os demais intervenientes para se gerarem novas ideias e conhecimento sobre essas transições:

“E muitas vezes entrarem em conflito de ideias, porque é isso que leva ao crescimento e que haja um equilíbrio e um

consenso de ideias e de linhas de pensamento, seja de treino, jogo e da vida pessoal, porque é fundamental.” – C1.

Sobre essa comunicação transversal, os coordenadores referem que, para além de uma comunicação relativa às transições de jogadores, são, também, transmitidas aos treinadores as etapas de desenvolvimento a promover em cada escalão etário. Esta informação é fomentada entre toda a estrutura de formação de forma que todos os intervenientes estejam em sintonia:

“Nesse sentido, toda esta informação, o que é que deve ser trabalhado em cada etapa [de desenvolvimento], o que é que os treinadores devem-se focar durante o exercício, isto é transmitido. E isto é transmitido de forma vertical, tanto a nível do futebol especializado, como especialmente aqui no futebol de base em que os meninos estão a beber as primeiras experiências deles ligados ao futebol, ligados ao clube. Nesse sentido, é sempre passado e feito muitas das formações e comunicação dentro do clube de forma que toda a gente fale a mesma língua.” – C2.

Pese embora o destacado anteriormente, alguns treinadores dizem que, na sua opinião, poderiam existir mais momentos de diálogo entre equipas técnicas que forma a que existisse um maior conhecimento de todos os plantéis da formação do clube e o momento atual dos jogadores, nomeadamente entre os planteis imediatamente abaixo, ou seja os que se encontram mais próximos do treinador de cada escalão:

“No entanto, acho que poderia haver mais momentos, e a coordenação podia proporcionar mais esses momentos, para haver diálogo entre equipas técnicas de forma que todos conheçam os jogadores, pelo menos da geração abaixo e da geração acima.” – T5.

“E a própria coordenação poderia ter mais momentos para perceber em que estado estão os atletas.” – T6.

Segundo a coordenação, tem havido algumas limitações na criação da identidade transversal da estrutura de formação devido à saída de alguns treinadores do clube. Contudo, a criação dessa mesma identidade que poderá ajudar a resolver essa limitação, já que o conhecimento de todos os jogadores por parte dos intervenientes (isto através da estipulação de uma boa comunicação), auxilia também a transição de treinadores entre as equipas técnicas:

“Já estivemos muito mais perto disso, mas tem havido muitas mudanças, tanto de equipas técnicas, como de estrutura de coordenação e não há uma identidade clara como já houve em épocas anteriores, quando eu estava na formação. Mas eu acho que para lá caminhamos e a ideia é essa, que seja transversal e que haja uma identidade clara dentro da estrutura do clube. (...) E toda a estrutura técnica conhece todos os jogadores da formação, o que me leva a estar mais confortável nas mexidas de equipas técnicas, o treinador que é sub17 passar para os sub15, o treinador que é sub16 passar para os sub19, porque o conhecimento das gerações é muito grande e isso leva à criação da tal identidade. – C1.

5.1.2. Razões de ordem global para transitar antecipadamente um jogador entre escalões etários

Assim como as perspetivas sobre a visão do clube são distintas, também as razões para transitar antecipadamente um jogador entre escalões etários se subdividem em várias perspetivas.

Concretamente, evidenciam-se as perspectivas de desenvolvimento e rendimento, também já explanadas na visão do clube, às quais se juntam a perspectiva de integração e razões de necessidade.

Na perspectiva de desenvolvimento, o Coordenador 2 entende que quando um jogador transita antecipadamente de escalão, não vai ao escalão seguinte para ter um impacto de rendimento imediato, mas para desenvolver competências de uma forma que seja favorável para a individualidade do jogador:

“Porque esses meninos mais novos quando vão jogar no escalão acima, não são eles que vão resolver um jogo, eles têm de ser suportados pelos mais velhos. (...) Não é para ir ao escalão acima para resolver o jogo, é para ajudar, para desenvolver competências.” – C2.

Nessa linha de pensamento, o mesmo coordenador considera que caso o jogador apresente dificuldades de ordem física, por exemplo, poderá aportar ao jogo outras qualidades que causem dificuldades ao adversário e escondam as lacunas, proporcionando na mesma um desenvolvimento favorável ao jogador:

“Ele é mais novo, não, não quero, vai ter dificuldades em competir pela parte física”. Mas se calhar a outra parte [capacidade técnica e tática], ele consegue aportar ao jogo, consegue dificultar a tarefa dos adversários e esconder essas lacunas que ele possa ter a nível dos confrontos físicos, competindo com atletas mais velhos.” – C2.

Esta ideia também é apresentada por alguns treinadores que entendem que a exposição do jogador a um contexto de adversidade superior, neste caso, competir com colegas e adversários de idades cronológicas superiores, poderá promover o seu desenvolvimento de forma positiva. O treinador 7 entende que na fase regular do seu campeonato, os jogos não são desafiantes o suficiente para as qualidades que um jogador se apresenta neste momento:

“Os desafios que lhe são colocados ... numa fase regular, os desafios que são colocados no escalão dele não são suficientes para aquilo que ele apresenta neste momento.” – T7.

Desse modo, em resposta a uma eventual limitação de desenvolvimento de um jogador no escalão correspondente à sua idade etária, a sua transição para o escalão seguinte poderá suceder-se e permitir momentos de observação em contextos que se esperam mais adversos, como sugerem alguns participantes:

“Fazemo-lo como forma de observação de atletas em contextos diferentes daqueles que eles têm.” – T6.

“É uma boa oportunidade para o jogador, para também o vermos noutra escalão, para o observar.” – T8.

“Há a questão de a própria coordenação querer avaliar determinados jogadores num patamar superior.” – C1.

Na opinião do Treinador 4, à perspetiva do desenvolvimento conjuga-se a perspetiva do rendimento, como uma razão para transitar um jogador de escalão etário. Caso o jogador apresente indicadores de desenvolvimento e rendimento para estar no escalão acima, existe essa ocorrência:

“Aqui a minha perceção em relação a isso é que o clube identificou estes atletas como estando, em termos de desenvolvimento, ao mesmo nível do que é exigido para a idade cronológica acima, em termos de desenvolvimento e de rendimento. Como isso foi identificado, os atletas foram propostos para poderem competir, não no escalão acima, mas poderem competir no contexto competitivo acima.” – T6.

Porém, segundo outros treinadores, a perspetiva do rendimento é apresentada como a razão da transição antecipada do jogador para o escalão seguinte. Os treinadores apresentam como justificação de uma transição antecipada a capacidade de o jogador apresentar rendimento em jogo:

“Acontece [a transição] exatamente por isso, porque o atleta apresenta rendimento.” – T7.

“[O jogador] tem comprovado isso porque mesmo jogando num contexto muito difícil que é o melhor contexto que existe em Portugal para os miúdos um ano mais velhos do que ele, ele consegue jogar, consegue ter rendimento e consegue ter sucesso naquilo que faz.” – T5.

“[A transição do jogador] tem a ver com as características próprias, na minha perspetiva, e com a capacidade de rendimento que ele também já apresenta nesta altura. (...) A questão do ter tempo de jogo e nós efetivarmos essa aposta nele, é uma questão de rendimento. – T3.

Quando os participantes apresentam uma perspetiva integradora, estes possuem uma perceção que se conjuga com as perspetivas anteriores, mas que apresenta indicadores que vão além das mesmas. Alguns treinadores entendem que a promoção de experiências é uma das razões para que o jogador possa integrar, ainda que momentaneamente, o escalão etário superior. Quando há uma vaga no escalão acima, os treinadores consideram positivo promover uma transição do praticante para que ele experiencie o jogo num modelo diferente:

“Há vaga e vamos proporcionar uma experiência de experimentar o futebol 9 ou experimentar o futebol 7 com o fora de jogo.” – T8.

O Treinador 6 diz-nos que quando tem um jogador do escalão abaixo a treinar consigo, faz questão de o levar a jogo para que o mesmo experiencie essa situação com o escalão acima:

“E nesses casos quando o jogador [do escalão abaixo] treina a semana connosco, nós fazemos questão de o levar a jogo também para ele experienciar algo diferente, uma ida a um jogo com o escalão acima e esses atletas são sempre utilizados.” – T6.

Perante uma perspetiva integradora, os treinadores apresentam, ainda, a valorização de comportamentos de carácter social e escolar:

“(...) premiar bons comportamentos escolares (...)” – T6.

“[A ocorrência de transições] pode ter haver com questões de mérito desportivo, onde jogadores que têm estado muito bem desportivamente, pode ser até de carácter social, jogadores que mudaram comportamentos, etc. e que são premiados.” – C1.

Os participantes também apresentam razões para transitar antecipadamente um jogador de escalão que se relacionam com necessidades, sendo estas originadas por lacunas de posição e/ou lesão de um jogador:

“Havendo também a lacuna da posição no escalão acima, foi entendido pela coordenação dar a subida desse jogador.” – C1.

“(...) a equipa necessitava também de um jogador para essa posição e com essas características e foi por isso que ele ficou e tem jogado (...).” – T5.

“O principal é uma questão de carência de posição, se houver carência de posição no escalão acima.” – T7.

O Treinador 7 apresenta igualmente a lacuna de posição como uma razão para que ocorra uma transição descendente, ou seja, para um jogador que se encontre no escalão acima, voltar a transitar para o escalão abaixo:

“Pode ser uma questão de a equipa de baixo precisar, como é o caso. Pode ser uma situação em que há uma lacuna por posição e é necessário que ele venha abaixo.”

5.2. A transição de jogadores no futebol de base

A ocorrência de transições antecipadas de jogadores entre escalões etários no futebol de base é algo que surge ao longo das diversas idades que compreendem este estágio, segundo nos dizem os coordenadores:

“Temos vários atletas a transitar de escalão durante as primeiras fases competitivas e a jogar nos escalões acima, seja sub9 nos sub10, sub10 nos sub11 e por aí adiante.” – C1.

A situação transacional antecipada mais recorrente no futebol de base correspondente à subida do jogador para treinar no escalão etário acima, mas não de uma forma fixa, pois os jogadores após essa experiência regressam ao seu escalão (para treinar e jogar):

“A situação que acontece mais fixa a nível do que é o futebol de base, é a que os jogadores vão muitas vezes acima [treinar] e depois regressam ao seu escalão.” – C2.

Porém, os participantes também nos indicam que já ocorreram transições antecipadas nas quais o jogador integrou definitivamente o escalão etário acima:

“Temos jogadores que já transitaram para o escalão acima e ficaram fixos. E isto aconteceu mesmo no futebol de base...” – C2.

Segundo o treinador do escalão de sub12, não há, neste momento, na geração que treina, um jogador que transite antecipadamente para o escalão de sub13 e se assuma como opção titular, mesmo que possa vir a tornar-se melhor jogador a médio/longo prazo. Na opinião dele, isto acontece por dois motivos: primeiro, porque quem está acima, neste momento, é melhor; segundo, porque se quer ganhar no escalão em questão e, portanto, precisam de manter os melhores jogadores para cumprirem com este objetivo:

“Daqui a alguns anos poderemos ter algum de 2011 que se calhar até vai ser melhor que aqueles que estão ali de 2010, mas neste momento, não há nenhum jogador de 2011 que chegue e entre naquele 9 para um apuramento de campeão. (...) Nós sabemos que há muito talento [na geração de 2010], eu treinei-os o ano passado, há muito talento e um miúdo de 2011 subir é complicado porque os que estão lá são claramente melhores. (...) E o processo aqui é, o objetivo é [ganhar] (n)o futebol 7, porque o objetivo é continuar a ser a equipa mais forte no distrito.” – T8.

Nesse sentido, segundo o treinador do escalão de sub13, na presente época, ocorreram apenas transições momentâneas do escalão de sub12 para o escalão de sub13, de jogadores que atuam na posição de guarda-redes, devido a uma lacuna posicional:

“Os guarda-redes foi só uma situação em que é necessário. É uma necessidade, nós temos dois guarda-redes só.” – T7

O mesmo treinador indicou, ainda, que numa situação pontual de período competitivo de dois dias em que se realizaram um maior número de jogos do que o habitual, vieram alguns jogadores do escalão de sub12 ao escalão de sub13, consoante a necessidade posicional e a opinião do treinador de sub12 sobre os jogadores sub12 com mais capacidade para darem resposta às necessidades do contexto de sub13:

“Tivemos [outros] num torneio, mas isso foi porque devido ao número de jogos que tivemos nesse fim de semana foi necessário ir buscar alguns jogadores de 2011. E aí foi falado com o treinador dos sub12 e foi perguntado quais eram os atletas que, no ponto de vista [dele], consoante as posições que nós necessitávamos, lhe davam mais garantias.” – T7

As informações referidas pelos treinadores corroboram a percepção dos coordenadores, confirmando que a ocorrência de transições antecipadas de jogadores entre escalões etários dentro do EFB é de cariz situacional momentâneo. Estas transições resultam da identificação e avaliação de jogadores que os participantes entendem que devem transitar, e resultam em diferentes métodos de gestão de transição adequados a cada situação.

5.2.1. A identificação e avaliação de jogadores como trampolim para aferir a transição entre escalões

Segundo os participantes, identificam-se diferentes variáveis que explicam a identificação de jogadores com o objetivo de os transitar antecipadamente de escalão. Confluentemente com ponto 4.1.2, a identificação das necessidades de desenvolvimento do jogador e a sua capacidade de apresentar rendimento são uma evidência. A estas acrescenta-se a identificação de talento, a identificação de competências de ordem física, técnica, tática, psicológica ou a perspetiva holística das mesmas e os métodos de avaliação que recorrem para realizar esta identificação.

Na perspetiva dos coordenadores, no que diz respeito ao processo de desenvolvimento do jogador, importa avaliar a sua etapa de desenvolvimento, de forma a entender se está a desenvolver as competências programadas para o seu patamar:

“Estas avaliações estão todas relacionadas com o que são as nossas etapas de desenvolvimento. Tendo o programa definido do que é que cada atleta tem de trabalhar em cada ano, nós temos que saber em que patamar é que ele está, da sua evolução. Ou seja, se ele está a conseguir desenvolver competências que nós esperamos que ele consiga, dentro daquele escalão, dentro daquele patamar.”
– C2.

Nesse sentido, a avaliação realizada pela estrutura de formação do clube tem como objetivo identificar o estado de desenvolvimento do jogador. O Coordenador 1 explica-nos como se processa o método de avaliação do jogador no EFB, que se baseia numa avaliação quantitativa das competências técnicas e numa avaliação qualitativa das competências táticas:

“A avaliação é mista, é quantitativa e qualitativa. Nós avaliamos do ponto de vista quantificável tudo o que são as dominantes mais técnicas, avaliamos de 0 a 10 a capacidade de passe, a capacidade de desarme, a capacidade em jogo aéreo, etc., por aí, todas as variantes técnicas. Avaliamos o que são as etapas de desenvolvimento para o escalão de forma assim muito breve, definimos que os princípios específicos de jogo, o primeiro ofensivo e defensivo, deve ser trabalhado no escalão de sub9 e sub10. E avaliamos dentro desse princípio todas as etapas, no caso da progressão ou da penetração, se o miúdo acelera, se fixa adversário, se trava e se muda de velocidade e de direção e essas fases são “partidas” e avaliadas uma a uma, se cumpre ou se não cumpre.” – C1.

Para além destas competências, o coordenador 1 identifica também que são avaliadas as «dominantes» física e psicológica, não especificando de que forma:

“Tentamos quantificar isto e depois avaliamos todas as dominantes do treino, de forma qualitativa, técnica, tática, física e psicológica.” – C1.

Este método de avaliação é depois traduzido numa classificação que permite à estrutura de formação situar o estado de desenvolvimento do jogador no contexto em que se insere:

“Isto no final dá-nos uma nota, que depois a coordenação avalia. Lá está, de acordo com o contexto do escalão, com a capacidade, fazemos a avaliação. Mas o treinador avalia e aquilo dá uma nota de 0 a 10 e depois nós transferimos para uma avaliação de A, B, C ou D. «A» é atleta referência, «B» é um atleta com muito bom potencial para crescer na estrutura, «C» é um atleta que tem continuidade, mas que poderá ter dificuldades em crescer na estrutura e «D» é um atleta que não tem espaço para continuar e possivelmente é para dispensar.” – C1.

Porém, nenhum participante indica explicitamente que os métodos avaliativos utilizados têm como objetivo a identificação de jogadores para os transitar antecipadamente de escalão, podendo, no entanto, auxiliar esse objetivo, como explica o coordenador 2:

“É claro que a avaliação depois vai determinar muito do que são estas subidas de escalão, (...) nós antes disso já temos subidas de escalão. [A avaliação] vai-nos confirmar muitas vezes se aquelas subidas foram bem delineadas ou não.” – C2.

O mesmo coordenador acrescenta, ainda, que as subidas de escalão resultam primeiramente de uma perceção dos treinadores e dos coordenadores e que apenas posteriormente são avaliadas formalmente:

“Muitas das vezes, estas subidas têm a ver mais com aquela questão e a perceção do próprio treinador e do coordenador, de achar que o jogador tem capacidade para [subir]. Depois faz concluir isto com uma avaliação mais formal. Quando temos esses dados, aí conseguimos comprovar e cruzar ali dados dos jogadores que já subiram, tendo em conta a sua avaliação.” – C2

Esta premissa é corroborada pelo coordenador 1, dizendo que apesar da decisão acerca da transição de um jogador ser discutida entre coordenadores e treinadores, a mesma é feita de forma pouco precisa e com pouco rigor:

“[Em relação às dimensões técnica, tática, física e psicológica] É muito olhado a “olhómetro”. É muito feito a “olhómetro”. Cada um tem a sua opinião, aqui eu enquanto coordenador técnico o que faço é cruzar dados. Eu tenho a opinião de um treinador, eu tenho a opinião de uma equipa técnica, (...) a opinião do treinador é fundamental porque é ele que priva com os jogadores todos os dias, mas é muito feito dessa forma.” – C1.

No que diz respeito a esta avaliação pouco precisa, alguns treinadores valorizam a identificação de talento no jogador, explicado pela sua capacidade em apresentar tomadas de decisão e a respetiva execução técnica associada, ainda que sem referirem instrumentos concretos de recolha desses dados:

“É a tomada de decisão. É a forma como ele lê o jogo, a forma como interpreta o jogo, (...) um conjunto de comportamentos consoante as necessidades daquele momento... Ele tem sempre a capacidade técnica, tu não consegues dissociar uma coisa da outra. O miúdo pode ter uma grande leitura de jogo, mas se não tiver capacidade técnica, não vai chegar lá.” – T8.

Para além dessas, a identificação de indicadores de capacidade física elevada e de fatores maturacionais acima da média também são valorizados por alguns treinadores:

“Apresentam em termos de capacidades físicas de velocidade, de choque, de reação à perda, são atletas que estão num ótimo nível.” – T7.

“Se nós sabemos que o jogador é maturado na idade cronológica, tem de subir.” – T8.

No entanto, segundo a perspectiva do treinador 7, não há uma avaliação do jogador e refere que os jogadores que são identificados para subir são os que apresentam rendimento:

“Acho que não há avaliação, não há uma preocupação daquilo que é o atleta (...) [Sobem de escalão] porque esses atletas apresentam [um melhor] rendimento atual.” – T7.

Em suma, os participantes referem que a identificação das capacidades técnicas, táticas e físicas são as mais valorizadas na avaliação formal e informal do jogador. A identificação da capacidade psicológica também é mencionada, sendo pouco explicada.

5.2.2. Tomada de decisão sobre a transição antecipada do jogador

A tomada de decisão sobre a transição antecipada de um jogador no futebol de base surge na confluência das vontades do treinador do atual escalão do jogador e do treinador do escalão para o qual o jogador transita. Segundo os participantes, num primeiro momento devem comunicar entre si e chegar a uma concordância sobre a transição do jogador. Posteriormente, essas vontades são discutidas e acordadas com a coordenação:

“É assim, essas transições neste momento estão bem consolidadas dentro do que é o clube e até agora as coisas tem corrido bem nesse sentido. Sempre que é para subir ou para descer, existe esta ligação treinador do escalão – treinador do escalão de cima – e coordenação, os três chegam a um acordo que o menino vai subir ou que vai descer.” – C2.

Contudo, apesar deste método ser identificado pelos treinadores e coordenador, o treinador 7 entende que a tomada de decisão sobre a transição do jogador acaba por ser mais influenciada pela vontade do treinador do escalão acima:

“A coordenação basicamente deixa a situação para os treinadores. Os treinadores que resolvam. (...) Agora, normalmente o que acontece é, o treinador de cima decide que lhe interesse aquele jogador e ele vai.” – T7

No entanto, segundo os coordenadores, a decisão de transitar um jogador de escalão deve ter em conta a necessidade do jogador e o benefício que a transição lhe possa trazer e não apenas a vontade dos treinadores. E esta ideia estabelece uma relação entre a tomada de decisão e a gestão da transição antecipada do jogador:

“Agora, na opinião da coordenação, o desafio tem de ser benéfico para o jogador. Nunca podemos subir um jogador só porque sim ou só porque o treinador o pretende. Temos de verificar se o jogador está preparado para aquele contexto e se faz sentido essa subida. E temos de olhar para todas as dominantes e perceber do ponto de vista competitivo se ele está preparado para aquele campeonato.” – C1.

5.2.3. Gestão da transição antecipada do jogador

Segundo a perspectiva dos coordenadores, transparece claramente a ideia de que a gestão de uma transição antecipada do jogador no futebol de base é acima de tudo assente nas necessidades do jogador, sendo o desenvolvimento do jogador a razão mais evidenciada:

“Nós acima de tudo, ao trabalharmos aqui no futebol de formação, temos de pensar no desenvolvimento do nosso jogador, do nosso atleta. Se ele tiver sucesso em cima [no escalão etário seguinte], nós temos de o manter sempre em cima. Essa tem de ser a nossa ideia, tem de ser algo que nos vai guiar a nível do futuro. Porque nós, sempre que

conseguirmos ter um atleta a competir e a ter sucesso em cima, vamos estar mais próximos da nossa visão.” – C2

Relativamente aos escalões de sub12 e sub13, que competem em dois campeonatos de faixas etárias diferentes, a coordenação defende que o jogador deverá competir no jogo que apresente uma dificuldade adequada ao seu desenvolvimento, como nos explica o coordenador 2:

“Se nós estamos por exemplo com um atleta sub12 a treinar e a jogar regularmente em cima nos sub13, mas naquele fim de semana, o jogo para ele for mais competitivo e ele for fazer um jogo em que pode existir um empate, uma derrota ou ganhar por um ou por dois golos no seu escalão, em vez de estar a jogar no escalão de cima e ganhar por 25 ou 30 a 0, o que é que nós devemos fazer? A nossa lógica é óbvia, é baixar, é criar dificuldade. E aí ele está a jogar contra os meninos da sua idade cronológica. Será que é uma despromoção? Para nós não, porque ele está novamente a ser posto à prova, porque ali está a ser o momento mais competitivo para ele e é isto que nós queremos, dar momentos competitivos de forma que eles consigam crescer.” – C2.

Na perspetiva do treinador do escalão de sub12, esta gestão poderia ser mais linear, referindo que o jogador que apresente mais «maturidade» compita no campeonato de futebol 9, o qual é o contexto competitivo etário superior. Por sua vez, o jogador com menor maturidade, deverá competir no campeonato de 7, o qual é o contexto competitivo do seu escalão etário:

“Isso é claro, portanto, o ideal se calhar seria, se fosse sem pensar em resultados desportivos, o que faria sentido era os melhores irem fazer [futebol] 9 ao escalão acima. E aqueles que estão com menos maturidade, fazer o futebol 7.

Para existir o crescimento e o desenvolvimento do jogador, os participantes entendem que é importante que o jogador tenha tempo de jogo, sendo este um indicador de gestão apresentado. Caso não exista tempo de jogo, é preferível que o jogador se mantenha a competir junto do seu escalão etário, apesar do coordenador 2 entender que a falta de competição não é um problema que afete o desenvolvimento do jogador no futebol de base:

“A nível do futebol de base, nós ao termos um plantel grande, mas inserido em duas realidades competitivas, temos sempre vaga para todos estarem a competir. Ou seja, mesmo quando subimos um atleta mais novo ao fim de semana... vamos imaginar um lateral direito dos sub12, subiu para jogar na posição de lateral direito nos sub13, esse lateral direito dos sub13 vai ter à mesma competição no fim de semana, com o escalão dele ou com o escalão acima.” – C2

“[Quando um jogador vai acima] tem que ir para jogar. Se vai lá só para estar a fazer número, mas vai estar no escalão dele e estar a ter minutos de jogo.” – T8.

“Ou então por uma simples razão [de] que o jogo que vem a seguir, da equipa onde ele está, o treinador entende que ele não tem características para aquele tipo de jogo, então o jogador em vez de estar o fim de semana sem jogar, que aí para mim é o maior castigo, vem jogar com o escalão dele.” – T7.

Existe a concordância dos treinadores entre a perceção de colocar um jogador num contexto para que tenha um tempo de jogo adequado e para que possa promover o seu desenvolvimento, ao invés de errar de colocá-lo num contexto inadequado:

“Porque vamos um colocar o miúdo numa dificuldade extrema e se calhar não vai ter sucesso e acaba ou por se

poder magoar ou por criar um sistema de frustração e não quer ir mais.” – T8.

“A outra situação é saber se é um jogador de referência ou não, para ir, ou seja, há a preocupação de saber se o atleta tem condições para chegar acima e ser opção, não ir só.” – T7.

Contudo, os mesmos participantes referem que os resultados e o rendimento desportivo são muito importantes e que é importante ter sucesso nesse parâmetro, conjugando importância do desenvolvimento do jogador com as necessidades do contexto competitivo:

“Mas aqui também queremos resultados desportivos. Portanto, temos de fazer um jogo de cintura entre os 2, mas sem faltar ao processo de evolução deles, não quebrar o processo evolutivo.” – T8.

“Agora também tem haver com aquilo que são os objetivos, aí entra os objetivos desportivos da equipa. Se nós temos uma situação em cima em que os objetivos desportivos não têm possibilidade nenhuma de serem alcançados e abaixo temos essa possibilidade de alcançar, acho que é uma questão de bom senso só, única e exclusivamente.” – T7.

Importa referir, no entanto, que os participantes entendem que não existe uma regra de gestão que se aplique a todos os jogadores. A gestão da transição deve ser adequada à capacidade de o jogador perceber o porquê de se manter ou não noutra escala, quando existe essa transição:

“Mas isto cada caso é um caso, não há uma receita. (...) Porque depende da mentalidade do miúdo. (...) Se for um miúdo em que tem uma maturidade que tu percebes que ele percebe o porquê [de jogar menos tempo], tem capacidade para aguentar, deve ficar [em cima]. Mas isso cada caso é

um caso, eu não te consigo dizer qual é o comportamento correto, depende da situação.” – T8.

“Portanto acho que isso deve ser gerido sempre consoante cada caso, como um caso. Porque há atletas que vão lidar super bem e vão ter a maturidade suficiente para perceber o que se está a passar e vai haver atletas que acham que é o fim do mundo e que já o querem dispensar [quando regressam ao seu escalão etário].” – T7.

Esta perspetiva está ligada à gestão de expetativas do jogador. Segundo os participantes, esta é uma outra variável fundamental na gestão da transição do jogador. Entendem que é essencial que o jogador perceba qual é a razão para transitar de escalão etário, seja no sentido ascendente ou descendente, e que esta transição poderá ocorrer com outros colegas, controlando, assim, as suas expetativas:

“O que é importante aqui é que eles consigam perceber que tanto eles podem ir acima, como também alguém que está no escalão de baixo pode subir para o lugar deles. Eles não se podem acomodar ao lugar que podem achar que é deles ou não. Têm de lutar, tem de existir uma competição diariamente a nível dos treinos e que depois tem a ver com a sua meritocracia.” – C2.

“O importante será sempre dar a entender ao atleta que se ele está a ir acima é porque nós reconhecemos competências para ir. Portanto, ao vir para baixo nunca é uma punição ou um castigo ou uma despromoção. Isso é muito importante que o atleta perceba. (...) Acho que devemos gerir também essas expectativas dos atletas.” – T7.

Esta gestão de expetativas do jogador é feita por parte dos coordenadores e treinadores através da comunicação frequente com o jogador, com o objetivo

de lhe explicar o porquê da ocorrência da transição e o que é esperado dele nos desafios futuros.

5.2.3.1. Comunicação da transição antecipada ao jogador

No EFB, os treinadores entendem que o mais importante é diminuir qualquer complicação inerente ao processo de transição, simplificando-o de modo a retirar qualquer pressão ao jogador. Nesse sentido, é comunicado ao jogador, de forma simples, que irá ter uma experiência no escalão acima e que deverá aproveitar para se divertir e usufruir da mesma:

“É falar com o miúdo e dizer que vai ter uma experiência no escalão acima. A ideia é descomplicar, é não colocar pressão no miúdo. A ideia que deve ser transmitida ao miúdo é [que é] uma experiência nova que vai ter, “vai-te lá divertir e aproveita a experiência”. (...) Não é nada de extraordinário e de grande comunicação. É tentar ao contrário, é descomplicar.” – T8.

“Normalmente quem alerta o jogador que vai acima, sou eu [o treinador]. Digo ao atleta, “O treinador de cima tem interesse em que integres o treino. Deves ver isto como um prémio e deves aproveitá-lo. Vais lá acima, eles são mais velhos, é certo, mas se estás lá em cima é porque tens qualidade para ir. Portanto, joga aquilo que sabes, sente-te confortável a estar lá.” – T7.

Os treinadores entendem que esta forma de comunicação irá ajudar o jogador a usufruir da experiência, retirando-lhe qualquer pressão que esteja subjacente à ida do jogador acima. Consideram, portanto, que não se deve criar a ilusão de que a transição ocorra de forma fixa, já que o seu grupo é o seu escalão etário onde se insere no dado momento:

“É uma experiência, não há ilusão. Não é criar a ilusão que pode lá ficar. Nós dizemos sempre que é esta semana, porque o grupo [do jogador] é este, este ano. Não é criada essa ilusão. Nós não podemos criar essa ilusão no miúdo, porque senão ele vai voltar e vai desmoralizar.” – T8.

“A única coisa que eu tento é não criar uma sensação de ansiedade ao atleta, nem que ele sinta o facto de depois vir a ser opção ou não nos sub14, que para ele seja prejudicial.” – T8.

Resumidamente, os resultados indicam que a gestão da transição antecipada do jogador entre os escalões etários no EFB, conjuga-se na ligação entre as necessidades de desenvolvimento do jogador e as necessidades de obter sucesso no contexto competitivo. Esta ligação vai gerar uma necessidade de comunicação com o jogador, de modo a gerir o melhor possível as suas expetativas.

5.3. Do futebol de base ao futebol especializado: nuances diferenciadas na transição dos jogadores

A ocorrência de transições antecipadas de jogadores entre escalões etários no futebol especializado ocorre com bastante frequência entre os vários escalões competitivos, segundo nos dizem os coordenadores:

“O futebol especializado, que tem agregado as equipas dos sub14 até à nossa equipa B, no qual fazemos também uma transição vertical muito forte, com os jogadores sistematicamente a treinarem e a jogarem no escalão de cima.” – C2.

Mais especificamente, os participantes apontam haver a ocorrência transições antecipadas entre os escalões etários de sub13 e sub14, numa ligação entre o futebol de base e o futebol especializado. Existem, também,

transições frequentes entre sub14 e sub15, entre sub16 e sub17, entre sub17 e sub19, e, entre sub19, equipa sénior B e equipa sénior A:

“Neste momento, a 5 jornadas do final do campeonato, já utilizámos 8 jogadores sub13 no campeonato de sub14.” – T6.

“Neste momento já tivemos cerca de 15 atletas de primeiro ano [sub16], a treinar e a jogar dentro desta geração de sub17.” - T3.

“Temos vários atletas [sub17] a irem esporadicamente à equipa de sub19. Se não me falha a memória, penso que já tivemos 11 atletas a irem ao escalão de sub19.” – T2.

“Leva a que já fossem utilizados 23 jogadores da equipa de sub19 na equipa B. (...) É para isso que todos nós trabalhamos dentro de uma estrutura de formação, é para que os jogadores cheguem à equipa principal. Quando a equipa principal solicita jogadores, eles vão.” – C1.

No entanto, não existe a ocorrência de transição antecipada de jogadores entre os escalões etários de sub15 e sub16, porque, no entendimento do treinador do escalão de sub16, a equipa de sub15 se encontrar num contexto competitivo mais exigente a nível nacional para o escalão de sub15, pelo qual não vê, neste momento, benefícios em transitar jogadores entre os escalões:

“Neste momento acho que não porque o escalão de sub15 encontra-se no contexto mais exigente que pode haver para este escalão, a nível nacional. E eu não acho que haja benefício a um, ou dois, ou três atletas saírem de um contexto competitivo que é altamente estimulante para eles, que é uma fase final de um campeonato nacional a jogar contra as melhores equipas do país. – T4.

No EFE, as situações transacionais são variadas, tendo nos sido apontadas pelos participantes cinco tipologias de transição de diferente índole, nomeadamente:

1- Transição em que o jogador sobe ao escalão acima pontualmente para treinar:

“E jogadores que sobem pontualmente para treinar, meramente isso, acontece muito no escalão de sub14 e no escalão de sub15.” – C1.

“E temos pontualmente nos sub13 para sub14 e sub14 para sub15, porque achamos que não tem capacidade para competir com regularidade em cima, mas achamos que devemos premiar os jogadores que estão bem a irem acima [treinar].” – C1.

2- Transição em que o jogador sobe ao escalão acima pontualmente para treinar e competir:

“Neste momento, a 5 jornadas do final do campeonato, já utilizámos 8 jogadores sub13 no campeonato.” – T6.

“Já tivemos, entretanto, durante o ano mais três jogadores a serem convocados para um jogo de campeonato nacional de iniciados.” – T6.

3- Transição em que o jogador sobe ao escalão acima constantemente para treinar, mas vem competir ao seu escalão:

“Temos jogadores juniores que estão sistematicamente já a treinar com a nossa equipa sénior e que só vêm competir com a equipa de juniores.” – C2.

“Temos regularmente todas as semanas, 3, 4 atletas a irem treinar com o escalão acima (...)” – T6.

4- Transição em que o jogador que já integrou definitivamente o escalão etário acima, mas vem pontualmente competir ao seu escalão:

“Tivemos atletas que treinam normalmente até quinta-feira conosco e que depois vão jogar no escalão deles” – T2.

“Neste momento o que acontece é termos um atleta fixo [em cima] que vem pontualmente abaixo.” – T6.

5- Transição em que o jogador já integrou definitivamente o escalão etário acima e compete com frequência no mesmo:

“Jogadores que treinam em cima e jogam em cima com frequência acontece muito no escalão de sub17.” – C1.

“Acontece de forma fixa, um atleta de sub14 [a treinar e] a competir com sub15.” – T6.

“Temos atletas [sub16] que quando nós chegámos [equipa técnica chegou aos sub17] já cá estavam e nunca mais baixaram.” – T3.

A ocorrência de diferentes tipologias de transições antecipadas de jogadores entre escalões etários dentro do futebol especializado, resultam da identificação e avaliação de jogadores e da implementação métodos de gestão de transição adequados a cada situação.

5.3.1. Identificação e avaliação de jogadores: maior objetividade dentro da subjetividade

Os resultados sugerem que os participantes recorrem a diferentes perspetivas na identificação de jogadores com o objetivo de os transitar antecipadamente de escalão no futebol especializado. Tal como no futebol de base, os treinadores enquadram a sua análise numa perspetiva de desenvolvimento e de rendimento, uma vez que quando um jogador apresenta rendimento dentro do seu escalão etário, encontra-se mais próximo de transitar para o escalão etário seguinte. Adicionalmente, surge a identificação de competências de ordem física, técnica, tática, psicológica ou a perspetiva

holística das mesmas, a identificação de perfis de jogador e os métodos de avaliação que recorrem para realizar esta identificação.

Recorrendo a uma perspetiva de desenvolvimento, alguns participantes referem que é importante partir de uma avaliação das etapas de desenvolvimento, determinando se o jogador se encontra enquadrado com os objetivos do seu escalão e perceber se já se enquadra, também, nas etapas de desenvolvimento do escalão seguinte, só assim se consideram haver condições para perceber se é positivo realizar a transição com o jogador:

“Nunca vamos propor a subida de um atleta sub14 que não seja capaz de cumprir com as etapas de desenvolvimento que são estabelecidas para o sub14. Primeiro ponto é avaliar se o atleta está enquadrado dentro das etapas de desenvolvimento definidas para sub14, se está, ok. Olhamos para as de sub15 e começamos a tentar perceber se nos parece aceitável estar nestas etapas de desenvolvimento. (...) Se cumprem, ótimo, se não cumprem, não estão preparados.” – T6.

Contudo, o mesmo treinador, foca também bastante a importância do rendimento para justificar a escolha de um jogador para uma transição antecipada:

“Nós semanalmente fazemos uma avaliação das necessidades do treinador de sub15 e dos atletas que na semana anterior nos sub14 tiveram um rendimento em treino acima dos restantes.” – T6.

Esta perspetiva é partilhada por alguns treinadores que entendem ser importante o jogador apresentar rendimento para transitar para o escalão etário acima:

“Mas também tentamos aliar a parte do rendimento, de forma que eles sejam competitivos, mantenham o treino num nível competitivo, olhar para o rendimento deles, tentar

chamar e dar oportunidade de estar num contexto mais elevado.” – T5.

“Eu acho que são em todos [os escalões que isso acontece] e tem a ver com o rendimento, porque olhamos ao rendimento.” – T2.

O conceito de rendimento é avaliado, segundo alguns treinadores, pela capacidade de ter sucesso nas ações que executa em jogo e se esse sucesso dá resposta às necessidades da equipa:

“O rendimento numa idade de sub15 é como em qualquer outra das idades, é um jogador ter sucesso nas ações que faz no jogo. (...) é ter um conhecimento técnico, tático e uma componente física que lhe permita ter vantagem sobre os adversários diretos.” – T5.

“Olhamos àquilo que eles dão no momento. Quando falo em rendimento tem a ver com o que é que eles [jogadores] conseguem fazer. Se eu precisar de um [defesa] lateral para o modelo de jogo do clube, de um lateral que vá à linha de fundo para cruzar várias vezes, eu vou olhar para baixo e procurar esses critérios. E para mim, esse será o rendimento.” – T2.

O treinador 4 transmite-nos uma ideia semelhante, uma vez que a base para a tomada de decisão de uma transição antecipada situa-se na observação das ações técnicas e táticas que o jogador executa em relação aos colegas e adversários e o sucesso que apresenta nas mesmas:

“O que acontece é muito da observação daquilo que o atleta faz com os outros, em termos de ações técnicas e se cumpre com os objetivos da sua posição, que estão propostos pelo clube, se taticamente consegue entender o jogo e tomar boas decisões. A partir daí, quanto mais sucesso tiver em

todas estas vertentes, mais perto estará de continuar e poder ser um sim em transitar.” – T4.

Segundo o treinador, o sucesso das ações do jogador é determinado pela percepção de quais são os comportamentos tático-técnicos que os treinadores pedem para a equipa em cada momento:

“O sucesso dele é também se consegue perceber quais são os comportamentos que os treinadores pedem para a equipa, naquele exercício específico ou naquele treino específico. (...) Se ele tem os comportamentos que são ideais para aquela equipa, então tem sucesso. E se tem sucesso, é estimulante para ele, é motivante, é bom para a equipa, é assim que é avaliado.” – T4.

Contudo, esse critério de avaliação é medido de forma subjetiva e não de uma forma objetiva, dado que não se medem quantitativamente o número de ações realizadas com sucesso. As ações do jogador são avaliadas subjetivamente e caso os treinadores entendam que a tomada de decisão e a execução técnica das ações são acima da média, o jogador está mais próximo de transitar:

“Agora, quantas vezes é que ele tem sucesso, isso não é medido, é sempre subjetivo. Quantas vezes é que ele fez uma movimentação bem também não é medido.” – T4.

“Não há nada palpável, nós olhamos, [por exemplo] aquele miúdo tem boa tomada de decisão, a parte técnica é acima da média, vamos passá-lo ao escalão seguinte, se houver esse espaço.” – T2.

Segundo a perspetiva da maioria dos treinadores, a competência tático-técnica, a compreensão e o conhecimento do jogo, tendo como indicador as exigências do treinador, são consideradas variáveis fundamentais para transitar antecipadamente o jogador de escalão:

“À qualidade técnico-táctica. (...) Eu se precisar de jogadores para [vir acima] complementar o treino, vou querer jogadores que não me estraguem o treino, portanto principalmente [competência] técnico-táctica têm de ter. Conhecimento do jogo, conhecimento daquilo que o treinador pede. Há jogadores que vêm dos sub18 ou sub19, basta dizer uma vez e eles percebem o que é que nós queremos.” – T1.

Uma perspetiva complementar referida por alguns participantes relaciona-se com a importância de avaliar o perfil psicológico do jogador como indicador importante para uma transição antecipada entre escalões etários e o impacto do mesmo no sucesso da transição:

“Temos de ter claramente noção daquilo que é o jogador em treino, o jogador em jogo, mas também o que é em casa. Se ele tem a capacidade de lidar com a frustração ou não, porque sabemos que ao expô-lo num patamar acima, vai ter maior dificuldade.” – T2.

“Já aconteceu nós termos atletas de sub13 a virem treinar connosco e nós percebermos claramente pela postura deles, pela personalidade deles, pela forma como comunicavam, que iriam ter dificuldades em ficar definitivamente.” – T6.

O coordenador 1 refere-nos uma perspetiva complementar mais específica, que não é tão focada pelos restantes participantes, na qual identifica a importância de avaliar o perfil físico e psicológico e o impacto dos mesmos na identificação do jogador em função da sua posição e do seu *transfer* para jogo:

“Olhamos muito para as questões da capacidade de relacionamento com bola, das tomadas de decisão que é tudo o que está mais em voga e quando olhamos para um perfil físico, para um atleta que tem uma estatura fora do comum, para o atleta que está super descoordenado, para

um atleta que é sereno, que tem compromisso, que é resiliente, que tem uma capacidade combativa, este aspeto físico e psicológico muitas vezes não é tão contabilizado como as questões de foro tático-técnico. (...) E isto faz diferença porque as questões técnico-táticas, algumas conseguem ser melhoradas, um jogador ter um metro e noventa ou ter um metro e setenta, o treinador não controla, nem a estrutura de coordenação. Um central pode ser muito bom e ter um metro e setenta, mas quando nós olhamos para o futebol profissional, não existe centrais com um metro e setenta, ninguém pretende centrais com um metro e setenta, por muito bom que seja, são indicadores que neste tipo de perfil não gera retorno financeiro e pode não integrar na nossa equipa profissional ou não integrará mesmo.” – C1.

Assim como ocorre no futebol de base, estas avaliações informais, como os coordenadores indicam, podem promover a ocorrência de uma transição antecipada, não tendo sido *à priori* justificada por uma avaliação formal. A avaliação formal poderá ou não comprovar a ocorrência da transição antecipada:

“[A avaliação] vai-nos confirmar muitas vezes se aquelas subidas foram bem delineadas ou não. Porque muitas das vezes, estas subidas têm a ver com mais aquela questão e a perceção do próprio treinador e do coordenador, de achar que o jogador tem capacidade para [subir]. Depois faz concluir isto com uma avaliação mais formal.” – C2.

As avaliações de cariz informal podem ocorrer no período preparatório (pré-época) ou ao longo da época desportiva, numa avaliação contínua diária e/ou semanal, como nos referem a maioria dos treinadores. No período preparatório, pode ocorrer a transição antecipada de alguns jogadores para o escalão etário acima, onde se avaliam as variáveis já indicadas pelos

treinadores. Esse momento de avaliação pode ditar, ou não, a continuidade do jogador no escalão acima:

“A avaliação é feita diariamente em treino e no jogo” – T5.

“Propor os atletas para que façam a pré-época com o escalão acima, aqueles que são identificados com maior potencial, façam logo a pré-época no escalão acima e aí essa é a parte final da avaliação em que se consegue perceber se eles conseguem competir ao nível dos atletas que são um ano mais velhos ou não.” – T4.

Relativamente ao método de avaliação formal, os participantes referem que a mesma é feita através de um relatório no qual são reportadas as observações dos treinadores sobre as competências física, técnica, tática e psicológica do jogador, de forma qualitativa, e entregues à coordenação:

“No futebol especializado, [o relatório] é mais descritivo, ou seja, não existe um critério em específico a ser avaliado, existe uma síntese, um resumo escrito para cada atleta, da sua componente técnica, da sua componente tática, da sua componente psicossocial, da sua componente física.” – T5.

“Os treinadores ao fazerem isto, claro que a seguir vão transmitir toda essa informação através de uma plataforma fechada, para a coordenação e a coordenação vai depois cruzar dados com o que é a sua própria avaliação.” – C2

Os resultados indicam que a maioria dos participantes abordam a identificação do jogador com o objetivo de o transitar antecipadamente de escalão etário através de uma observação das competências técnica e tática e da avaliação do sucesso que o jogador apresenta nessas competências. Contudo, o perfil físico e psicológico do jogador também é referido como influente nessa identificação.

5.3.2. Tomada de decisão sobre a transição antecipada do jogador: a importância de um sistema de comunicação eficiente entre as estruturas técnicas e coordenação

Segundo a coordenação, a tomada de decisão sobre a transição de um jogador surge na confluência das vontades do treinador do atual escalão do jogador e do treinador do escalão para o qual o jogador transita, os quais, num primeiro momento, devem discutir entre si e chegar a uma concordância sobre a transição do jogador. Posteriormente, essas vontades devem ser argumentadas e defendidas, para que a coordenação compreenda a vontade e necessidade em transitar um jogador de escalão, segundo nos explica o coordenador 1:

“Eu, quando o treinador me vem propor [uma transição], nunca falo meramente com esse treinador. O primeiro ponto é que os treinadores falem entre si e cheguem a um consenso. (...) O treinador quando tem uma opção deve de a argumentar, de ter uma lógica fundamentada, a partir daí tudo é mais fácil. E a partir daí, constrói-se um debate para perceber o que é que é mais válido. Se chegarem a um consenso, fica fácil, porque estamos a falar de as estruturas técnicas estarem bem articuladas, estarem bem oleadas e isso é meio caminho para o trabalho dentro de uma estrutura técnica funcionar.” – C1.

Porém, este processo de tomada de decisão sobre a transição antecipada de um jogador entre escalões etários varia entre as diferentes ligações dos escalões. Entre o escalão de sub14 e sub15, por exemplo, os treinadores dizem que existe uma boa comunicação e articulação entre ambos, pelo que a decisão é articulada pelos mesmos:

“Neste momento e dado os laços de proximidade que existe entre toda a estrutura na sua generalidade, a decisão é articulada entre os treinadores dos dois escalões. (...) Então normalmente, neste caso sub14-sub15, falo diretamente

com o treinador dos sub15 ou ele e diz-me “- estava a pensar para esta semana em A, B e C, concordas?” Algumas vezes parece-me justo, parece-me correto. Ou já aconteceu eu dizer “Epa, este não, acho que X merece mais.” E então acabamos por nos coordenar uns com os outros e articular dessa forma.” – T6.

Entre o escalão de sub16 e sub17, os treinadores dizem que também existe uma boa relação que promove uma gestão fácil de transição de jogadores entre ambos os escalões, sendo esta validada pela coordenação:

“Temos uma relação, na minha perspetiva, é muito boa com a equipa técnica dos sub16, onde conseguimos gerir relativamente fácil a subida e a descida de jogadores, mas onde a coordenação também tem que ter um papel fundamental para validar ou não, a subida e descida de jogadores.” – T3.

Entre o escalão de sub17 e sub19, os treinadores referem que a tomada de decisão depende das necessidades posicionais e temporais do escalão de sub19 e do entendimento do treinador de sub17 sobre qual o jogador que responderá melhor a essas necessidades:

“ (...) [com os] sub17 é muito fácil, eu [treinador dos sub19] falo com o treinador, digo as minhas necessidades, digo para quanto tempo é que é, se houver alguma lesão, explico-lhe também o contexto para que exista essa clareza na escolha dos jogadores. Ele indica, muitas das vezes dou aqui espaço para que ele possa promover um ou outro jogador que queira também.” – T2.

Entre os escalões de sub19, equipa sénior B e equipa sénior A, os participantes referem que a tomada de decisão de transitar antecipadamente um jogador entre escalões varia consoante a ligação entre escalões. Na subida de jogadores do escalão de sub19 (ou da equipa B) para a equipa A, a tomada de

decisão é do treinador da equipa A, que escolhe os jogadores a transitar, requisita-os e os jogadores sobem imediatamente:

“De juniores para seniores A, (...) deverá ser o treinador principal que pede os jogadores X e Y e sobem, passa [a informação] para o coordenador e coordenador indica-nos.”
– T2.

Na transição de jogadores entre a equipa sub19 e equipa B, especificamente, existe a particularidade da organização competitiva, segundo nos explica o treinador 2, na qual a equipa sénior B foi criada para dar espaço competitivo aos jogadores de idade cronológica sub18.

“A equipa B, há aqui uma gestão pela divisão que ocupa, como foi criada este ano, que era para dar espaço competitivo aos sub18.” – T2.

Nesse sentido, a tomada de decisão de transitar jogadores tida pelo treinador da equipa sub19, em conjunto com a coordenação, depende das necessidades do escalão sub19 e da sua disponibilidade em libertar jogadores que compõem o seu plantel, sejam sub18 ou sub19, para competirem pela equipa B, e as requisições feitas pelo treinador da equipa B para colmatar as suas necessidades:

“Então o que se está a fazer agora, juntamente com a coordenação, eu [treinador de sub19] com o coordenador, olhamos e dizemos quais é que são os jogadores que vão ter menos espaço para esta semana e tentamos encaminhá-los para a equipa B. O que tem acontecido, com o treinador da equipa B a entrar nessa equação, que tem pedido jogadores quase como a equipa A, jogadores específicos, o erro que nos está a acontecer é que muitas das vezes, jogam em juniores ao sábado e depois ao domingo estão a jogar outra vez na equipa B.” – T2.

Sumariamente, a maioria dos participantes apontam como fator determinante para a tomada de decisão da transição dos jogadores a comunicação eficiente entre todos os treinadores e respetiva coordenação. Contudo, na relação entre os escalões cimeiros, a tomada de decisão depende da escolha dos treinadores das equipas seniores B e A.

5.3.3. Gestão da transição antecipada do jogador

A gestão da transição antecipada do jogador entre escalões etários no futebol especializado é feita tendo em vista o foco no desenvolvimento do jogador, na perspetiva dos coordenadores, e nas necessidades do contexto competitivo, na perspetiva da maioria dos treinadores.

Segundo os coordenadores, em caso de decisão em transitar antecipadamente um jogador entre escalões etários, a prioridade desta decisão não se situa em dar resposta às necessidades das competições de primeira divisão, mas sim em dar resposta às necessidades evolutivas do jogador. Neste sentido, os coordenadores entendem que, se o jogador se encontrar a competir num patamar competitivo mais exigente, vai promover a sua evolução:

“A primazia não é dada ao escalão que está acima, ao contexto competitivo acima, às primeiras divisões. A primazia que eu tento dar, é uma primazia sempre com foco e ênfase no jogador. Ou seja, eu acho é que o jogador se estiver naquele patamar, é melhor para ele. E por isso é importante que as equipas que estão nos contextos competitivos superiores também se mantenham por lá, porque isto vai levar a que os jogadores compitam sempre nos contextos de excelência e isso leva à sua evolução.” – C1

Esta perspetiva demonstra que existe a preocupação com a necessidade individual do jogador, em colocá-lo num contexto exigente para as suas

necessidades. Um contexto demasiado exigente poderá não contribuir para um desenvolvimento adequado do jogador:

“Temos de ver se o atleta vai para um contexto que o favoreça, ou seja, o contexto deve estar um patamar acima do seu, mas não deve ser uma diferença muito grande para o seu rendimento desportivo. (...) Se o jogador está preparado para aquele contexto, se aquele contexto o vai favorecer, normalmente ele sobe por apresentar claras capacidades em todas as dominantes de encarar aquele desafio.” – C1.

Porém, os treinadores entendem que a prioridade, em caso de decisão em transitar antecipadamente um jogador, passa por dar resposta às necessidades do contexto competitivo, dado que a manutenção do clube nas primeiras divisões nacionais nos escalões de formação, afeta positivamente o processo de recrutamento do clube:

“Eu acho que, neste momento o objetivo é cada escalão. (...), porque é assim, também temos que ver o copo meio, cheio meio vazio, que é: se o clube não tiver no campeonato nacional de juniores, vamos ter menos qualidade porque há jogadores que poderão vir para cá, que não vêm para cá porque não estão no campeonato na 1ª divisão.” – T1.

Neste sentido, essas duas perspetivas diferenciadas contribuem de forma distinta para a gestão de uma transição antecipada do jogador. Por exemplo, entre os escalões de sub14 - sub15 e sub16 - sub17, os períodos preparatórios das equipas de campeonato nacional iniciavam mais cedo do que períodos preparatórios das respetivas equipas B, pelo que vários jogadores com as idades de sub14 e sub16 integraram as equipas cimeiras nesses períodos para que fosse possível realizarem uma avaliação da sua capacidade para integrarem os respetivos escalões. Ambos os escalões tiveram a permanência de alguns desses jogadores junto do escalão etário cimeiro, enquanto que outros jogadores

regressaram ao seu escalão etário para poderem vir a ter mais tempo de jogo e potenciar o seu desenvolvimento:

“Depois, à medida que foram começando a pré-época e foram-se enturmando na geração seguinte, percebeu-se que ou estariam ao nível dos colegas mais velhos ou abaixo do nível dos colegas mais velhos e isso faria com que não tivessem tantos minutos como estando a jogar abaixo e então definiu-se que seria melhor baixarem no escalão de forma a terem mais oportunidades, mais minutos, jogarem com regularidade para os potenciar.” – T5.

“Chega-se a um acordo em que os atletas sintam capacidades pelo menos para poderem iniciar o campeonato e as competições no escalão acima e depois vamos gerindo de acordo com o tempo real de jogo que eles conseguem ter, porque eles precisam também de conseguir ter minutos de jogo, esse é dos fatores que depois determina se eles continuam ou não.” – T4.

Durante a época, segundo a maioria dos treinadores, a gestão de transições antecipadas entre os escalões é feita semanalmente através de avaliações, as quais identificam o(s) jogador(es) que possam trabalhar no escalão acima, por terem demonstrado capacidade para competir e ter minutos de jogo no escalão etário superior:

“Neste momento nós fazemos esta avaliação semanal, portanto há um conjunto de atletas que estão muito regularmente no escalão acima porque têm mostrado essa capacidade, têm muitos minutos de jogo e conseguem competir a um bom nível.” – T5.

“Esta semana por exemplo tivemos 5 atletas sub14 a irem treinar com o escalão de sub15, porque merecem, porque tem o tal rendimento nos treinos e porque o treinador dos

sub15 que premiar também e que potenciar o desenvolvimento deles.” – T6.

Esta transição para o escalão etário superior é inicialmente gerida momentaneamente para perceber como é que o jogador se adapta ao integrar um escalão etário diferente do seu, estando algum período integrado no mesmo:

“Os atletas que estão no escalão mais abaixo e que podem eventualmente conseguir ter um rendimento melhor e começar-se a pensar também que eles podem fazer uma transição momentânea e ver como é que se adaptam, como é que reagem ao facto de ir ao escalão acima.” – T5.

Caso o jogador não se adapte ao contexto no qual foi integrado, regressa ao seu escalão etário:

“Nós tentamos, quando subimos um atleta, ir com o máximo de certezas de que ele se vai ambientar e vai sucesso no contexto em que é inserido e felizmente tem corrido bem. Quando um atleta não tem sucesso no escalão no qual é inserido, quando é deslocado para um contexto diferente e não tem sucesso, volta-se atrás e é inserido novamente no contexto onde estava antes de subir de escalão.” – T5.

Entre os escalões de sub19, equipa sénior B e equipa sénior A, existem algumas diferenças na gestão da transição antecipada do jogador entre escalões etários. Desde logo, o facto de não existir equipa e competição de sub18, faz com que todos os jogadores sub18 integrem desde o início do período preparatório e ao longo da época desportiva, o escalão de sub19. Esta particularidade resulta na possibilidade de ocorrer a transição de jogadores que não irão competir no escalão de sub19, irem competir à equipa B:

“O que está delineado é que os jogadores que não são convocados ou que o treinador da equipa de sub19 pensa em não convocar, porque os sub19 jogam ao sábado, portanto o último treino será à sexta-feira, mas na quinta-

feira o treinador já sabe mais ou menos [os jogadores] que vai utilizar, portanto há quinta-feira já há jogadores que vêm para cima.” – T1.

A ocorrência desta transição impacta a gestão da integração desses jogadores em treino, como nos explicam os treinadores, sendo que na perspectiva do treinador de sub19, todos os jogadores que forem convocados para competir com o seu escalão, não deveriam poder ser convocados para competir com a equipa sénior B, logo nem se põe o caso de irem treinar com a equipa B:

“Se forem titulares por nós [escalão de sub19], não vão treinar [acima]. Poderão ir a jogo porque o treinador pede e vão. Mas não perdem treinos connosco, nós jogamos ao sábado, não perdem treinos connosco. Embora eu perceba que eles também têm de ter rendimento ou ter conhecimento da forma como se joga na equipa B e precisam de alguns momentos todos juntos para isso.” – T2.

Quando a escolha de jogadores para competição é gerida atempadamente pelo escalão de sub19, os jogadores não convocados integram os últimos dois treinos semanais na equipa sénior B:

“Fazem 2 treinos comigo, o de quinta e o de sexta.” – T1.

Contudo, a gestão dos jogadores para a equipa B também é determinada pelo treinador que explica que nem todos os jogadores que vêm do escalão de sub19 para integrar o treino da equipa B, serão convocados para jogo:

“O nosso plantel é curto, temos cerca de 13, 14 [jogadores], logo aí precisamos de jogadores. Então os sub19 podem mandar para cima jogadores que para o treino vão ser uteis, mas para jogo não os queremos, são posições em que temos excedentários.” – T1.

Esta gestão de transição é benéfica para o desenvolvimento dos jogadores do escalão de sub19 que não iriam ter tempo de jogo no seu escalão, tendo a possibilidade de vir a ter tempo de jogo noutra equipa competitiva:

“Leva a que já fossem utilizados 23 jogadores da equipa de sub19 na equipa B. Mas a gestão é feita dessa forma e convêm que seja feita dessa forma. Convêm que a equipa B seja constituída na sua maior parte por jogadores provindos da formação do clube e que haja uma articulação. Esse foi o projeto que foi feito e do ponto de vista factual, resultou muito bem.” – C1.

“Nós no nosso projeto já conseguimos dar a oportunidade a 24 jogadores da equipa de sub19, sendo sub19 ou sendo sub18, e eu acho que tem sido um projeto difícil, mas que tem tido um bom reflexo naquilo que é a evolução do jogador e aquilo que nós queremos ao nível do clube.” – T1.

A gestão da transição de jogadores entre equipa sub19 e equipa sénior B para equipa sénior A depende exclusivamente da escolha desses jogadores pela estrutura do futebol profissional:

“A equipa principal é a primazia. (...) Quando a equipa principal solicita jogadores, eles vão. Aí não há discussão sequer, quando chamam vão.” – C1.

Ocorre, também, a transição de jogadores no sentido descendente, na qual jogadores que subiram do escalão de sub19 e equipa sénior B para a equipa sénior A, regressem para ter tempo de jogo no seu escalão competitivo:

“Acontecem mais, por exemplo jogadores que trabalham em cima e vêm jogar abaixo, acontece no contexto de [ligação entre] equipa A e juniores.” – C1.

Do ponto de vista da gestão do treino, a maioria dos treinadores entende que a descida de jogadores só para competir (i.e., sem treinarem pelo menos duas vezes com o seu escalão) não é benéfica para a gestão do grupo e do tempo de competição dos jogadores que se mantiveram no seu escalão:

“Há uma série de fatores que são difíceis de controlar, (...) uma das coisas que eu pedi foi eles podem treinar em cima,

equipa A, mas pelo menos os últimos dois treinos da semana têm de vir treinar connosco. (...) senão vamos imaginar: nós os dois estamos na mesma posição, tu estás em cima nos seniores treinas e jogas nos juniores, e eu que treino todos os dias nos juniores e treino tão bem como tu? Nunca jogo? Só porque estás nos seniores, dá-te a garantia de jogar? A minha pergunta é, será que é bom para quem está nos seniores? Porque nem nos seniores os profissionais têm a garantia que jogam sempre.” – T2.

Segundo os coordenadores, no que diz respeito à utilização de jogadores que treinem em escalões etários superiores e venham competir ao seu escalão, a sua opinião é que devem jogar sempre. Contudo, os treinadores apontam como uma regra difícil de aplicar, porque isso influencia a gestão do seu grupo:

“A opção e que muitas vezes também não é feito pelos treinadores é um jogador que é opção na equipa A [equipas que competem nas primeiras divisões de campeonatos nacionais], quando vai à equipa B [equipas que competem em divisões de campeonatos distritais] devia jogar de início supostamente, porque ele saí daquela equipa e vai à outra, devia jogar de início, por uma questão de lógica. Muitas vezes não acontece e os treinadores fundamentam, até pela gestão dos grupos, o que também é válido. Essa regra não está definida, o que foi definido foi que o jogador tem de descer e ter tempo de jogo.” – C1.

O treinador 2 acrescenta, ainda, uma perspetiva interessante, na qual refere que deve ser refletido todo o processo de transição do jogador, o «quando» e o «como» dessa transição, para além dos “porquês” da mesma ocorrer:

“Ou seja, ele [o jogador] sobe uma semana e porquê só essa semana? Isto também tem de ser pensado, quanto tempo é que ele sobe, o porquê de subir e caso tenha de descer,

como é que desce? “[O jogador] tem de ter esse espaço competitivo e se não está a ter rendimento, nós temos de ter consciência e ter a humildade de perceber que tentámos dar as condições para ele ir ao patamar seguinte, ainda não está preparado.” – T2.

De forma geral, os resultados destacam a preocupação dos praticantes em transitar os jogadores para o contexto competitivo em que se perspetive que venham a ter maior tempo de jogo e que isto seja favorável para o seu desenvolvimento.

5.3.3.1. Comunicação da transição ao jogador

No futebol especializado, os treinadores entendem que é fundamental a comunicação com o jogador para gerir a sua transição antecipada entre escalões etários, de forma a adaptar o processo de transição à individualidade de cada jogador e gerir as suas expectativas. Os participantes explicam que, em caso de ocorrência de uma transição entre escalões etários, seja ascendente ou descendente, a mesma é comunicada ao jogador pelo treinador do escalão em que se encontra e posteriormente dialogada entre o jogador e treinador do escalão para o qual transita. Nesta abordagem são comunicadas as razões da sua ocorrência e o que é esperado da parte do jogador:

“Normalmente é comunicado primeiramente pelo treinador do escalão onde ele está, seja para subir, seja para descer. E depois é feito um segundo contacto ao atleta, pelo treinador do escalão para onde ele vai. Primeiro os treinadores falam entre si, logicamente, depois é feito um primeiro contacto ao atleta, do [treinador do] escalão onde ele está, para comunicar e para o informar e para lhe explicar também porque é que está a acontecer isto, seja mais positivo ou seja mais negativo. – T5.”

Caso a transição seja descente, a maioria dos treinadores entendem que é essencial questionar o(s) jogador(es), individualmente ou em grupo, sobre o que ele pensa ser o seu momento de desenvolvimento, de forma que o próprio compreenda as possíveis razões que motivem esta transição:

“Essencialmente é através da conversa, de chamar o jogador, falar com ele, perguntar-lhe, questioná-lo [sobre] o que é que ele está a sentir, explicar-lhe o porquê ou tentar ajudá-lo porque é que ele não está a ter sucesso. É sempre de forma transparente, mas essencialmente é com base na conversa. Normalmente é sempre individual, ou grupal se a situação for muito semelhante ou a mesma. Mas a grande maioria das vezes é sempre através de conversa e individualizada. (...) Na grande maioria das vezes, aquilo que acontece é que eles próprios têm essa perceção e chegam à conclusão de que não estão a conseguir demonstrar a capacidade necessária para poder jogar mais [no escalão em que se encontram].” – T4.

Esta informação vai ao encontro da importância da gestão do tempo de jogo referida no tema anterior, no qual é também comunicado ao jogador que uma descida não é uma despromoção e vai ajudá-lo a potenciar a sua evolução, aumentando as suas oportunidades:

“O porquê de descer, com os jogadores não utilizo essa expressão, mas sim voltar ao ponto de partida, para que ele possa novamente voltar a ter sucesso e que consiga ir ao patamar seguinte novamente. E isso tem de ficar bem claro para os jogadores.” – T2.

Contudo, o treinador 3 entende que deve utilizar um método comunicativo diferente, não justificando ao jogador o motivo da sua transição descendente, para não colocar em causa a importância das transições e para que o próprio jogador reflita sobre os motivos da sua transição:

“Todos os outros jogadores que vêm acima e que nós mandamos abaixo, ao escalão deles neste caso, não tem havido esse feedback, exatamente por causa disso, para que não haja uma leviandade digamos assim, naquilo que é a subida e descida de escalões. Eles têm que ir abaixo e pensarem o porquê de irem abaixo”. - T3.

Todavia, o mesmo treinador refere que a comunicação com o jogador existe, na qual lhe é comunicado as expectativas que se têm sobre ele. A comunicação não é, apenas, focada especificamente na questão da transição:

“Nós dialogamos muito com os atletas, seja aqueles que estão a trabalhar connosco diariamente, sejam aqueles que sobem de sub16 a sub17. Agora a ênfase na subida ou na descida, nós não o temos efetivamente. (...) Temos um dos atletas que está acima e na minha perspetiva tem rendimento e potencial para estar acima, onde o tempo de jogo não tem sido o mais adequado e a esse atleta sim, nós demos esse feedback.” – T3.

O treinador 2 refere que já teve de lidar com alguns casos particulares em situações de transição descendente, na qual o jogador apresentou um comportamento pouco profissional, contrário ao comportamento que ajudou a promover a sua transição ascendente. Perante a situação, referiu que através da comunicação, numa primeira fase, e de um castigo desportivo numa segunda fase, exemplificou para todo o grupo que os comportamentos dissidentes não são adequados à situação:

“Aconteceu-nos este ano, nós termos um jogador que foi lá acima, é um exemplo a trabalhar, claramente ninguém pode apontar nada, mas o que é certo é que treinava nos seniores, vinha jogar por nós e achava que ao treinar nos seniores e a descer para os juniores, ou seja o seu ponto de partida, que era garantido jogar. Ou seja, lá dava o máximo e chegava cá e já não era o seu máximo. Como é que nós

conseguimos contrariar isso, fui falar com ele, avisei-o a primeira vez, a segunda vez quando isso aconteceu, meti-o no banco. Aquele ego que ele tinha perante o grupo, aqueles tiques de vedeta que ele tinha perante o grupo, começam a dissipar-se e a malta começa a olhar e a dizer “calma, ir aos seniores, quando se volta tem que se continuar a trabalhar”.”
– T2.

No geral, a perspetiva apresentada pela grande maioria dos treinadores situa-se na importância dada à comunicação com o jogador, a qual deve ser apurada a cada tipo de transição. A mensagem transmitida deve ser clara, de modo a gerir as expectativas do jogador, explicando que a sua capacidade de trabalho no escalão atual poderá ajudar a promover a sua transição antecipada. Por sua vez, os participantes destacam que a transição descendente não deve ser vista como uma despromoção, mas uma adequação do contexto à sua necessidade de desenvolvimento.

VI. Discussão

O presente estudo teve como objetivo compreender as percepções dos treinadores e coordenadores técnicos que integram a estrutura de um clube de referência na formação de jogadores masculinos de futebol em Portugal, acerca do processo de transição do jogador entre escalões etários competitivos compreendidos entre os sub12 e a equipa sénior B, que se apresenta como sendo o último patamar anterior ao futebol sénior profissional. Em particular, procurou-se identificar a existência de transições antecipadas de alguns jogadores para os escalões cimeiros (face à sua idade cronológica), compreender a razão pela qual os treinadores/coordenadores decidem tomar a decisão de transitar antecipadamente jogadores entre escalões etários competitivos durante o seu processo formativo, de que forma os jogadores em causa são identificados e avaliados com esse objetivo, e, como é gerido o processo de transição.

Os participantes percecionam que uma transição antecipada de jogadores entre escalões etários competitivos ocorre no seio do clube como um fenómeno integrante da formação de praticantes, seguindo, portanto, a visão da instituição no que concerne ao desenvolvimento do jogador de futebol masculino. Este fenómeno ocorre com o objetivo de dar resposta às necessidades particulares do desenvolvimento de alguns jogadores, ao seu rendimento performativo, mas, também, para cobrir lacunas posicionais de plantéis de diferentes escalões. Nesse sentido, alguns jogadores podem ser identificados para transitar antecipadamente entre escalões etários competitivos, sendo esse processo de transição gerido de forma individualizada e adaptada tendo em consideração as necessidades do jogador e/ou do clube, podendo resultar em diferentes tipologias de transição.

6.1. O projeto de formação do jogador de futebol masculino

Os participantes abordam o projeto de formação do jogador de futebol masculino no clube tendo em consideração a visão global da instituição, segundo a qual se pretende recrutar e integrar jogadores que tenham potencial de talento.

Tal desiderato irá promover o desenvolvimento ao longo da carreira desportiva do jogador, desenvolvendo as competências necessárias de forma a promover a sua prontidão para integrar a equipa de futebol sénior profissional aquando do momento da TJS, e quiçá poderem vir a gerar mais valias financeiras. O desenvolvimento do jogador de futebol com o objetivo de alcançar o futebol profissional permitindo a ocorrência de novos negócios e a promoção de mais valias financeiras é cada vez mais uma preocupação considerada pelos clubes (Persson, 2011; Relvas et al., 2010).

Os resultados deste estudo demonstraram que o progresso do jogador ao longo da sua carreira desportiva compreende a ocorrência da “macro” transições entre estágios de desenvolvimento e “micro” transições entre escalões etários competitivos, no qual o seu desenvolvimento é uma preocupação dos participantes. O processo de desenvolvimento do jogador de futebol masculino no clube assenta em etapas de desenvolvimento balizadas pelos escalões etários competitivos, tendo em consideração a evolução do desenvolvimento humano e desportivo do jogador. O processo é orientado por um documento que procura guiar esta visão, o qual aborda de forma holística o processo de formação do jogador ao longo dos vários escalões etários competitivos que compõem os EFB e EFE da sua carreira desportiva e o trabalho que visa ser desenvolvido nas dimensões técnicas, táticas, físicas e psicológicas a cada etapa de desenvolvimento.

Esta visão holística do desenvolvimento do jogador de futebol masculino vai ao encontro da conceção representada pelo FCM da FA (The Football Association, 2014), o qual procura promover o desenvolvimento do jogador assente nos pilares: (i) tático-técnico, (ii) físico, (iii) psicológico e (iv) social. Esta abordagem holística no que respeita ao desenvolvimento do jogador incitou a realização de investigação científica recente, a qual trata a importância de uma formação multidisciplinar do praticante de forma a alcançar a excelência (Figueiredo et al., 2009; Kelly et al., 2020a; Kite et al., 2022; Lago-Peñas et al., 2014; Sarmiento et al., 2018).

No que diz respeito ao desenvolvimento humano e social do jogador, os coordenadores refletem também a importância que o clube desempenha na formação cívica do praticante, transmitindo a importância da conceção de uma carreira dual aos jogadores de forma que estes desenvolvam concomitantemente a sua carreira desportiva, académica e vida familiar, sendo esta uma área de destaque no estudo das transições no desporto (Stambulova et al., 2020; Stambulova & Samuel, 2019).

Segundo os coordenadores, o processo de formação do jogador de futebol masculino no clube, requer a existência duma identidade transversal a toda a estrutura de formação. A criação dessa identidade é promovida pela comunicação transversal, pela partilha da visão, partilha de recursos documentais e infraestruturais do clube a todos os elementos da estrutura de formação. Este processo visa fomentar momentos de discussão entre toda a estrutura, sobre objetivos do clube e o conhecimento dos jogadores de todos os escalões, o que facilita o processo de transição de jogadores entre escalões etários competitivos ao longo do seu processo de formação e possíveis transições de treinadores entre equipas técnicas, já que, tal como destacado em alguns estudos, se pretende que todos os elementos possuam um vasto conhecimento sobre o contexto onde se inserem (Côté & Gilbert, 2009; Lefebvre et al., 2016; Relvas et al., 2010).

O presente estudo destaca, portanto, a importância dos treinadores e coordenadores técnicos em todo o processo de desenvolvimento do jogador e das transições existentes no decorrer deste percurso. Sendo os treinadores e os coordenadores agentes desportivos responsáveis por orientar a prática e o desenvolvimento de praticantes ao longo do seu processo de formação, espera-se que estes detenham o conhecimento aprofundado do contexto onde atuam, dos praticantes que o compõem e o domínio de competências necessárias para poder tomar decisões que promovam alterações adequadas às necessidades evolutivas de cada jogador (Côté & Gilbert, 2009; Lefebvre et al., 2016; Relvas et al., 2010).

6.2. Razões de ordem global para transitar antecipadamente um jogador entre escalões etários

A ocorrência de situações transicionais antecipadas entre escalões etários competitivos no contexto do clube são resultantes de razões de várias ordens, nomeadamente (i) promover o desenvolvimento do jogador num contexto competitivo que se perspetive mais exigente, (ii) obter resultados desportivos auxiliados pelo rendimento apresentado pelo jogador, (iii) adaptação do jogador à identidade transversal do clube através da sua integração em grupos de pares de diferentes escalões etários e (iv) razões de necessidade, como insuficiência de jogadores no plantel e/ou lacunas de posição, originadas por lesões ou transições antecipadas de jogadores entre outros escalões etários do clube.

No que diz respeito ao desenvolvimento do jogador, os participantes consideram que é importante integrar o jogador no contexto mais adequado às necessidades da sua evolução. Este facto pode ser causado pelo contexto em que o jogador se insere ser demasiado facilitador, no qual apresenta muito sucesso nas suas ações, não encontrando desafios adequados ao seu desenvolvimento. Nesse sentido, poderá ser favorável observar um jogador em prática num escalão etário superior, onde se perspetiva que os desafios que irá enfrentar em treino e competição contra colegas e adversários de idade cronológica superior sejam mais exigentes. Caso o jogador demonstre um equilíbrio entre o rendimento exibido, sendo este compreendido pelo sucesso que exhibe nas suas ações tático-técnicas em treino e em jogo, e o seu potencial de desenvolvimento, poderá vir a permanecer nesse novo contexto e promover o desenvolvimento de competências que lhe permita superar as novas exigências emergentes. Caso o novo contexto em que se insere apresente excessivas dificuldades promovendo o insucesso exacerbado nas suas ações tático-técnicas, os participantes entendem que se deve proceder à readaptação do jogador ao conduzi-lo novamente a integrar o seu escalão etário. Efetivamente, vários estudos apontam a importância de um contexto favorável como fundamental para o desenvolvimento do jogador (Henriksen & Stambulova,

2017; Martindale et al., 2005; Morris et al., 2016b), já que os jogadores apresentam diferentes necessidades em diferentes estágios de desenvolvimento, pelo que requerem diferentes contextos para progredir (Martindale et al., 2005).

Segundo a literatura, na transição entre escalões etários mais estudada, a TJS, surge a ocorrência de desafios físicos e mentais de maior exigência para os praticantes (Bruner et al., 2008). Estudos realizados especificamente no futebol apontam ainda aumentos das exigências de ordem física e técnica no padrão de jogo do futebol sénior quando comparados com o padrão de jogo de futebol júnior (Finn & McKenna, 2010; Morris et al., 2016a; Morris et al., 2016b). Na perceção de futebolistas jovens, os mesmos evidenciam que existe um aumento de exigências físicas e competências específicas da modalidade quando competem acima do seu escalão etário com pares de idade cronológica superior, os quais entendem que promove o desenvolvimento das suas competências físicas, tático-técnicas e psicológicas de forma a dar resposta e superar as novas exigências emergentes (Goldman et al., 2021). Nesse sentido sugere-se que é possível que estas diferenças se poderão encontrar espelhadas também noutras transições entre escalões etários mais jovens, antecedentes à TJS, dado que os participantes mais jovens admitem sentir dificuldades semelhantes (Goldman et al., 2021).

Contudo, os participantes entendem que, por vezes, a preocupação em obter rendimento desportivo imediato impacta o processo de transição antecipada do jogador, referindo que existem situações em que o contexto em que jogador se insere é pouco desafiante. Deste modo, a transição antecipada deste jogador seria vista como o processo mais adequado, mas a sua manutenção no seu escalão etário prevalece, uma vez que o seu rendimento tem um impacto considerável no sucesso desportivo da equipa.

Para além do equilíbrio entre desenvolvimento e rendimento, os participantes referem ainda a importância de existir uma perspetiva integradora associada, na qual se promove aos jogadores uma experiência de integração temporária em diferentes escalões etários, de forma a aproximar e a fomentar o

conhecimento entre jogadores de diferentes grupos etários e criar a identidade transversal do clube. A esta perspectiva surge associada a uma valorização social e académica, através das quais jogadores que demonstrem bons comportamentos cívicos e apresentem bons resultados académicos, poderão ser considerados para vir a experienciar a integração temporária noutra escala etária. Esta política e promoção de integração de novos jogadores entre escalões etários aparenta conduzir ao aumento de coesão social entre os jogadores de diferentes escalões etários, através do aumento de momentos de integração, comunicação e conhecimento entre pares, tal como demonstrado no estudo de Goldman e colaboradores (2021).

Por fim, as necessidades do clube no que concerne à composição limitada de plantéis podem resultar em razões para transitar antecipadamente jogadores entre escalões etários competitivos, sendo que acontecem nomeadamente em situações de lacunas de posição e/ou lesões. Caso um jogador transite antecipadamente para o escalão etário seguinte, poderá promover-se a transição antecipada de um jogador do escalão etário antecedente para solucionar a lacuna posicional originada. Assim como, em situação de ocorrência de lesão, caso haja necessidade, a lacuna posicional gerada poderá ser coberta pela transição antecipada de um jogador do escalão etário anterior. Esta é uma medida comumente aplicada no desporto e identificada na literatura da especialidade, nomeadamente treinadores identificarem praticantes mais novos com competências para integrar plantéis de idades cronológicas superiores (Malina et al., 2019).

6.3. As transições verticais e horizontais de jogadores

A consideração do clube em categorizar a sua formação em dois grandes estágios de formação, o EFB que inclui todos os escalões etários até aos sub13 e o EFE, que inclui todos os escalões etários dos sub14 à equipa sénior B, evidência a ocorrência de uma transição de ordem macro entre os EFB e EFE, como nos sugerem os modelos descritivos de estágios de carreira (Stambulova,

1994; Wylleman & Lavallee, 2004). Para além desta “macro” transição, os resultados do presente estudo apontam a ocorrência de transições de ordem “micro” entre escalões etários competitivos. Estas transições são classificadas pelo clube como “verticais”, nomeadamente quando ocorrem entre os escalões etários competitivos, ainda que o clube defina também a existência de transições “horizontais”, as quais ocorrem quando surge a saída de jogadores para outras realidades.

Tendo em consideração a literatura científica (Alfermann & Stambulova, 2007; Stambulova, 2017; Stambulova & Samuel, 2019), é possível classificar as transições verticais como normativas, já que se espera que ocorram ao longo da carreira desportiva dos jogadores, dado que a cada época desportiva transitam gerações de jogadores entre escalões etários competitivos. No entanto, as transições verticais podem não só ocorrer quando gerações de jogadores transitam para o escalão etário competitivo seguinte a cada época desportiva, mas individual e antecipadamente a um ou vários jogadores que no início ou decorrer de uma época desportiva transite(m) para treinar e ou competir com o escalão etário superior, como ocorre no presente estudo. Nesta situação, em específico, as transições verticais poderão ser consideradas como quasi-normativas, já que são consideradas e previstas para determinados praticantes previamente à sua ocorrência (Stambulova, 2016; Stambulova & Samuel, 2019).

As transições horizontais são classificadas como não-normativas, sendo estas de difícil predictabilidade, não se sabendo se poderão vir a ocorrer. Contudo, em alguns casos, as transições horizontais poderão ser consideradas quasi-normativas, caso a saída de um ou vários jogadores do clube seja prevista e gerida antecipadamente à sua ocorrência (Stambulova, 2016; Stambulova & Samuel, 2019).

O presente estudo evidenciou a ocorrência de cinco tipos de situações transicionais antecipadas, de ordem vertical, entre escalões etários compreendidos no EFB e no EFE, nomeadamente: (i) situação em que o jogador sobe ao escalão acima pontualmente para treinar; (ii) situação em que o jogador sobe ao escalão acima para treinar e competir pontualmente; (iii) situação que o

jogador sobe ao escalão acima para treinar constantemente, mas vem competir ao seu escalão com regularidade; (iv) situação em que o jogador já integrou definitivamente o escalão etário acima, mas vem pontualmente competir ao seu escalão; e, (v) situação em que o jogador já integrou definitivamente o escalão etário acima e compete com frequência no mesmo.

As três primeiras situações acima mencionadas aproximam-se entre si no pressuposto de que ocorre um planeamento prévio e uma gestão antecipada antes de transitar o jogador efetivamente entre escalões etários, sendo consideradas transições quasi-normativas (Stambulova, 2016; Stambulova & Samuel, 2019). Em todas estas situações ocorre uma integração gradual do jogador no escalão etário superior, integrando-o em treino e/ou competição de forma pontual, podendo vir esta situação a evoluir para uma forma mais permanente onde o seu contexto de desenvolvimento será efetivado no escalão etário superior, contabilizando um maior número de horas envolvido nesse escalão vindo apenas competir ao seu escalão. Por outro lado, em relação às segunda e terceira situações transicionais, consideramo-las como transições voláteis de sentido bidirecional onde o jogador ascende e descende para treinar e para competir, não sendo necessariamente uma situação negativa, mas necessária e importante para o seu desenvolvimento. Isto vai ao encontro do que a literatura tem demonstrado, nomeadamente que o treino e competição em diferentes realidades oferecem aos praticantes múltiplas possibilidades de ação que permitem que desenvolvam variadas competências solicitadas em resposta a necessidades de diferentes estímulos contextuais (Ribeiro et al., 2021).

As quarta e quinta situações consideramos transições fixas e quasi-normativas, onde o planeamento e a transição antecipada se efetivaram, já que o jogador se encontra definitivamente integrado para treinar e competir no escalão etário superior. A ocorrência de uma descida pontual de um jogador para competir não é considerada transição descendente já que os participantes consideram que o jogador não sai do seu contexto de desenvolvimento (que já é o escalão etário acima), meramente se encontra numa situação de descida pontual em resposta à necessidade de ter tempo de jogo numa determinada semana e/ou procurar otimizar o rendimento desportivo do escalão etário abaixo.

No EFB, a situação transicional antecipada mais recorrente é a subida de um jogador para treinar no escalão etário acima e posteriormente regressar ao seu escalão. Porém, a observação e avaliação dos jogadores nestas situações poderá fornecer aos agentes desportivos responsáveis informação sobre a prontidão de determinado jogador em transitar antecipadamente entre escalões etários competitivos.

Não obstante, foram também referenciados exemplos de jogadores que mesmo neste estágio transitaram efetivamente entre escalões etários competitivos, considerando uma transição fixa, quando integrados permanentemente no escalão etário seguinte para treinar e competir. Segundo alguns participantes, transições fixas não ocorrem mais vezes no EFB porque se considera que os jogadores do escalão etário superior apresentam maior qualidade em comparação com os jogadores do escalão etário precedente. Aliado ao facto de existir uma preocupação em vencer campeonatos mesmo em tenras idades, sugere-se a evidência de uma preocupação em apresentar rendimento competitivo ao invés de desenvolvimento. Esta preocupação parece denotar que existe uma abordagem de formação focada na especialização precoce do jogador com vista ao seu rendimento imediato o que poderá apresentar consequências negativas físicas, psicológicas e sociais a longo prazo (Coutinho et al., 2016). Nesta situação particular, os jogadores estagnados no seu próprio escalão etário poderão limitar as experiências adequadas à sua evolução e sobretudo estagnar o seu desenvolvimento (Martindale & Mortimer, 2011). É de considerável importância que nas idades sensíveis do EFB os jogadores desenvolvam habilidades e competências motoras que são necessárias no futuro (Martindale & Mortimer, 2011). Por este motivo, nas idades que compreendem o EFB, o foco deveria ser numa prática menos estruturada, mais lúdica e baseada em formas jogadas, de modo que os praticantes possam desenvolver as suas capacidades, mas, simultaneamente, potenciem e incrementem o gosto pela prática da modalidade (Côté & Hay, 2002).

Ainda assim, apesar de se evidenciar pouca ocorrência de transições fixas, importa salientar que os escalões etários que integram o EFB competem semanalmente de forma estruturada e organizada em campeonatos do mesmo

escalão etário e do escalão etário superior, fornecendo aos jogadores, assim, mais um momento de competir acima do seu escalão para promover o seu desenvolvimento. Importa que haja um equilíbrio entre desenvolvimento e competição já que competitividade, «vontade de ganhar», o jogar sob pressão, a desilusão e a relação com a derrota são fatores que se devem desenvolver e promovem a própria evolução do jogador (Bloom, 1985; Martindale & Mortimer, 2011)

Em comparação com o EFB, no EFE ocorrem situações transicionais de todas as tipologias e em maior frequência entre todos os escalões etários, excetuando entre escalão de sub15 e sub16. Esta exceção deve-se ao facto do campeonato nacional de sub15 ser considerado por alguns participantes, mais exigente que o campeonato distrital de sub17 onde milita o escalão de sub16, estando, por isso, os jogadores perante maior exigência e possibilidade de desenvolvimento. Nos escalões etários competitivos que compreendem o EFE, vai-se espelhando de forma mais clara o impacto do rendimento para a identificação de jogadores com o propósito de transitar antecipadamente entre escalões etários competitivos. No entanto, é sensivelmente a partir destas idades que a prática deliberada e estruturada do futebol, como maior foco no rendimento desportivo, já em aproximação ao alto rendimento desportivo, se sugere como indicada com vista ao alcance da excelência (Côté & Hay, 2002).

6.4. A identificação e avaliação de jogadores para aferir a transição entre escalões etários

Os participantes apontam que a aferição da transição entre escalões etários se encontra assente na avaliação das suas etapas de desenvolvimento. A estrutura de formação do clube utiliza como ferramenta de avaliação a elaboração de relatórios individuais de cada jogador que compõem todos os escalões etários dos EFB e EFE. Os relatórios dos escalões entre os sub9 e os sub13 (EFB) compõem uma análise quantitativa das capacidades técnicas (exemplo: passe, receção, cabeceamento), uma análise qualitativa das

capacidades táticas, sendo neste caso uma avaliação da sua compreensão dos princípios de jogo, e, um dado estatístico sobre o número total de minutos de jogo. Os relatórios dos escalões entre os sub14 e equipa sénior B (EFE) compõem uma análise meramente qualitativa das capacidades técnicas, tática, física e psicológica e um dado estatístico sobre o número total de minutos de jogo. Em ambos os casos, as análises são feitas em função das competências definidas nas etapas de desenvolvimento.

A literatura sugere que de entre os fatores que influenciam o desenvolvimento do jogador de futebol, a competência técnica é a mais destacada (Sarmiento et al., 2018). A importância da mensurabilidade das competências técnicas deverá ser tida em consideração na avaliação do jogador, já que o seu desenvolvimento é considerado na literatura como um fator preditor de maiores resultados no desenvolvimento no futebol jovem (Figueiredo et al., 2011; Figueiredo et al., 2009). A competência tática, é maioritariamente avaliada pelas tomadas de decisão e (funções de) posição e preditora de performance no futebol adulto (Sarmiento et al., 2018), porém também avaliada em jovens (Kannekens et al., 2011).

As competências tático-técnicas são fatores que os participantes consideram analisados para a identificação de um jogador que venha a transitar antecipadamente entre escalões etários, nomeadamente a tomada de decisão que o jogador apresenta em jogo e ação técnica associada para a executar. Efetivamente, o estudo de Kelly e colaboradores (2020) refere que existe uma associação entre a qualidade de posse e as ações executadas com sucesso nos jogadores que jogam acima do seu escalão, nos escalões entre os sub9 e os sub11. Já os jogadores que jogam acima nos escalões entre os sub12 e os sub16, apresentam uma associação com ações técnicas mais criativas, como maior número de contactos com a bola e maior sucesso em drible (Kelly et al., 2020a).

Pese embora a preocupação em realizar uma avaliação de cada jogador que sustente a tomada de decisão sobre uma possível transição, estas ocorrem apenas sustentadas na visualização da performance diária em treino e jogo

conduzida pelos treinadores que procuram realizar uma análise holística das competências técnicas, táticas, físicas e psicológicas do jogador durante a sua prática. A verdade é que os participantes não referem indicadores de análise ou instrumentos de recolha de dados para as competências referidas devidamente válidos que permitam uma avaliação objetiva e imparcial sobre todos os jogadores. A ausência de um instrumento de recolha de dados devidamente validado para o efeito, assim como a ausência de indicadores claros de análise, aumenta a probabilidade de não ser realizada uma avaliação objetiva e igual para todos os jogadores, gerando, assim iniquidade neste processo. A avaliação de cada jogador, assim como os relatórios produzidos que procuram representar a margem de progressão do jogador no clube, é por isso totalmente subjetiva, assim como a base de sustentação de uma tomada de decisão em transitar o jogador entre escalões etários no final de cada época desportiva.

No entanto, existem na literatura científica vários exemplos de baterias de testes utilizados para avaliar indicadores de análise das várias competências referidas (Kelly et al., 2020a; Sarmento et al., 2018). Note-se que Kelly e colaboradores (2020) recorreram a diferentes baterias de testes para avaliar as competências tático-técnicas (Belling et al., 2015; Kelly et al., 2020b; Vaeyens et al., 2006), físicas (Kelly et al., 2021), psicológicas (Macnamara & Collins, 2011, 2013) e sociais (Ford et al., 2009) de jogadores que competem acima da sua idade cronológica em comparação com pares que não o fazem.

Todavia, segundo os participantes, o fator que maior peso aparenta ter nas diferenças de performance e que conduz à decisão de transitar um jogador antecipadamente entre os escalões etários do EFB são as diferenças nas características físicas e no desenvolvimento maturacional dos jogadores. A literatura aponta a importância que o desenvolvimento maturacional, o crescimento, a performance física e o efeito da idade relativa têm no desenvolvimento do jovem jogador de futebol (Kelly & Williams, 2020) (Kelly & Williams, 2020). O estudo de Kelly e colaboradores (2020) mostra que existe um maior índice de capacidade física nas variáveis de velocidade e força de membros inferiores em jogadores que competem acima, avaliados através de sprints de 10m e 30m e altura do CMJ, respetivamente. Para além disso, os

jogadores que competem acima aparentam apresentar maior percentagem de altura estimada, sendo um indicador maturacional que pode contribuir para a transição antecipada do jogador (Kelly et al., 2020a).

Os participantes entendem que um jogador que apresente em tenra idade, maior desenvolvimento maturacional, maior desenvolvimento nas capacidades motoras apresenta maior sucesso nas suas ações na prática quando em comparação com os seus pares com menor capacidade de desenvolvimento dessas mesmas capacidades, pelo que uma transição antecipada para competir com pares que apresentem características físicas aproximadas, poderá proporcionar um contexto de desenvolvimento mais apropriado. Esta ideia encontra-se associada ao conceito de Bio-Banding que refere que a organização dos escalões competitivos e o agrupamento de praticantes seja feito por idades biológicas ao invés da tradicional organização feita pela idade cronológica (Bradley et al., 2019). Tal desiderato tem como objetivo diminuir a desigualdade possivelmente existente na aprendizagem dos jogadores face a ritmos de crescimento e desenvolvimento maturacional diferentes evidenciado entre praticantes da mesma idade (Malina et al., 2015). A literatura refere que quando agrupados com pares da mesma idade, a performance dos praticantes é menos impactada pelas diferenças físicas e maturacionais e mais pelas competências tático-técnicas que o jogador apresenta (Bradley et al., 2019; Cumming et al., 2017). Nesse sentido, é possível que praticantes que apresentem vantagens físicas e maturacionais sobre os seus pares sejam propostos para transitar antecipadamente de escalão, de forma a diminuir o impacto dessas vantagens e promover o desenvolvimento de competências tático-técnicas o mais ajustado possível para todos os jogadores.

Contudo, se apenas as características físicas fossem indicadoras de transição antecipada entre escalões etários competitivos, excluir-se-ia desse fenómeno praticantes que apresentem desenvolvimentos maturacionais tardios, mas que, porém, apresentam desenvolvimentos consideráveis nas competências táticas-técnicas e, por isso, a decisão adequada ao seu desenvolvimento também fosse a transição antecipada para o escalão etário seguinte. Deste modo, a questão em volta do Bio-Banding revela-se, ainda,

controversa, pelo que necessita de mais investigação para se provar que realmente poderá ser um tipo de organização mais favorável para o desenvolvimento dos jogadores (Malina et al., 2019).

Nos escalões etários do EFE, dos sub14 à equipa sénior B, à medida que os jogadores vão avançando na idade cronológica, a identificação de rendimento na performance é referida pelos participantes como o fator mais recorrente para transitar antecipadamente um jogador entre escalões etários competitivos. Neste caso, o rendimento não é compreendido apenas pelo sucesso que o jogador apresente nas tomadas de decisão e execução das ações técnicas associadas, mas pela execução de ações e cumprimento de funções táticas que o treinador defina para o jogador na sua prática. Este critério é referido pela literatura sobre a TJS, na qual treinadores apontam a importância de o jogador conhecer e cumprir as funções que o treinador pretenda (Morris et al., 2016b; Røynesdal et al., 2018). Tanto na literatura mencionada, como no presente estudo, os treinadores dos escalões etários a partir dos sub15 em diante apontam a importância de um jogador conseguir dar resposta às necessidades da sua equipa para que se efetive uma transição antecipada. Em função disso, esses mesmos treinadores entendem que os jogadores devem ter um conhecimento e compreensão aprofundado do jogo para conseguirem compreender as funções que lhes são requeridas num contexto mais adverso e uma capacidade táctico-técnica que auxilie a sua execução, de forma que consigam ter sucesso na sua transição antecipada de escalão. Contudo, os participantes indicaram que sucesso nestas variáveis não é avaliado de forma objetiva, uma vez que não se quantifica o número de vezes que ocorre. Este fator é corroborado pelo estudo de Kannekens et al. (2011) que refere que jovens jogadores de futebol que detenham conhecimento processual sobre a sua (função de) posição e tomada de decisão se encontram mais próximos de atingir o alto rendimento. O conhecimento processual é associado ao facto dos jogadores apresentarem durante a prática uma adequada interpretação de uma situação específica e terem associada a capacidade de estar no local certo e a capacidade de executar a ação certa, os diferencia dos jogadores menos sucedidos (McPherson, 1994).

Outro fator que surge no presente estudo como influente na transição antecipada do jogador entre os escalões etários no EFE relaciona-se com a importância de avaliar o perfil psicológico do jogador. Os participantes entendem que a avaliação desse perfil se baseia na observação da postura e personalidade social do jogador intra e extra prática. Alguns participantes referem que jogadores com maior capacidade de disciplina, comprometimento e resiliência normalmente apresentam mais sucesso quando sujeitos a uma situação transicional, que vai provocar um desafio diferente do qual está habituado. A literatura realizada especificamente no contexto do futebol apontam a resiliência, a confiança, a concentração, o comprometimento, a disciplina, a motivação e a capacidade de lidar com a adversidade, como as variáveis psicológicas mais identificadas em jogadores bem-sucedidos (Sarmiento et al., 2018). De entre todas as variáveis identificadas, que se encontram associadas ao processo de transição, a que mais destacada como impactante no sucesso de uma transição é a capacidade de lidar com a adversidade provocada pelas exigências inerentes ao novo contexto no qual o jogador se insere (Alfermann & Stambulova, 2007; Stambulova, 1994, 2003, 2016; Stambulova & Samuel, 2019).

Um coordenador atribuiu, ainda, importância a determinadas características psicológicas que um jogador deve possuir em função da sua posição. Tome-se como exemplo um jogador que ocupe a posição de defesa central, na qual perspetiva-se que a execução das suas funções poderá ocorrer com maior sucesso caso apresente um nível de agressividade e foco em recuperar a posse de bola do que um jogador que não a possua essas características. Existem já estudos que testaram estas ideias, como o estudo de Álvarez-Kurogi e colaboradores (2019) realizado no âmbito do futsal. O respetivo avaliou o efeito da autoconfiança, da preparação e atitude mental, do controlo de stress, da concentração e da motivação nos jogadores na performance desportiva, consoante a sua posição. Os resultados do estudo apontaram que de entre as posições estudadas, a de guarda-redes apresentou o melhor perfil psicológico para a performance desportiva, já que demonstra maiores níveis de autoconfiança e controlo de stress quando comparado com outras posições. A identificação de determinadas características psicológicas como influentes na

performance desportiva do jogador de futebol, tomando em consideração a especificidades da sua posição, parece ser uma temática pertinente, contudo a pesquisa realizada previamente sobre o estado da arte a este nível não mostrou estudos relacionados, dando a entender que se trata de uma área pouco desenvolvida pela investigação (Álvarez-Kurogi et al., 2019).

6.5. Gestão do processo de transição antecipada do jogador

As diretrizes no que concerne à gestão do processo de transição antecipada entre escalões etários competitivos, nomeadamente a decisão sobre integrar jogadores em treino no escalão etário superior, são ações delineadas em concordância pelos treinadores de ambos os escalões e a coordenação. Resulta, numa primeira fase, da observação do jogador pelo treinador do escalão no qual milita e pela coordenação, sendo posteriormente discutida com o treinador do escalão etário para o qual o jogador transita, já que o mesmo determina se existe espaço e possibilidade para o jogador continuar o seu desenvolvimento na sua equipa.

O principal indicador de gestão do processo de transição apontado pelos participantes foi o número de minutos que o jogador é utilizado em competição. Caso o jogador tenha minutos de jogo a competir no escalão etário superior, a norma é mantê-lo nesse contexto mais exigente, caso contrário deve competir no seu escalão etário. No que concerne ao tempo de prática, a literatura aponta o tempo de prática deliberada como fator influente na evolução de performance (Baker et al., 2003; Côté & Hay, 2002). Porém, estudos realizados no âmbito do futebol referem que o tempo de prática especificamente em competição, apesar de importante, não supera a importância do tempo de prática deliberada ou estruturada em contexto de treino para o desenvolvimento do jogador e para o alcance de patamares elevados de performance (Ford et al., 2009; Ford & Williams, 2012; Haugaasen et al., 2014). A decisão em utilizar o jogador em competição é, porém, resultante da apreciação semanal do seu rendimento em função da avaliação holística das suas competências e da sua integração social

no grupo do escalão etário superior. O impacto da integração social na performance é um fator apresentado por Goldman e colaboradores (2021), os quais apontam que jovens jogadores apresentam maior sucesso nas suas competências específicas do jogo quando socialmente integrados no grupo, resultantes de um aumento de confiança e do apoio de pares intra e extra prática.

Durante a época desportiva, o processo de transição antecipada é gerido numa base de avaliação semanal, de forma a apreciar se os jogadores apresentam nível de prontidão para serem conduzidos a uma situação transicional. Caso essa situação transicional ocorra, os jogadores são continuamente observados na(s) semana(s) seguintes em treino e possivelmente em jogo, de forma a analisar a performance que apresenta na sua integração num contexto etário superior. A contínua observação do jogador poderá ditar uma gestão diferenciada resultando na ocorrência de uma diferente tipologia de situação transicional.

Nos casos particulares dos escalões etários que competem em campeonatos nacionais, em que o período preparatório (vulgo pré-época) se inicia mais cedo em relação aos escalões etários que competem em campeonatos distritais, a gestão de situações transicionais para observação de jogadores de idades cronológicas inferiores ocorre, desde logo, com a sua integração no escalão etário superior, de forma a avaliar a sua prontidão em transitar antecipadamente para esse escalão etário.

Não existe, porém, uma norma de gestão do processo de transição antecipada adaptada a todos os jogadores já que é individualizada consoante a performance, as necessidades e características pessoais do praticante e a razão que levou à sua ocorrência (caso seja uma necessidade da equipa). Nesse sentido, a transição antecipada entre escalões etários competitivos aparenta possuir uma particularidade diferente das particularidades da TJS. Enquanto na TJS se procura que haja uma adaptação das capacidades do jogador para lidar com as novas exigências do contexto (Morris et al., 2016b; Røynesdal et al., 2018), adaptação essa necessária também na transição antecipada entre

escalões etários competitivos, nesta transição procura-se que o contexto seja adequado às suas características e necessidades individuais do jogador.

A medida mais recorrente neste processo é que o jogador cumpra pelo menos os últimos dois treinos do microciclo integrado no escalão pelo qual vai competir, sendo uma norma válida para o jogador que se encontra a ir acima pontualmente ou recorrentemente, bem como para o jogador que se encontra fixo acima e pela necessidade de ter tempo competitivo vir competir ao escalão etário abaixo, quando a idade cronológica assim o permite.

A TJS dita algumas particulares no método de gestão. Neste estudo, em particular, desde logo, o facto de ser gerido um processo entre três escalões, Sub19, equipa sénior B e equipa sénior A profissional, conduz a que as situações transicionais ocorram em três sentidos ao contrário do habitual sentido bidirecional que caracteriza as situações transicionais entre os escalões etários precedentes. Os jogadores sub18 encontram-se integrados fixamente na equipa sub19 (o clube não possui equipa de sub18) e competem de forma recorrente pela equipa B, quando não convocados pela equipa sub19, existindo situações transicionais pontuais entre equipa sub19 e equipa B, decididas no caso sob o juízo do treinador da equipa sub19. Nessas situações, a gestão de treino desses jogadores é dividida semanalmente entre três treinos com a equipa de sub19 e dois treinos com a equipa B. Os participantes consideram que esta situação transicional é benéfica para os jogadores sub18 que não teriam tempo competitivo na equipa sub19 e podem tê-lo na equipa B, caso o treinador entenda que devem jogar. No que concerne, às ligações transicionais com a equipa sénior A, a mesma apresenta prioridade na escolha dos jogadores que podem transitar diretamente das equipas sub19 e B para cima, sendo que podem também transitar de forma descendente e nessa situação ter obrigatoriamente tempo de jogo nos escalões abaixo. Contudo, no que diz respeito à gestão dos jogadores em treino, os treinadores entendem que não é benéfico que os jogadores que descem para competir não tenham treinos suficientes integrados nas equipas pelas quais vão competir.

Porém, os participantes referem que não basta ter em consideração o fator gestão do tempo de jogo do jogador, importa também ter em consideração as suas características pessoais. Caso o jogador tenha tempo de jogo competitivo, mas não consiga ter sucesso nas suas ações, pode conduzir à sua frustração, pelo que, na perceção dos participantes, é necessário ter em consideração a gestão de expectativas do jogador. Este resultado encontra-se alinhado com a literatura da especialidade, a qual indica que uma gestão ajustada das expectativas do jogador pode conduzir a uma adaptação bem-sucedida ao processo de transição (Bruner et al., 2008; Pummell, 2008).

Por um lado, nas idades cronológicas do EFB, em situações transicionais pontuais mais recorrentes em que o jogador vá treinar acima pontualmente, os participantes entendem que a melhor forma de gestão é comunicar ao jogador que irá treinar com os colegas mais velhos e aproveitar a experiência, retirando qualquer pressão associada a esta transição. A pressão colocada em jovens com vista à performance e ao alcance resultados desportivos, características de uma especialização precoce, são barreiras que causam dificuldades acrescidas ao praticante e podem resultar em consequências negativas como reduzir a sua motivação intrínseca pela prática e conduzir ao *dropout* (Baker, 2003; Côté et al., 2011; Coutinho et al., 2016).

Por outro lado, no contexto dos escalões etários do EFE, os participantes entendem que é necessária uma gestão de expectativas mais aprofundada e adaptada a cada jogador. Esta gestão é feita através do diálogo, primeiramente com o treinador do escalão no qual se encontra e posteriormente com o treinador do escalão para o qual transita, no qual lhe são explicadas as razões da sua transição, o seu mérito em ser escolhido para transitar antecipadamente e o que se espera dele durante esse período. Este diálogo é sobretudo mais importante quando se trata de uma situação transicional de sentido descendente, na qual a maioria das vezes o jogador se encontra desmotivado e a percebe como uma despromoção. A maioria dos participantes percebe como importante que o jogador saiba o motivo dessa transição e o que deve melhorar para continuar o seu desenvolvimento. A informação transmitida ao jogador potencia o conhecimento sobre a transição que vai encarar, as exigências associadas, as

expectativas sobre o que se pretende do seu desempenho e sobretudo lhe demonstre o apoio do treinador, como ocorreria numa TJS, sendo, portanto, positiva para a gestão deste processo (Morris et al., 2016b; Røynesdal et al., 2018).

De forma geral, os participantes entendem que as comunicações com os jogadores devem ser claras e transmitir de forma transparente o que se espera deles nesta sua nova fase de desenvolvimento, pelo que a valorização do seu trabalho se torna sempre um elemento motivador. Este parece ser um resultado corroborado por Goldman et al. (2021) que referem que uma boa integração do jogador num escalão etário mais velho depende do apoio dos treinadores, sobretudo do seu feedback construtivo e motivacional, que lhe transmite os pontos positivos e os pontos a melhorar na sua evolução e oportunidades para demonstrar as suas competências. A este nível, Eys e colaboradores (2009) referem, ainda, que os treinadores podem promover uma maior coesão à prática através de uma comunicação efetiva e clara com os praticantes.

VII. Considerações finais

O presente estudo aparenta ser o primeiro que procura compreender as percepções de treinadores e coordenadores técnicos sobre a tomada de decisão em relação ao processo de transição entre escalões etários competitivos de jogadores de futebol masculino, nomeadamente a sua transição antecipada. Trata-se de aprofundar o conhecimento sobre o objeto de estudo e disponibilizá-lo aos agentes desportivos e demais interessados sobre os fatores que podem conduzir à ocorrência de processos de transições antecipadas de jogadores entre escalões etários competitivos, assim como métodos de gestão associados.

Desde logo, o presente estudo sugere aos agentes desportivos que detenham um conhecimento adequado do contexto em que os próprios se inserem e intervêm, que lhes permita perceber como os processos de transição entre escalões etários competitivos são realizados no clube, assim como se a ocorrência de transições antecipadas é um novo fenómeno ou um fenómeno já recorrente. Como ponto de partida, importa que se compreenda a política de formação do clube e que objetivos se pretende que sejam alcançados, os quais podem ajudar a definir tomadas de decisão sobre as práticas que influenciam o desenvolvimento do jogador, ao longo da sua carreira desportiva. Sendo a carreira desportiva composta por macro e micro transições com diferentes exigências para o jogador, torna-se importante que os agentes desportivos responsáveis pelo seu desenvolvimento consigam adotar medidas congruentes com as necessidades específicas de cada jogador, nomeadamente inseri-lo no contexto mais propício à sua evolução.

Importa ter em consideração que o contexto para o qual o jogador transite, não se afira demasiado exigente podendo provocar negativamente o seu desenvolvimento. Logo, importa avaliar o jogador e as suas necessidades, assim como a sua integração e performance no contexto em que atua e o no contexto para o qual pode transitar. É nesse sentido entendido que a avaliação do processo de desenvolvimento do jogador deve ser feita numa perspetiva holística, focada nas competências tático-técnicas, físicas e psicológicas, em treino e em jogo, em comparação com os seus pares. Porém, não são referidos neste estudo indicadores de análise ou instrumentos de recolha de dados devidamente válidos que permitam uma avaliação objetiva e imparcial sobre as

capacidades de cada jogador, pelo que se revela claramente uma área a desenvolver no futuro no contexto de prática em questão.

Nos escalões sub12, sub13 e sub14, o fator que aparenta ter maior peso na tomada de decisão em transitar antecipadamente um jogador entre escalões etários competitivos relaciona-se com o desenvolvimento maturacional e o desenvolvimento das capacidades motoras/físicas. Em escalões etários de idades superiores, de sub15 em diante, é enfatizado o peso das competências tático-técnicas e do rendimento do jogador para o transitar antecipadamente de escalão, já que é apontado como possível fator mensurável avaliativo, o número de ações tático-técnicas realizadas com sucesso na prática. Já de um panorama transversal, é apontado o impacto das competências psicológicas para lidar com a integração em escalões com pares de idades superiores.

Apesar do estudo demonstrar que a transição antecipada é uma medida tomada para dar resposta às necessidades evolutivas de um jogador que se encontre estagnado num contexto que não lhe proporcione desafios necessários ao seu desenvolvimento, a importância do sucesso do rendimento desportivo proporcionado pelo desempenho do jogador em determinado escalão, por vezes limita e trava a sua transição para o escalão etário superior (que talvez fosse benéfica para a individualidade do jogador).

Para além dos fatores «desenvolvimento» e «rendimento», a necessidade em suprimir lacunas posicionais de plantéis de diferentes escalões e a importância da integração social do jogador em diferentes escalões etários com o objetivo de criar uma identidade transversal a todas as equipas de formação, pode conduzir à ocorrência de transições antecipadas entre escalões etários competitivos.

Por outro lado, as necessidades evolutivas no jogador não são todas iguais e a necessidade de adaptação ao contexto pode conduzir uma situação transicional ascendente, mas, igualmente, pode conduzir a uma situação transicional descendente, caso a idade cronológica assim o permita. Este facto leva à necessidade de adotar uma gestão particularizada do processo de transição, o qual pode resultar na integração do jogador em treino e jogo, em

mais de um escalão etário na mesma época desportiva ou apenas no escalão etário superior, caso esse seja entendido como o contexto adequado ao seu desenvolvimento.

O presente estudo evidenciou cinco tipologias de situações transicionais verticais entre escalões etários competitivos, considerando-se como transições fixas ou voláteis, e, maioritariamente quasi-normativas, já que são ponderadas pelos agentes desportivos previamente à sua ocorrência (Stambulova, 2016). A variedade nos tipos de situações transicionais demonstra que existe uma heterogeneidade nos processos de transição, podendo variar em cada processo (de cada jogador) o número de vezes que ocorrem transições, os períodos de tempos e o método de gestão associados. Na ligação entre sub12 e sub13, a situação transicional mais recorrente é um jogador poder ir treinar pontualmente ao escalão acima, mas regressa sempre ao seu escalão. Nas ligações entre sub13-sub14-sub15 as situações transicionais mais recorrentes são transições voláteis em que jogadores podem ir treinar e competir acima e regressar novamente ao seu escalão. Nas ligações entre sub16-sub17 ocorrem maioritariamente transições fixas e ainda algumas voláteis. Nas ligações sub19 - equipa B ocorrem maioritariamente transições voláteis motivadas pelas particularidades do contexto, assim como transições voláteis para a equipa A.

A ocorrência destas situações transicionais permite perceber que ao longo de uma época desportiva vários jogadores competem em mais do que um escalão etário competitivo, o que promove integrações em diferentes contextos competitivos, diferentes relações com pares e uma liderança proveniente de diferentes treinadores.

Nas transições voláteis, o processo de gestão é mais inconstante, já que o jogador pode transitar, de forma ascendente e descendente, diariamente ou semanalmente entre os escalões etários competitivos. Nas transições fixas, o processo de gestão é mais consistente com o jogador já integrado a treinar e competir definitivamente num escalão etário, sendo que caso venha competir pontualmente ao seu escalão etário, normalmente realiza os últimos dois treinos da semana com esse escalão. A ocorrência de transições horizontais quasi-

normativas também ocorrem em menor frequência, normalmente no término da época desportiva.

A importância do treinador é crucial no processo de transição antecipada de jogadores entre escalões etários competitivos, no que diz respeito à identificação e gestão das necessidades do jogador, como orquestrador do contexto adequado para dar resposta essas necessidades. O estudo aponta como principal indicador de gestão do processo de transição o número de minutos que o jogador é utilizado em competição. A gestão da utilização do jogador em competição é realizada pelo treinador que tem a função de entender se o jogador que transitou antecipadamente para o seu escalão se encontra a competir com regularidade. Contudo, não existe uma gestão padronizada do tempo de prática do jogador em treino e em competição. Pelo contrário, existe a procura de integrar o jogador no contexto mais propício às suas necessidades ou às necessidades da equipa em função do seu rendimento desportivo, o que conduz a uma individualização do processo.

A gestão da transição antecipada deve ser adequada às necessidades e características pessoais do jogador o que exige a individualização do processo por parte do treinador. Importa que o treinador tenha um diálogo transparente e claro com os jogadores, transmitindo-lhes feedback relacionado ao processo de transição antecipada, dando-lhes a conhecer as razões que o motivaram, gerir as suas expectativas.

Para além das aplicações práticas do estudo, importa considerar as limitações metodológicas associadas a estudos de caso, como o acesso limitado a participantes e problemas de validade externa (Morgan et al., 2017). Considerado a abordagem qualitativa interpretativa do estudo, apenas se investigaram as perceções de dez participantes dependentes da experiencição do seu contexto em específico, a estrutura técnica de formação de uma instituição desportiva certificada pela FPF como entidade formadora de 4 estrelas, a qual resulta das interações com os restantes elementos do ambiente (Bryman, 2016). Logo, não se permite que os resultados sejam extrapolados para diferentes contextos de prática. Importa, por isso, compreender a

importância de estudos de caso realizados para disponibilizar à comunidade científica e demais interessados conhecimentos sobre intervenções práticas aplicadas a um objeto de estudo, no caso as transições existentes entre escalões etários competitivos ao longo da formação do jogador de futebol masculino. No entanto, importa que investigações futuras repliquem um design de estudo desta natureza para que seja possível compreender o impacto que o meio, a cultura, a tipologia do desporto, bem como outros fatores de ordem ambiental e social possam ter no estudo desta temática.

Neste caso, é possível que a presente investigação se apresente como uma sugestão teórica aos demais intervenientes desportivos interessados, de forma que possam utilizar como recurso para avaliar os processos transitórios no contexto em causa e tomar decisões acerca da (não) transição antecipada de jogadores entre escalões etários competitivos na sua realidade.

Futuras linhas de investigação são necessárias para desenvolver o conhecimento sobre transições antecipadas entre escalões etários competitivos de jogadores de futebol. Primeiro, nomeadamente o presente estudo não procurou avaliar o número de jogadores de futebol que experienciaram o fenómeno. Sugere-se a necessidade futura de realizar estudos longitudinais para identificar, em vários contextos, o número de jogadores que são alvo deste fenómeno, os tipos de situações transicionais pelas quais atravessam e quais os diferentes impactos que podem apresentar no seu desenvolvimento ao longo da sua carreira desportiva. Importa vir a perceber se as transições antecipadas influenciam e/ou conduzem ao alcance de patamares de alto rendimento, ou se, podem porventura promover o abandono precoce da prática. Deste modo, dar voz aos principais atores desta abordagem, ou seja, aos praticantes, deverá ser igualmente uma área a explorar em futuros estudos, compilando, assim, a perceção de vários agentes que atuam no domínio desportivo. Segundo, importa investigar se o fenómeno conduz a desenvolvimentos de competências tático-técnicas, físicas, psicológicas ou sociais, com recurso a estudos quantitativos, de forma a definir variáveis mensuráveis, tornando o processo de transição antecipada mais objetivo. Quando vier a existir evidência científica suficiente importa reformar as políticas de gestão do processo de transição, adequando de

forma mais sustentada os momentos em que jogador se deve encontrar integrado em determinado contexto competitivo, para que beneficiem de um melhor percurso evolutivo (Goldman et al., 2021).

Referências Bibliográficas

- Alfermann, D., & Stambulova, N. B. (2007). Career transitions and career termination. In G. T. R. C. Eklund (Ed.), *Handbook of sport psychology* (3^a ed., pp. 712-733). Hoboken, NJ, US: John Wiley & Sons, Inc.
- Álvarez-Kurogi, L., Onetti, W., Fernández-García, J. C., & Castillo-Rodríguez, A. (2019). Does the psychological profile influence the position of promising young futsal players? *PLoS ONE*, 14(11), 1-12.
- Baillie, P. H. F., & Danish, S. J. (1992). Understanding the career transition of athletes. *The Sport Psychologist*, 6(1), 77-98.
- Baker, J. (2003). Early specialization in youth sport: A requirement for adult expertise? *High Ability Studies*, 14(1), 85-94.
- Baker, J., Horton, S., Robertson-Wilson, J., & Wall, M. (2003). Nurturing sport expertise: Factors influencing the development of elite athlete. *Journal of Sports Science & Medicine*, 2(1), 1-9.
- Baumbusch, J. (2010). Semi-structured interviewing in practice-close research. *Journal for Specialists in Pediatric Nursing*, 15(3), 255.
- Belling, P. K., Suss, J., & Ward, P. (2015). Advancing theory and application of cognitive research in sport: Using representative tasks to explain and predict skilled anticipation, decision-making, and option-generation behavior. *Psychology of Sport and Exercise*, 16(1), 45-59.
- Bird, C. M. (2005). How I stopped dreading and learned to love transcription. *Qualitative Inquiry*, 11(2), 226-248.
- Bloom, B. (1985). *Developing talent in young people*. New York: Plume.
- Boyatzis, R. E. (1998). *Transforming qualitative information: Thematic analysis and code development*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Bradley, B., Johnson, D., Hill, M., McGee, D., Kana-ah, A., Sharpin, C., Sharp, P., Kelly, A. L., Cumming, S. P., & Malina, R. M. (2019). Bio-banding in academy football: player's perceptions of a maturity matched tournament. *Annals of Human Biology*, 46(5), 400-408.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101.

- Bruner, M. W., Munroe-Chandler, K. J., & Spink, K. S. (2008). Entry into elite sport: A preliminary investigation into the transition experiences of rookie athletes. *Journal of Applied Sport Psychology, 20*(2), 236-252.
- Bryman, A. (2016). *Social research methods*. Oxford: Oxford University Press.
- Calvo, A. L., Luján, P. J. B., Galán, J. M. S., Sáiz, S. J., & Molinuevo, J. S. (2009). Career transition from junior to senior in basketball players. *Revista de Psicología del Deporte, 18*(3), 309-312.
- Clarke, V., & Braun, V. (2013). *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Cohen, L. R., Manion, L., & Morrison, K. (1980). *Research Methods in Education*. London: Routledge.
- Côté, J. (1999). The influence of the family in the development of talent in sport. *The Sport Psychologist, 13*(4), 395-417.
- Côté, J., & Gilbert, W. (2009). An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. *International Journal of Sports Science & Coaching, 4*(3), 307-323.
- Côté, J., & Hay, J. (2002). Children's involvement in sport: A developmental perspective. *Psychological Foundations of Sport, 484-502*.
- Côté, J., Lidor, R., & Hackfort, D. (2011). ISSP position stand: To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. *International Journal of Sport and Exercise Psychology, 9*, 7-17.
- Coutinho, P., Mesquita, I., & Fonseca, A. M. (2016). Talent development in sport: A critical review of pathways to expert performance. *International Journal of Sports Science & Coaching, 11*(2), 279-293.
- Cumming, S. P., Brown, D. J., Mitchell, S., Bunce, J., Hunt, D., Hedges, C., Crane, G., Gross, A., Scott, S., Franklin, E., Breakspear, D., Dennison, L., White, P., Cain, A., Eisenmann, J. C., & Malina, R. M. (2017). Premier League academy soccer players' experiences of competing in a tournament bio-banded for biological maturation. *Journal of Sports Sciences, 36*(7), 757-765.

- Eys, M. A., Loughhead, T. M., Bray, S. R., & Carron, A. V. (2009). Perceptions of cohesion by youth sport participants. *The Sport Psychologist*, 23(3), 330-345.
- Figueiredo, A. J., Coelho e Silva, M. J., & Malina, R. M. (2011). Predictors of functional capacity and skill in youth soccer players. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, 21(3), 446-454.
- Figueiredo, A. J., Gonçalves, C. E., Coelho e Silva, M. J., & Malina, R. M. (2009). Characteristics of youth soccer players who drop out, persist or move up. *Journal of Sports Sciences*, 27(9), 883-891.
- Finn, J., & McKenna, J. (2010). Coping with academy-to-first-team transitions in elite English male team sports: The coaches' perspective. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 5(2), 257-279.
- Flyvbjerg, B. (2011). Case study. In N. K. D. Y. S. Lincoln (Ed.), *The SAGE handbook of qualitative research* (pp. 301-316). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Ford, P. R., Ward, P., Hodges, N. J., & Williams, A. M. (2009). The role of deliberate practice and play in career progression in sport: the early engagement hypothesis. *High Ability Studies*, 20(1), 65-75.
- Ford, P. R., & Williams, A. M. (2012). The developmental activities engaged in by elite youth soccer players who progressed to professional status compared to those who did not. *Psychology of Sport and Exercise*, 13(3), 349-352.
- Franck, A. (2018). *The junior-to-senior transition in Swedish athletes: A longitudinal study*. Växjö: Linnaeus University Press.
- Franck, A., Stambulova, N. B., & Ivarsson, A. (2018). Swedish athletes' adjustment patterns in the junior-to-senior transition. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 16(4), 398-414.
- Franck, A., Stambulova, N. B., & Weibull, F. (2016). Profiles of personal characteristics and relevant pathways in the junior-to-senior transition: A longitudinal study of Swedish athletes. *International Journal of Sport Psychology*, 47(6), 483-507.

- Gledhill, A., & Harwood, C. (2015). A holistic perspective on career development in UK female soccer players: A negative case analysis. *Psychology of Sport and Exercise*, 21, 65-77.
- Goldman, D. E., Turnnidge, J., Kelly, A. L., deVos, J., & Côté, J. (2021). Athlete perceptions of playing-up in youth soccer. *Journal of Applied Sport Psychology*, 34(4), 862-885.
- Graça, A., & Mesquita, I. (2002). A investigação sobre o ensino dos jogos desportivos: ensinar e aprender as habilidades básicas do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2(5), 67-79.
- Haugaasen, M., Toering, T., & Jordet, G. (2014). From childhood to senior professional football: A multi-level approach to elite youth football players' engagement in football-specific activities. *Psychology of Sport and Exercise*, 15(4), 336-344.
- Henriksen, K., & Stambulova, N. B. (2017). Creating optimal environments for talent development: A holistic ecological approach. In S. C. J. Baker, J. Schorer & N. Wattie (Ed.), *Routledge handbook of talent identification and development in sport* (pp. 270-284). London: Routledge.
- Henriksen, K., Stambulova, N. B., & Roessler, K. K. (2010a). Holistic approach to athletic talent development environments: A successful sailing milieu. *Psychology of Sport and Exercise*, 11(3), 212-222.
- Henriksen, K., Stambulova, N. B., & Roessler, K. K. (2010b). Successful talent development in track and field: Considering the role of environment. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, 20(2), 122-132.
- Henriksen, K., Stambulova, N. B., & Roessler, K. K. (2011). Riding the wave of an expert: A successful talent development environment in kayaking. *The Sport Psychologist*, 25(3), 341-362.
- Kannekens, R., Elferink-Gemser, M. T., & Visscher, C. (2011). Positioning and deciding: key factors for talent development in soccer. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, 21(6), 846-852.
- Kelly, A. L., & Williams, C. A. (2020). Physical characteristics and the talent identification and development processes in male youth soccer: A narrative review. *Strength & Conditioning Journal*, 42(6), 15-34.

- Kelly, A. L., Wilson, M. R., Jackson, D. T., Goldman, D. E., Turnnidge, J., Côté, J., & Williams, C. A. (2020a). A multidisciplinary investigation into “playing-up” in academy football according to age phase. *Journal of Sports Sciences*, 39(8), 854-864.
- Kelly, A. L., Wilson, M. R., Jackson, D. T., Turnnidge, J., & Williams, C. A. (2021). Speed of thought and speed of feet: Examining perceptual-cognitive expertise and physical performance in an English football academy. *Journal of Science in Sport and Exercise*, 3(1), 88-97.
- Kelly, A. L., Wilson, M. R., Jackson, D. T., & Williams, C. A. (2020b). Technical testing and match analysis statistics as part of the talent development process in an English football academy. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 20(6), 1035-1051.
- Kite, R. J., Noon, M. R., Morris, R., Mundy, P., & Clarke, N. D. (2022). British Soccer Academy personnel perceive psychological and technical/tactical attributes as the most important contributors to development. *Journal of Science in Sport and Exercise*, 4(1), 37-48.
- Lago-Peñas, C., Rey, E., Casáis, L., & Gómez-López, M. (2014). Relationship between performance characteristics and the selection process in youth soccer players. *Journal of Human Kinetics*, 40(1), 189-199.
- Lefebvre, J. S., Evans, M. B., Turnnidge, J., Gainforth, H. L., & Côté, J. (2016). Describing and classifying coach development programmes: A synthesis of empirical research and applied practice. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 11(6), 887-899.
- Macnamara, Á., & Collins, D. (2011). Development and initial validation of the Psychological Characteristics of Developing Excellence Questionnaire. *Journal of Sports Sciences*, 29(12), 1273-1286.
- Macnamara, Á., & Collins, D. (2013). Do mental skills make champions? Examining the discriminant function of the psychological characteristics of developing excellence questionnaire. *Journal of Sports Sciences*, 31(7), 736-744.
- Malina, R. M., Cumming, S. P., Rogol, A. D., Coelho-e-Silva, M. J., Figueiredo, A. J., Konarski, J. M., & Kozieł, S. M. (2019). Bio-banding in youth sports:

- Background, concept, and application. *Sports Medicine*, 49(11), 1671-1685.
- Malina, R. M., Rogol, A. D., Cumming, S. P., Coelho e Silva, M. J., & Figueiredo, A. J. (2015). Biological maturation of youth athletes: Assessment and implications. *British Journal of Sports Medicine*, 49(13), 852-859.
- Malmqvist, J., Hellberg, K., Möllås, G., Rose, R., & Shevlin, M. (2019). Conducting the pilot study: A neglected part of the research process? Methodological findings supporting the importance of piloting in qualitative research studies. *International Journal of Qualitative Methods*, 18, 1-11.
- Martindale, R., Collins, D., & Daubney, J. (2005). Talent development: A guide for practice and research within sport. *Quest*, 57(4), 353-375.
- Martindale, R., & Mortimer, P. (2011). Talent development environments. In A. B. H. R. D. Collins (Ed.), *Performance psychology* (pp. 65-84). Edinburgh: Churchill Livingstone.
- McPherson, S. L. (1994). The development of sport expertise: Mapping the tactical domain. *Quest*, 46(2), 223-240.
- Mertens, D., & Ginsberg, P. (2009). *The handbook of social research ethics* (1^a ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Morgan, S. J., Pullon, S. R. H., Macdonald, L. M., McKinlay, E. M., & Gray, B. V. (2017). Case study observational research: A framework for conducting case study research where observation data are the focus. *Qualitative Health Research*, 27(7), 1060-1068.
- Morris, R., Tod, D., & Eubank, M. (2016a). From youth team to first team: An investigation into the transition experiences of young professional athletes in soccer. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 15(5), 523-539.
- Morris, R., Tod, D., & Oliver, E. (2014). An analysis of organizational structure and transition outcomes in the youth-to-senior professional soccer transition. *Journal of Applied Sport Psychology*, 27, 216-234.
- Morris, R., Tod, D., & Oliver, E. (2016b). An investigation into stakeholders' perceptions of the youth-to-senior yransition in professional soccer in the United Kingdom. *Journal of Applied Sport Psychology*, 28(4), 375-391.

- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative research & evaluation methods* (3^a ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Pehrson, S., Stambulova, N. B., & Olsson, K. (2017). Revisiting the empirical model 'Phases in the junior-to-senior transition of Swedish ice hockey players': External validation through focus groups and interviews. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 12(6), 747-761.
- Persson, H. T. R. (2011). Good governance and the Danish Football Association: Between international and domestic sport governance. *International Journal of Sport Policy and Politics*, 3(3), 373-384.
- Polit, D. F., & Beck, C. T. (2010). Generalization in quantitative and qualitative research: myths and strategies. *Internacional Journal of Nursing Studies*, 47(11), 1451-1458.
- Pummell, E. K. L. (2008). *Junior to senior transition: Understanding and facilitating the process*. Loughborough: E. K. L. Pummell. Dissertação de Doutorado apresentada a Loughborough University.
- Rabionet, S. E. (2011). How I learned to design and conduct semi-structured interviews: An ongoing and continuous journey. *Qualitative Report*, 16(2), 563-566.
- Relvas, H. (2010). *A qualitative exploration of the transition from youth to professional football across Europe: A critique of structures, support mechanisms and practitioner roles*. Liverpool: H. Relvas. Dissertação de Doutorado apresentada a Liverpool John Moores University
- Relvas, H., Littlewood, M., Nesti, M., Gilbourne, D., & Richardson, D. (2010). Organizational structures and working practices in elite European professional football clubs: Understanding the relationship between youth and professional domains. *European Sport Management Quarterly*, 10(2), 165-187.
- Ribeiro, J., Davids, K., Silva, P., Coutinho, P., Barreira, D., & Garganta, J. (2021). Talent development in sport requires athlete enrichment: Contemporary insights from a nonlinear pedagogy and the athletic skills model. *Sports Medicine*, 51(6), 1115-1122.

- Richardson, D., Littlewood, M., Nesti, M., & Benstead, L. (2012). An examination of the migratory transition of elite young European soccer players to the English Premier League. *Journal of Sports Sciences*, 30(15), 1605–1618.
- Riessman, C. K. (1993). *Narrative analysis* (Vol. 30). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Røynesdal, Ø., Toering, T., & Gustafsson, H. (2018). Understanding players' transition from youth to senior professional football environments: A coach perspective. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 13(1), 26-37.
- Rubin, H. J., & Rubin, I. S. (2011). *Qualitative interviewing: The art of hearing data*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Salmela, J. H. (1994). Phases and transitions across sport careers. *Psycho-Social Issues and Interventions in Elite Sport*, 1, 11-28.
- Sandelowski, M. (2000). Focus on research methods: Whatever happened to qualitative description. *Research in Nursing & Health*, 23(4), 334-340.
- Sarmiento, H., Anguera, M. T., Pereira, A., & Araújo, D. (2018). Talent identification and development in male football: A systematic review. *Sports Medicine*, 48(4), 907-931.
- Schlossberg, N. K. (1981). A model for analyzing human adaptation to transition. *The Counseling Psychologist*, 9(2), 2-18.
- Schlossberg, N. K. (1984). *Counseling adults in transition*. New York: Springer.
- Schwandt, T. A. (2015). *The SAGE dictionary of qualitative inquiry* (4^a ed.). Thousand Oaks, California: Sage Publications.
- Sinclair, D. A., & Orlick, T. (1994). The effects of transition on high performance sport. *Psycho-Social Issues and Interventions in Elite Sports*, 1, 29-56.
- Stambulova, N. B. (1994). Developmental sports career investigations in Russia: A post-perestroika analysis. *The Sport Psychologist*, 8(3), 221-237.
- Stambulova, N. B. (2003). Symptoms of a crisis-transition: A grounded theory study. In N. Hassmen (Ed.), *SIPF Yearbook 2003* (pp. 97-109). Örebro, Sweden: Örebro University Press.
- Stambulova, N. B. (2016). Theoretical developments in career transition research: Contributions of European Sport Psychology. In M. Raab, P.

- Wylleman, R. Seiler, A. Elbe & A. Hatzigeorgiadis (Eds.), *Sport and exercise psychology research* (pp. 251-268). San Diego, CA: Academic Press.
- Stambulova, N. B. (2017). Crisis-transitions in athletes: Current emphases on cognitive and contextual factors. *Current Opinion in Psychology*, 16, 62-66.
- Stambulova, N. B., Pehrson, S., & Olsson, K. (2017). Phases in the junior-to-senior transition of Swedish ice hockey players: From a conceptual framework to an empirical model. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 12(2), 231-244.
- Stambulova, N. B., Ryba, T. V., & Henriksen, K. (2020). Career development and transitions of athletes: The International Society of Sport Psychology position stand revisited. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 19(4), 524-550.
- Stambulova, N. B., & Samuel, R. D. (2019). Career Transitions. In D. H. R. J. Schinke (Ed.), *Routledge encyclopedia of sport and exercise psychology* (pp. 119-134). London: Routledge.
- Stambulova, N. B., & Wylleman, P. (2014). Athletes' career development and transitions. In A. P. D. Hackfort (Ed.), *Routledge companion to sport and exercise psychology: Global perspectives and fundamental concepts* (pp. 605–620). London: Routledge.
- Stambulova, N. B., & Wylleman, P. (2015). Dual career development and transitions. *Psychology of Sport and Exercise*, 21, 1-3.
- Swain, D. A. (1991). Withdrawal from sport and Schlossberg's model of transitions. *Sociology of Sport Journal*, 8(2), 152-160.
- Swainston, S. C., Wilson, M. R., & Jones, M. I. (2020). Player experience during the junior to senior transition in professional football: A longitudinal case study. *Frontiers in Psychology*, 11, 1-14.
- Taylor, G. R. (2005). *Integrating quantitative and qualitative methods in research*. Boston: University Press of America.
- Taylor, J., & Ogilvie, B. C. (1994). A conceptual model of adaptation to retirement among athletes. *Journal of Applied Sport Psychology*, 6(1), 1-20.

- The Football Association. (2014). England DNA philosophy. *The Football Association* Consult. 13/10/2022, disponível em <https://www.thefa.com/news/2014/dec/04/england-dna-launch>
- The Football Association. (2020). The FA 4 Corner Model. *The Football Association* Consult. 13/10/2022, disponível em <https://learn.EnglandFootball.com/articles/resources/2022/the-fa-4-corner-model>
- Thomas, J. R., Martin, P., Etnier, J. L., & Silverman, S. J. (2015). *Research methods in physical activity* (3^a ed.). Champaign: Human kinetics.
- Tuckett, A. G. (2005). Applying thematic analysis theory to practice: A researcher's experience. *Contemporary Nurse*, 19(1-2), 75-87.
- Turner III, D. W. (2010). Qualitative interview design: A practical guide for novice investigators. *The Qualitative Report*, 15(3), 754-760.
- Vaeyens, R., Malina, R. M., Janssens, M., Van Renterghem, B., Bourgois, J., Vrijens, J., & Philippaerts, R. M. (2006). A multidisciplinary selection model for youth soccer: The Ghent Youth Soccer Project. *British Journal of Sports Medicine*, 40(11), 928-934.
- Weed, M. (2009). Research quality considerations for grounded theory research in sport & exercise psychology. *Psychology of Sport and Exercise*, 10(5), 502-510.
- Werthner, P., & Orlick, T. (1986). Retirement experiences of successful Olympic athletes. *International Journal of Sport Psychology*, 17(5), 337-363.
- Wylleman, P., & Lavallee, D. (2004). A developmental perspective on transitions faced by athletes. In M. R. Weiss (Ed.), *Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective* (pp. 507-527). Morgantown: Fitness Information Technology.
- Wylleman, P., Lavallee, D., & Alfermann, D. (1999). *Career transitions in competitive sports* (Vol. 1). Biel: FEPSAC.
- Wylleman, P., Reints, A., & De Knop, P. (2013). A developmental and holistic perspective on athletic career development. In P. S. V. D. Bosscher (Ed.), *Managing high performance sport* (pp. 191-214). Oxford: Routledge.

Wylleman, P., & Rosier, N. (2016). Holistic perspective on the development of elite athletes. In M. Raab & R. S. P. Wylleman, A.-M. Elbe, & A. Hatzigeorgiadis (Eds.), *Sport and exercise psychology research: From theory to practice* (pp. 269-288). London: Elsevier.